

A DESCOBERTA DA VERDADEIRA FELICIDADE

ENCONTRANDO O SENTIDO



HELTON NEVES



CHIADO
BOOKS



VIAGENS FILOSÓFICAS





www.chiadobooks.com

Uma Editora para todos!

Conjunto Nacional, cjs. 2113, 2114 e 2115, Avenida Paulista 2073,
Edifício Horsa 1, CEP 01311-300 São Paulo, **Brasil**

Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, **Portugal**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Chiado Books, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações contacte: comercial@chiadobooks.com

Para informações sobre envio de originais contacte: originais@chiadobooks.com

© 2021, Helton Neves e Chiado Books

E-mail: geral@chiadobooks.com

Título: Encontrando o Sentido

Editor: Tatiana Montenegro

Coordenador Editorial: Vasco Duarte

Capa: Vasco Duarte

Composição Gráfica: Manuela Duarte

Revisão: Helton Neves

1.ª Edição: Agosto, 2021

ISBN: 978-989-37-1219-1

HELTON NEVES

ENCONTRANDO O SENTIDO



PORTUGAL | BRASIL | ANGOLA | CABO VERDE

Sumário

CAPÍTULO 1 – UM INCÔMODO VAZIO 11

CAPÍTULO 2 – OS PENSADORES E O SENTIDO DA VIDA 17

CAPÍTULO 3 – UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA 25

CAPÍTULO 4 – PENSADORES: A FELICIDADE COMO SENTIDO DE EXISTÊNCIA 37

CAPÍTULO 5 – PENSADORES: A FELICIDADE NÃO PASSA DE UMA ILUSÃO 45

CAPÍTULO 6 – PENSADORES: A FELICIDADE NÃO DURA MAIS DO QUE UM MOMENTO 51

CAPÍTULO 7 – DEFINIÇÃO DE FELICIDADE PELA FILOSOFIA 59

CAPÍTULO 8 – UMA DECISÃO IMPORTANTE 83

CAPÍTULO 9 – A RAZÃO NÃO É O LIMITE 91

CAPÍTULO 10 – A HISTÓRIA DO REI BONDOSO 97

CAPÍTULO 11 – QUANDO NOS PERDEMOS 105

CAPÍTULO 12 – A FELICIDADE E O SENTIDO EM DEUS — ALGUNS PENSADORES 117

CAPÍTULO 13 – POR QUE O SENTIDO E A FELICIDADE ESTÃO EM DEUS? 133

CAPÍTULO 14 – O QUE É A FELICIDADE EM DEUS? 147

CAPÍTULO 15 – CAINDO NA REAL: SÓ TEMOS UMA CHANCE 199

CAPÍTULO 16 – A DEMONSTRAÇÃO DO AMOR DE DEUS 205

CAPÍTULO 17 – TESTEMUNHAS DE UM RESGATE PARTE 1 – MÁRTIRES 219

**CAPÍTULO 18 – TESTEMUNHAS DE UM RESGATE PARTE 2 –
PENSADORES 239**

CAPÍTULO 19 – CAMINHANDO DE VOLTA 259

CAPÍTULO 20 – UM MARAVILHOSO PRESENTE 273

**CAPÍTULO 21 – A FELICIDADE, O SOFRIMENTO E A
TRANSITORIEDADE 283**

Dedicatória

Dedico essa obra primeiramente a Deus para o qual devo a razão da minha existência. Responder ao seu amor foi o principal motivo que me fez escrever. Ele é a fonte de toda alegria, bondade e inspiração. Dedico também às minhas amadas esposa e filha, pelo amor, dedicação e companheirismo que sempre me deram suporte nessa jornada e aos meus amados pais e irmã, pelo carinho, cuidado e influência que me fizeram chegar até aqui.

SEÇÃO I
A SENSACÃO DE FALTA

CAPÍTULO 1

Um incômodo vazio

“O que estamos fazendo aqui? Existe algum sentido em tudo o que acontece? Para onde vamos depois da morte? Você não sente que algo está faltando?” São perguntas não raras que pessoas comuns se fazem no decorrer da vida e que dificilmente são respondidas ao longo dela. Você já se fez alguma pergunta assim? Obteve alguma resposta?

Penso que a sensação que é conhecida popularmente como “vazio existencial” não é um privilégio daqueles que gostam de pensar um pouco mais profundamente nas “questões da vida” ou daqueles que dedicaram seu tempo estudando esse tipo de dilema como os filósofos e grandes pensadores das muitas fases da humanidade. É possível perceber essa fome por respostas presente na alma humana nas diversas fases do desenvolvimento. Por exemplo, quando uma criança faz a fatídica e inescapável pergunta para seus pais: “De onde vêm os bebês?”, ou quando o jovem que entra na famosa crise existencial começa a se questionar: “O que vou fazer da vida? Quais são as minhas habilidades? Para o que eu sirvo?”, ou ainda quando o adulto, já com certa bagagem de sucessos e fracassos, se pergunta: “Qual é o propósito da minha vida? Qual é o sentido de tudo isto?”, e, por fim, quando o idoso — um pouco mais inclinado a filosofar (até porque, teoricamente, tem mais tempo para isso) — começa a trazer à memória suas realizações e frustrações: pessoas que amou, família (ou famílias) que constituiu ou que deixou de constituir, sonhos da mais tenra juventude que viraram realidade, outros que não passaram de um devaneio e ainda outros que não aconteceram exatamente da forma como foram concebidos. Para esse mais experiente peregrino, começam a emergir questões que podem ser ainda mais aterradoras: “Fiz algo de útil? Fiz alguma diferença nesta viagem? E agora, que sinto o fim chegar, para onde vou? Isso tudo fez algum sentido?”

Esse tipo de conflito interno a respeito do sentido das coisas parece ser algo inerente à raça humana que busca o tempo todo responder às mais diversas questões da vida. Não é por acaso que a tecnologia avança a passos largos. Se pararmos para pensar, sempre foi assim — pessoas questionando o sentido das coisas e procurando respostas para os problemas que se apresentam no dia a dia.

O que podemos dizer de nossos poetas que não se cansam de procurar em seus versos algum sentido para esta louca viagem que se chama vida? Veja a reflexão de Carlos Drummond de Andrade:

Por que nascemos para amar, se vamos morrer? Por que morrer, se amamos? Por que falta sentido ao sentido de viver, amar, morrer?¹

Músicos que compõem, tocam e cantam melodias que ecoam o som dos questionamentos que fazem bater o coração humano:

Porque se existe outra vida (Ora pro Nobis) Não mostra pra gente de vez Por que que nos deixa nos escuro Se a luz ele mesmo que fez?²

O que é que tem sentido nesta vida Não vai ser casa e comida Cama fofa, cobertor Não vai ser ficar mirando os astros Ou então andar de rastros Pelas sendas do senhor Para muitos é o dinheiro Ir de janeiro a janeiro De pé no acelerador Eu sinceramente, preferia Uma vida de poesia Na vigília de um amor Há quem creia em ter status Sair em fotos & fatos Ter ações ao portador Eu só acredito em liberdade E estar sempre com saudade De viver um grande amor³

Escritores que se inspiram nessa busca para tecer novelas, contos, romances e filmes a fim de tentar responder ou, ao menos, refletir sobre esse tema polêmico. Nós precisamos encontrar sentido nas coisas. Isso está incontavelmente dentro de nós.

Se você é como eu, provavelmente este assunto vai te incomodar um pouco mais do que incomoda a outras pessoas. Na minha adolescência, isso foi um grande problema, já que um vazio existencial tomou conta dos meus dias enquanto eu cursava os últimos anos do ensino médio. Eu sentia uma verdadeira falta de sentido que se impôs a mim como um parasita que se

alimenta de alegria e otimismo. Esse sentimento tornava os meus dias mais cinzas do que realmente eram e me assombrava com a ideia de que eu não seria capaz de ser feliz, já que tudo parecia carente de sentido. Ao menos esse tempo me rendeu algumas poesias. Quem gosta do gênero melancólico/dramático iria se esbaldar com elas, mas acho que não é um gênero muito popular hoje em dia. O interessante nessas poesias é que, em cada uma delas, um verso ou outro expressavam uma necessidade de encontrar sentido. É como se meu coração despejasse nas folhas o drama de não entender o que está acontecendo, mas ao mesmo tempo gritasse: “Será que um dia vou descobrir onde tudo isto vai dar?”

Por acaso você já se sentiu assim alguma vez? Talvez você esteja se sentindo assim neste momento. Seu coração anseia por respostas e você pensa que elas estão em algum lugar por aí, inacessíveis, se é que elas realmente existem, e, assim como aconteceu comigo, você já não vê mais sentido em tudo o que acontece, e isso, de certa forma, tem roubado sua alegria e desejo de viver. Talvez não. Se isso pareceu um tanto dramático, pode ser que você seja apenas o tipo de pessoa que precisa encontrar nexos nas coisas. Não saber dos grandes segredos da existência humana não te incomoda tanto, mas ainda assim você sente que algo está faltando. Uma peça do quebra-cabeça. É uma SENSACÃO DE FALTA que rodeia o seu coração quando aqueles momentos mais filosóficos te pegam de assalto. Pois é, a busca de sentido parece ser algo inescapável para seres humanos.

Agora, raciocine comigo: se pessoas, como nós, que não têm tempo nem para pensar acerca dos problemas do dia a dia (coisas como: Será que o dinheiro vai dar? O que as pessoas acham de mim? Onde vou arrumar tempo para fazer tudo o que preciso? O que vai acontecer com o César Augusto no capítulo de hoje?), se nós nos percebemos, em determinados momentos, filosofando sobre a vida, imagine, então, o que se passou pela cabeça dos grandes pensadores e estudiosos do comportamento humano acerca desse assunto. Você não acha interessante bisbilhotar a cabeça desses

gênios e vasculhar o que eles pensavam sobre este tema tão controverso? Será que filósofos e estudiosos se questionavam sobre essas coisas? Por acaso tiveram mais sorte do que nós e encontraram alguma resposta? Vamos matar a nossa curiosidade.

¹ ANDRADE, 2015, p. 32.

² Trecho extraído da música “A Lógica da criação” – Oswaldo Montenegro.

³ “O que é que tem sentido nesta vida” – Vinícius de Moraes e Edu Lobo.

CAPÍTULO 2

Os pensadores e o sentido da vida

Meu objetivo não é expor toda a elaborada filosofia desses seres pensantes, mas fazer um pequeno recorte da parte que nos interessa: o que eles pensavam do sentido da vida. Minha intenção é trazê-los, tanto leitores quanto pensadores, a uma roda de conversa, por isso não se assuste com o grande número de citações trazidas transcrevendo diretamente o que eles pensavam.

Schopenhauer

Vamos começar com Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX. Esse renomado pensador, procurando por um sentido na existência humana, afirmava que tudo o que existe se move pela vontade, e essa vontade é completamente desprovida de um sentido que extrapole o objetivo de satisfazer-se. Assim que estão conscientes de que querem alguma coisa, os homens pensam apenas em consegui-la, e passam a vida assim. Para ele, não existe um propósito maior que explique a existência do ser humano na terra. Seu pensamento se desenvolve com base na ideia de que a humanidade está aí, correndo de um lado para o outro simplesmente para saciar sua vontade. Ele afirma que essa vontade não é apenas racional. Ela nasce por uma necessidade do corpo, que usa a razão para escolher sistematicamente o caminho para que seja satisfeita, e, quando isso acontece, outras vão surgindo e, assim, o ser humano se torna escravo desse círculo vicioso sem fim. Reflita você mesmo sobre as palavras de Schopenhauer e dê o seu veredito:

Desde o primeiro despertar da consciência o homem se acha dotado de volição, e em regra geral a inteligência lhe permanece em constante relação com a vontade. Começa por procurar conhecer perfeitamente os objetos do seu querer e, depois, os meios para atingi-los. Sabe, então, o que deve fazer e não aspira comumente a saber outra coisa. Age e se exaure. A consciência de trabalhar sempre conformemente ao escopo do seu querer, sustenta -lhe as forças e a atividade; não pensa mais do que na escolha dos meios. Tal é a vida da maior parte

dos homens.⁴

Nietzsche

Outro pensador que discorreu a respeito do sentido da vida foi o filósofo alemão [Friedrich Nietzsche](#). Para alguns, ele foi um dos seres pensantes mais pessimistas de todos os tempos. Não é para menos. Para Nietzsche, o mundo não tem sentido a não ser aquele que damos a ele, e tudo no mundo é desprovido de moralidade, ordem, fundamento e motivação. Para ele, estes conceitos não passam de concepções humanas, acessórios do instinto e da necessidade de perpetuar a espécie. Essas concepções vão passando de geração a geração e se tornam um arcabouço cultural construído pela percepção humana acerca do mundo exterior que em si mesmo não está indo para direção alguma, apenas existindo. Em outras palavras, o universo não está ligando se o ser humano quer atribuir algum sentido a ele ou um objetivo maior à existência, seus elementos simplesmente existem em um momento e deixam de existir no momento seguinte. Veja por si mesmo:

A condição geral do mundo é, pelo contrário, desde toda a necessidade, o caos, não pela ausência de uma necessidade, mas no sentido de uma falta de ordem, estrutura, de forma, de beleza, de sabedoria e de outras categorias estéticas humanas [...] Não é perfeito nem belo, nem nobre, e não quer transformar-se em nada disso, não tende em absoluto a imitar o homem! Não é tocado por nenhum de nossos juízos estéticos e morais! [...] ⁵Ninguém mais que nós foi o inventor de tais ficções como: a causa, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a necessidade, o número, a lei, a liberdade, a razão, o fim, e quando introduzimos falsamente nas “coisas” este mundo de símbolos inventados, quando o incorporamos às coisas como se lhes, pertencesse “em si” mais uma vez, como sempre fizemos, criamos uma mitologia.⁶

Para Schopenhauer, a vontade do ser dá sentido à sua existência. Para Nietzsche, a vontade se manifesta por consequência de uma necessidade instintual e de perpetuação da espécie, mas nem mesmo ela dá algum sentido para a vida ainda que essa vontade seja uma motivação para os seres continuarem fazendo o que fazem. Quando Nietzsche afirma que nós criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade e assim por diante, ele quer dizer que nós atribuímos valor qualitativo aos objetos de um mundo desprovido de tal valor. Se existe alguma moral, ética ou sentido em tudo o

que existe, isso só acontece porque nós assim o queremos e decidimos arbitrariamente dessa forma.

Freud

O médico austríaco Sigmund Freud tem uma perspectiva interessante sobre esse assunto. É relevante destacar o que ele pensou acerca do tema, porque ele fundou o que, em nossos dias, é considerado um dos ramos da Psicologia — a Psicanálise. Freud conseguiu, como poucos, perceber o comportamento humano a partir de sua vasta experiência e prática clínica, o que o coloca, a meu ver, em uma posição privilegiada no que diz respeito ao modo de pensar e de agir do ser humano.

Para Freud, o ser humano só quer saber de uma coisa, e é nela que ele encontra o seu propósito: ser feliz. Ele chama esse conceito comportamental de princípio do prazer:

Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. **Z**Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início.⁸

Segundo ele, o ser humano é feliz quando obtém prazer e evita o desprazer. Nessa busca, a raça humana se depara com uma realidade exterior que faz oposição aos seus anseios por felicidade, diminuindo, assim, o grau de intensidade com que ela persegue esse objetivo. Trocando em miúdos, nós queremos muito ser felizes, mas, ao nos depararmos com a realidade externa, esse desejo vai perdendo força, até que acabamos nos conformando em apenas não nos sentirmos infelizes. Freud explica que a oposição que limita a nossa felicidade se manifesta de três formas: na fragilidade do corpo humano, que a cada dia vai se desgastando e causa sofrimento através das doenças e debilidades; no mundo externo com todas as ameaças naturais que podem causar sofrimento ao homem e são

inevitáveis; e, finalmente, no relacionamento com os outros seres humanos, que pode ser motivo de sofrimento físico e emocional. Nas palavras dele:

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade — tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade —, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano.²

Em linhas gerais, conseguimos perceber como as ideias desses pensadores vão se entrelaçando e sendo construídas, uma sobre a outra, como tijolos em um edifício. Schopenhauer afirmou que o sentido da vida de um ser humano é realizar sua vontade. Nietzsche concorda com essa ideia, afirmando que a vontade é resultado do instinto e da preservação da espécie. Freud descreve em que sentido essa vontade instintiva trabalha: ela sempre procura a felicidade ou o prazer. A esta altura, podemos nos perguntar: essas afirmações resolvem o problema do sentido da vida ou da sensação de falta?

Vimos que Schopenhauer acreditava que a satisfação da vontade era o único sentido existente. Já Nietzsche valida a existência da vontade como força motora do ser, mas discorda que ela tenha sentido em si mesma, aliás, podemos lembrar que ele não conseguiu encontrar sentido em nada do que o ser humano faz e muito menos no universo. Segundo ele, toda qualidade atribuída pelo ser humano a algo é mera invenção de sua cabeça, pois o mundo, por si só, não está indo para lugar algum e tudo é tolice. Podemos dizer que Freud fica no meio do caminho. Ele acreditava que existe sentido em se buscar a felicidade, visto ser ela um programa inato existente dentro do homem (princípio do prazer), porém o prognóstico dado pelo pensador é sombrio. A ideia central de seu artigo “O mal-estar da civilização” tenciona provar que existem duas forças agindo dentro do ser humano, e esse conflito impede que ele seja plenamente feliz, ou seja, que cumpra o seu propósito. Se por um lado, pressionado pelo princípio do prazer, o ser humano tende a

querer fazer tudo o que seu instinto pede (e ser, em tese, completamente feliz), por outro lado, pressionado pelo princípio da realidade, ele acaba se adequando às leis morais da civilização em troca da aceitação social e da segurança que ela traz. Resumindo: o sentido é ser feliz, mas a felicidade plena é impossível para o homem por causa da realidade em que vivemos.

Basicamente, esses pensadores entendem que nós nos movemos por uma vontade instintiva à procura da satisfação, mas esta satisfação é meta inalcançável — vazio interminável.

⁴ SCHOPENHAUER, p. 41.

⁵ NIETZSCHE, 1886, p. 32.

⁶ NIETZSCHE, 1882, p. 118.

⁷ FREUD, 1930, p. 50.

⁸ FREUD, 1930, p. 47.

⁹ FREUD, 1930, p. 50.

CAPÍTULO 3

Uma perspectiva psicanalítica

Sobre a sensação de falta, que muitas vezes nos atormenta, tanto Freud quanto o psicanalista francês Jacques Lacan elaboram uma teoria interessante a respeito identificada no desenvolvimento humano. Essa tese afirma que o desejo insaciável nasce através de uma sensação de falta provocada na infância quando a mãe (ou figura que a represente), em determinado ponto da vida, deixa de fazer todas as vontades da criança e ela começa a perceber que nem tudo vai acontecer da forma que deseja. Esse processo acontece assim: a primeira vez que a mãe faz a vontade do bebê, quando provê o alimento, por exemplo, satisfaz uma necessidade física e cria, pela primeira vez, um registro de saciedade psicológica atrelada à necessidade fisiológica — toda vez que a criança tem a necessidade física, junto com ela aparece a necessidade de satisfação psicológica, e, cada vez que o bebê satisfaz suas necessidades físicas (normalmente pela mãe), ele satisfaz esse desejo psicológico. Quando a mãe começa o desmame ou inicia o processo de separação e ele entende que sua genitora não vai atender mais a todos os seus desejos, fica nele uma sensação de falta.

Complementando essa ideia, a teoria psicanalítica vai afirmar que essa sensação psicológica de falta, gerada na infância, se perpetua pelo resto da vida e apenas troca de objeto. A criança não tem mais toda a atenção da mãe, então passa a substituí-la, por uma chupeta, um cobertor, um boneco, que não larga de jeito nenhum. Depois, conforme vai se desenvolvendo, projeta esse objeto de desejo: na aceitação dos amigos da escola, como normalmente acontece na infância e adolescência; na carreira ou uma boa faculdade, que é comum acontecer na juventude; na constituição de família ou sucesso no trabalho, mais comum acontecer na fase adulta; em uma boa aposentadoria quando chega à velhice. São exemplos ilustrativos, mas que expressam como essa busca por algo que está faltando se perpetua no ser

humano, que nunca está satisfeito. Na visão de Lacan, a pessoa conquista algo, aprecia seu sucesso por um momento e logo sente a necessidade de obter outra conquista, porque a sensação de falta permanece. Ele chama esse fenômeno de processo metonímico, porque a busca pela satisfação plena que se dá na conquista de um objeto de satisfação vai fazer com que a pessoa pule de um objeto a outro em um ciclo de substituição. A pessoa pensa: “Conquistei meu emprego, agora preciso de um carro. Conquistei meu carro, agora preciso de uma casa. Conquistei a casa, agora preciso de um cônjuge. Conquistei o cônjuge, agora preciso de filhos...” etc. Esse é só um fio da meada.

A explicação psicanalítica para isso é que, quando essa ruptura na infância acontece, fica no indivíduo um registro na mente que reflete essa sensação de falta, portanto a pessoa conseguirá alcançar seus objetivos, mas nunca saciar essa sensação, que é uma necessidade psicológica, e não fisiológica, mental, e não material. Nesse sentido, Lacan não é muito otimista: essa sensação de falta ou busca por esse objeto de satisfação plena vai permanecer insaciável até a morte.

Não sei dizer se é exatamente daí que surge a tal sensação de falta. O que sei é que essa exposição da psicanálise traduz muito do que acontece em nossos dias, principalmente no contexto do capitalismo voraz que nos açoitava e nos rodeia. Não é difícil perceber a verdade desse princípio no comportamento da nossa sociedade atual. Basta olhar de forma um pouco mais atenta e enxergar pessoas que não se satisfazem com um “carro-modelo-ano-passado” e já trocam de carro assim que vira o ano, ou ainda pessoas que já não querem saber do “celular-modelo-mês-passado” e o substituem pela primeira atualização de mercado daquela marca. Podemos, de forma imaginativa, pensar no discurso do insatisfeito, se alguém, ousadamente, se atrevesse a questioná-lo:

— Mas, fulano, o seu carro não continua andando e te levando para onde você quer ir? Por que ele não te satisfaz mais?

— Veja, beltrano, é uma questão muito complexa... É que este carro é mais confortável, chega a uma velocidade maior em menos tempo, tem isto, tem aquilo e aquilo outro...

No ano seguinte, a conversa se repete:

— Fulano, vai trocar de carro de novo? Mas o seu carro não continua andando e te levando para onde você quer ir? Por que ele não te satisfaz mais?

— Então, beltrano... não é simples como parece... É que este novo modelo é ainda mais confortável, chega a uma velocidade ainda maior em menos tempo, tem mais isto, mais aquilo e mais aquilo outro...

Imagine, se você puder, como será a conversa no ano seguinte...

E o celular? Só o fato de poder falar à distância com alguém antigamente já era motivo de grande comemoração. Depois a tecnologia trouxe a vantagem de poder falar à distância com alguém estando os dois em qualquer lugar. Hoje em dia, a comunicação não se limita a uma conversa a dois. Várias pessoas podem se comunicar com várias outras em qualquer lugar que estejam. Como esse tremendo avanço não foi suficiente, iniciou-se uma jornada para deixar o aparelho cada vez mais atrativo. Agora se tem internet, televisão, videogame, gravador, filmador, máquina fotográfica, GPS, computador (com certeza estou esquecendo algumas coisas), tudo no mesmo objeto, e, como já ouvi dizerem, o celular faz até ligação telefônica se você precisar... Aí, o fulano do carro encontra com o beltrano que acabou de trocar o celular e pergunta:

— Mas, beltrano, o seu celular não continua fazendo e recebendo ligação para você poder conversar com quem você quiser? Por que ele não te satisfaz mais?

— Veja, fulano, é uma questão muito complexa... É que este celular tem mais aplicativos, tem um design mais moderno, tem isto, tem aquilo e aquilo outro...

No mês, semana ou até dia seguinte, novo diálogo:

— Fulano, vai trocar de celular de novo? Mas o seu celular não continua fazendo e recebendo ligação para você poder conversar com quem você quiser? Por que ele não te satisfaz mais?

— Então, beltrano... não é simples como parece... É que este novo modelo tem ainda mais aplicativos, tem um design ainda mais moderno, tem mais isto, mais aquilo e mais aquilo outro...

Neste sombrio cenário, nem mesmo os relacionamentos escapam dessa terrível teia de aranha chamada de insatisfação que corrompe a alma humana moderna. Vemos acontecer em nossos dias uma troca esbaforida de um emprego pelo outro, cursos de faculdade, religião, cônjuges, amigos, e até famílias!!! A sensação é que aquilo que se tem hoje já não satisfaz como antes e precisa ser iminentemente substituído. Esse é o esboço de uma sociedade desenfreada e faminta que busca ansiosamente encontrar um objeto pleno de satisfação.

O professor e filósofo francês Gilles Lipovetsky nos dá um exemplo dessa ideia em seu livro “A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo”. Nesse livro, Lipovetsky nos ajuda a entender como a sociedade passou a se comportar de forma extremamente consumista a partir da Revolução Industrial em um processo que culminou no que ele chama de hiperconsumo, em que as pessoas buscam uma satisfação emocional no consumo material. Ele diz que esse processo

provocou uma oscilação do tempo, fazendo passar da orientação futurista para a ‘vida no presente’ e suas satisfações imediatas¹⁰ (...) espalha-se toda uma cultura que convida a apreciar os prazeres do instante, a gozar a felicidade aqui e agora, a viver para si mesmo.¹¹

O consumismo na nossa sociedade simboliza a inexorável busca pela felicidade através da experiência emocional e imediatista de se ter coisas. Como mencionei, o que se busca preencher é um vazio psicológico, e não um vazio material. Por esse motivo, o ciclo de consumo consegue se estabelecer, pois nada do que se consome consegue satisfazer plenamente o consumidor. Um símbolo extremamente válido para este tema é o *shopping*. Nesse lugar, que se tornou ícone do capitalismo, se concentram muitas lojas que oferecem variados tipos de produtos em um espaço geográfico comum, ou seja, você pode consumir com comodidade. Passear no *shopping* se tornou uma verdadeira experiência emocional. Mesmo que a pessoa não consuma produtos, ela consome a experiência emocional de estar em um lugar que oferece todos esses atrativos a ela.

Caros leitores, pudemos constatar até aqui, então, que os grandes pensadores se deram por satisfeitos em concluir que ou não há nenhum sentido no mundo ou, se existe algum sentido, o de ser feliz, por exemplo, esse sentido se resume a uma meta inalcançável e nós estamos à deriva nesse mar de sonhos e decepções. Quanto a nós, reles mortais, conseguimos, só de tirar um pouco os olhos do umbigo e olharmos ao redor, perceber que este mundo caminha desembestado para lugar nenhum, instigado por essa sensação de insatisfação da qual demos alguns exemplos há pouco. A pergunta que tenho para te fazer neste ponto é crucial para o prosseguimento de sua leitura: o que você acha desta conclusão? Você concorda que realmente não há sentido na vida ou que esse sentido é inalcançável? Ou você, mesmo conseguindo perceber a condição de profunda insatisfação que há no homem, não se dá por satisfeito e ainda quer respostas? A esta altura do debate, podemos distinguir pelo menos dois tipos de leitores: aqueles que se contentaram com as respostas dos pensadores e que vão seguir suas vidas tentando, ao máximo, encontrar felicidade nos breves momentos da vida cotidiana que se apresenta até que ela acabe, e aqueles que, inconformados com este panorama, sentem,

mesmo que a contragosto do princípio da realidade, que devem encontrar respostas.

A partir de agora, começo a tentar responder ao anseio do segundo grupo, porque o primeiro provavelmente se conformou com as respostas dadas pelos nossos seletos pensadores e fecharam o livro (a não ser que, só por curiosidade, resolveram continuar lendo). Há uma razão em tentar responder ao anseio do segundo grupo: me identifico com eles. As ideias dos pensadores acerca do sentido da vida exposta anteriormente correspondem à realidade da nossa raça de fato. Não questiono que seus motivos para chegarem a essa conclusão são irrefutáveis, pois olharam para a história da humanidade e viram que esse barco está sem rumo em meio a um grande e desconhecido oceano caótico. A primeira reação que alguém pode ter depois desse veredicto é: “OK, se nada tem sentido, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”, parafraseando um livro bem antigo. E, parando para pensar, é assim mesmo que as pessoas estão vivendo suas vidas, “como se não houvesse amanhã...”. Já que nada tem um sentido maior, tem sentido as pessoas viverem assim. Mas, para alguns, como eu, que sentem ainda latejar no peito uma angústia que nos pressiona a desejar estar indo para algum lugar, sim, o cotidiano medíocre que se traduz em apenas fazer compras no *shopping*, comprar casa, constituir família ou até ajudar pessoas, parece muito insosso. Essa sensação é como um grito que ecoa dentro de nós no sentido de encontrar um caminho mais transcendente que se relacione com a essência da alma, e não apenas com a materialidade deste mundo que vemos.

¹⁰ LIPOVETSKY, 2007, p. 36.

¹¹ LIPOVETSKY, 2007, p. 102.

SEÇÃO II
A BUSCA POR FELICIDADE

CAPÍTULO 4

Pensadores: a felicidade como sentido de existência

Quando você olha para o mundo, o que você vê? Pessoas fazendo coisas. O que elas estão fazendo? O que pretendem com tantos afazeres? Essas perguntas me parecem ser um bom ponto de partida para a discussão desta seção. Em termos gerais, o corre-corre que assistimos acontecer não apenas na nossa vida como na vida de qualquer outra pessoa pode nos dizer muito e vai nos dirigir a uma das alternativas apresentadas por um de nossos pensadores.

Quando uma criança vê a mais cobiçada boneca ou o videogame de última geração no anúncio de televisão e fica ensandecida de vontade de tê-lo, o que ela quer com isso? O que quer um adolescente quando vê aquele grupo de “pessoinhas” da mesma idade se reunindo para ir ao *shopping* e faz de tudo para ser aceito naquele grupo e poder fazer com eles tudo o que eles fazem? O que espera o jovem quando vê uma *bella donna*, ou a jovem, o garanhão, e fazem de tudo para conquistá-los e passarem o máximo de tempo com eles porque foram dragados pela impressionante paixão juvenil? Quando as pessoas sonham com faculdades, casas, carros, filhos, aposentadoria, seus maiores e mais suntuosos sonhos, o que elas querem com tudo isso? Você pode ter respondido em sua mente muita coisa como: “Ah, eles querem ser aceitos, se divertirem, ter coisas boas, ter bons relacionamentos etc.”. Olhar para esse quadro assim é perceber apenas uma dimensão da pintura. Como nosso anseio é encontrar um sentido, precisamos percebermos todas as dimensões, inclusive a profundidade. Todas essas coisas refletem a vontade das pessoas se manifestando externamente. Eu quero uma boneca. Eu quero amigos. Eu quero alguém para amar e ser amado. Eu quero ser um médico. Eu quero ter uma casa deslumbrante. Eu quero ter uma família linda. Eu quero, eu quero, eu quero... Essa percepção confirma realmente o que Nietzsche e

Schopenhauer disseram: o ser humano vivendo para satisfazer sua vontade. Mas pensar assim me parece ser ainda um pensar raso, pois o homem quer algo com o querer. Como vimos, ele está atrás de uma sensação, e não de um objeto, pois, quando ele consegue o objeto de desejo, logo esse objeto perde o valor e o ser humano não demora muito em correr atrás de outra coisa. A sensação de falta continua. O que realmente se quer com essa correria toda? Vou ter que concordar, neste momento, com Freud: o ser humano quer ser feliz. Ele busca em cada um desses objetos e momentos a sensação de plenitude, de felicidade.

Estudando o que a filosofia diz a respeito de se ter a felicidade como sentido último da vida, constatei que esse pensamento não teve início com Freud. Desde a Antiguidade, filósofos pensam ser a felicidade o grande objetivo da existência humana. O filósofo grego Aristóteles, que viveu no século III a.C., afirmava que a felicidade era o bem supremo a ser alcançado e o grande objetivo das ações humanas.

Por ora definimos a auto-suficiência como sendo aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável e carente de nada. E como tal entendemos a felicidade, considerando-a, além disso, a mais desejável de todas as coisas, sem conta-la como um bem entre outros. Se assim fizéssemos, é evidente que ela se tornaria mais desejável pela adição do menor bem que fosse, pois o que é acrescentado se torna um excesso de bens, e dos bens é sempre o maior o mais desejável. A felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação.¹²

Percebe-se que a ideia de Aristóteles acerca da felicidade continha o conceito de completude autossuficiente, já que, para ele, a felicidade é o bem a ser alcançado por si mesmo. Quem encontra a felicidade já não precisa buscar outra coisa, pois esse bem basta para satisfazer o anseio humano. Nesse sentido, o filósofo entende que um homem feliz tem a capacidade de bastar-se a si mesmo, não por causa de si, mas por causa da felicidade que está dentro de si. Assim, o processo de satisfação da alma se dá neste sentido: primeiro o homem encontra a felicidade e depois pode “bastar-se a si mesmo”. Olhando para a nossa sociedade, temos a impressão de que não foi bem assim que as pessoas entenderam o conceito. Como se invertesse o

sentido dessa afirmação, o ser humano tem procurado bastar-se a si mesmo antes para encontrar a felicidade depois — “se sou suficiente em mim mesmo, já não preciso de nada externo a mim que possa me causar alguma infelicidade, logo sou feliz”. Assim, o “bastar-se a si mesmo” para essas pessoas pode significar que conseguir independência de tudo o que está fora de si é caminho certo para a felicidade.

Isso faz muito sentido ao se pensar no modo como as pessoas se comportam atualmente. Esse processo de se buscar a independência em tudo o que se faz é consequência desse princípio que está impregnado na sociedade atual. Existem pessoas que buscam felicidade através da independência no âmbito profissional, quando guardam um dinheiro para investir em um negócio próprio e poderem ganhar a vida sem depender de pessoas lhe dando ordens o tempo todo. Outras buscam felicidade através da independência familiar, quando arrumam suas malas e vão embora de casa para não mais se submeterem às vontades de seus familiares. Ainda há aquelas que procuram felicidade através da independência nos relacionamentos, quando se isolam afetivamente dos grupos sociais, procurando não mais dependerem da companhia de outras pessoas para serem felizes. Seus interesses estão acima de tudo e de todos.

Todas as facilidades tecnológicas trazidas pela modernidade são uma tentativa da humanidade de conseguir não depender de mais nada além de si mesma para alcançar objetivos. Máquinas que procuram dominar o tempo e a distância foram inventadas para que o homem se sinta menos limitado e possa concretizar suas realizações — como uma máquina voadora que encurta distância e tempo para se ir a lugares e uma máquina comunicadora que abrevia distância e tempo para se falar com as pessoas. É a mentalidade: “Se eu consigo ser feliz em mim mesmo, posso controlar a minha felicidade, assim não dependo de nada e de ninguém para ser feliz”.

Para o filósofo, se a felicidade é o objetivo final a ser alcançado, até mesmo a busca por virtudes deve acontecer em favor desse fim:

Ora, esse é o conceito que preeminente fazemos da felicidade. É ela procurada sempre por si mesma e nunca com vistas em outra coisa; ao passo que à honra, ao prazer, à razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos (pois, ainda que nada resultasse daí, continuaríamos a escolher cada um deles) mas também os escolhemos no interesse da felicidade, pensando que a posse dele nos tornará felizes. A felicidade, todavia, ninguém a escolhe tendo em vista alguns destes, nem, em geral, qualquer coisa que não seja ela própria.¹³

Assim, se alguém procura a virtude, o que essa pessoa realmente quer encontrar é a felicidade, e nada além dela. No contexto social e filosófico em que vivia o pensador, ainda se falava na busca da virtude para se encontrar a felicidade; mas, como podemos ver nos nossos dias, o entretenimento e a diversão parecem ser os meios mais buscados para encontrá-la, e a virtude foi perdendo seu valor atrativo conforme o tempo foi passando, tornando-se impopular na cultura moderna. Fato é que a civilização procura em seus diversos âmbitos culturais encontrar a felicidade. Os orientais a procuram de uma forma, enquanto os ocidentais a procuram de outra. Se na Antiguidade, impulsionadas pela filosofia grega, as pessoas procuravam a felicidade nas virtudes humanas, em outras épocas a buscavam na religião, nas ciências, na arte. Assim, as gerações humanas vão tentando de alguma forma tatear no escuro para ver se a encontram.

Outro filósofo grego da Antiguidade que concordava com essa ideia era Epicuro de Samos. Para ele, nós devemos encontrar todos os caminhos que nos possam levar à felicidade:

Devemos estudar os meios de alcançar a felicidade, pois, quando a temos, possuímos tudo e, quando não a temos, fazemos tudo por alcançá-la.¹⁴

Sua afirmação nos faz pensar que há um desespero no coração humano: enquanto não se acha a felicidade, não há sossego ou descanso. Temos percebido essa realidade nos nossos dias, mesmo que as palavras sejam milenares. Há mesmo um grande ímpeto em se buscar a tal da felicidade em tudo o que se faz, ao passo que, conforme a pessoa vai conseguindo tudo o

que ela quer, se ela não é feliz, não está satisfeita. Não são poucos os casos em que, por exemplo, ouve-se que um milionário bem-sucedido se suicidou. Talvez, do seu ponto de vista, ele tenha conseguido tudo, mas o fato de não ter encontrado felicidade neste mundo o fez abrir mão da sua própria vida.

Vindo para a modernidade, encontramos mais filósofos que viam a felicidade como o grande objetivo da vida. Blaise Pascal foi um filósofo francês (também matemático e físico) que viveu no século XVII, portanto anterior a Freud, mas que tinha a mesma ideia a respeito do tema — o ser humano não busca qualquer outra coisa senão a felicidade:

Todos os homens procuram ser felizes: não há exceção. Por diferentes que sejam os meios que empregam, tendem todos a esse fim. O que faz que uns vão para a guerra e outros não vão é esse mesmo desejo que está em ambos, acompanhado de diferentes opiniões. A vontade não dá nunca o menor passo senão para esse objeto. Esse é o motivo de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar-se.¹⁵

Ele destaca que o desejo de ser feliz pode se disfarçar até mesmo do desejo de morrer, se a pessoa entende que isso a fará mais feliz do que estar viva, mas que, no fim, a busca é por felicidade. Aliás, “disfarce” é uma boa palavra. Percebemos que a busca por felicidade aparece no decorrer da vida vestida de muitos disfarces. Comprando casas e carros, constituindo famílias, obtendo sucesso e fama, realizando-se em tudo o que fazem, as pessoas só querem, sob esses disfarces, experimentar a felicidade. Outro ponto interessante a se destacar nas palavras de Pascal é que ele generaliza a raça quando escreve: “Não há exceção”. Pensando nisso, entendemos que não há alguém que fuja dessa realidade — se sou humano, quero ser feliz! Por isso Freud chama esse “programa” que há dentro de nós de princípio do prazer.

¹² ARISTÓTELES, 1984, p. 55.

¹³ ARISTÓTELES, 1984, p. 55.

¹⁴ EPICURO, 2002, p. 23.

¹⁵ PASCAL, 2002, p. 116.

CAPÍTULO 5

Pensadores: a felicidade não passa de uma ilusão

Se por um lado o fato de descobrir que o sentido da vida é ser feliz pode nos deixar com uma certa sensação de alívio (o alívio por ter descoberto algum sentido), por outro, ao considerarmos a opinião de alguns filósofos a respeito, podemos nos decepcionar pelo que eles têm a dizer. Já ouviu falar da expressão “balde de água fria”? É o que esses pensadores têm para nós em relação ao tema felicidade.

Vamos começar por um filósofo que já nos é familiar: Arthur Schopenhauer.

Há apenas um erro inato, e este é o de que nós existimos para sermos felizes. Ele é inato em nós porque coincide com a nossa própria existência e porque, de fato, todo nosso ser é apenas a sua paráfrase, assim como nosso corpo é o seu monograma: nós somos justamente Vontade de viver, e na satisfação sucessiva de todo o nosso querer é em que pensamos mediante a noção da felicidade. Enquanto nós persistimos neste erro, e ainda por cima corroboramo-lo com dogmas otimistas, o mundo nos parece cheio de contradições. Assim, a cada passo, nas grandes ou nas pequenas coisas, somos obrigados a experimentar que o mundo e a vida estão completamente arranjados de modo a não conterem a existência feliz (...) Neste sentido, seria mais correto colocar o objetivo da vida em nossas dores do que nos prazeres... A dor e a aflição trabalham em direção ao verdadeiro objetivo da vida, a supressão da Vontade dela.¹⁶

Esse comentário de Schopenhauer coincide com a ideia freudiana de princípio da realidade. Existe uma ânsia por felicidade que encontra a terrível realidade do mundo externo que parece cooperar para que a felicidade não se perpetue. O filósofo conclui, então, que, porque tudo coopera para que a felicidade não se concretize, é inútil tentar procurá-la. Quem a busca está fadado a encontrar apenas frustração:

Tudo na vida proclama que a felicidade terrena está destinada a ser frustrada, ou reconhecida como uma ilusão. Os fundamentos disto dormem nas profundezas da natureza das coisas (...) A felicidade comparativa é geralmente apenas aparente, ou então, como a longevidade, uma exceção. A sua própria possibilidade deveria ser abandonada, como um mero chamariz (...) A felicidade repousa sempre no futuro, ou em todo caso no passado, e o presente pode ser comparado a uma pequena nuvem negra conduzida pelo vento sobre a planície ensolarada: atrás e na frente dela tudo é brilhante, apenas abaixo de si sempre há só

sombra (...) É difícil conceber como que alguém pode (...) ser persuadido de que (...) o homem exista para ser feliz. Pelo contrário, estas decepções e desilusões contínuas, como a natureza geral da vida, apresentam-se como que destinadas e calculadas para despertar a nossa convicção de que (...) a vida é uma empresa que não cobre os seus custos; e que a nossa vontade deveria virar as costas para ela.¹⁷

Segundo ele, se a felicidade é uma ilusão, como podemos conceber que o sentido da vida seja buscá-la? Para ele, o que se busca é um ideal de felicidade que repousa no passado ou no futuro, nunca no presente. Pense em uma miragem no deserto. Quanto mais se aproxima dela, mais evanescente se torna, ou seja, quanto mais o homem se aproxima daquilo que ele idealiza como felicidade, mais ela vai escapando de suas mãos.

O que dá à vida o seu caráter estranho e ambíguo é que nela dois propósitos fundamentais e diametricamente opostos se cruzam constantemente: o da vontade individual, direcionado à felicidade quimérica em uma existência efêmera, onírica e ilusória (...) E o propósito do destino, endereçado com suficiente evidência à destruição de nossa felicidade, e por meio disso, à mortificação de nossa vontade e à supressão da ilusão que nos mantém atados aos laços deste mundo.¹⁸

O que o intriga é a ambiguidade da vida: enquanto buscamos uma felicidade idealizada, a realidade do mundo concorre para destruir essa ilusão e nos força a desistir dos desejos de realização dela.

É muito difícil discordar de Schopenhauer quando resolvemos atinar para a realidade do nosso mundo. Tenho certeza de que ele chegou a essas conclusões pelo conhecimento que ele tinha da sociedade de sua época e de sua experiência pessoal. Lembre-se de que na época do filósofo, em que nem se falava sobre globalização, o trânsito de informações era muito inferior ao que temos hoje em dia e mesmo assim a calamidade em que a humanidade se encontra já era bem evidente. Hoje as mídias, impulsionadas pela mais alta tecnologia, nos ligam à realidade do planeta inteiro. Por conta da globalização, temos uma noção muito mais apurada de que o mundo está envolto por violência, tragédias, fome e desigualdade social. É impossível discordar dele quando olhamos para as crianças desnutridas na África ou a condição de miséria no sertão do Nordeste brasileiro consequentes da desigualdade social provocada pelo próprio homem ou quando pensamos

em cidades devastadas por furacões como o Katrina em Nova Orleans (2005) e por tsunamis como o que aconteceu na Tailândia em 2004, ou, ainda, quando nos vem à memória a incansável luta de nossos entes mais queridos contra as doenças mais invencíveis como o câncer e o sofrimento agudo que causam.

Não precisamos ir tão longe para sabermos que o princípio da realidade é verdadeiro. Basta olhar para a nossa própria vivência. Ao pensarmos nos sonhos e projetos que gostaríamos de realizar e que não podemos por tantos motivos quantos forem possíveis imaginar, percebemos que, se a nossa felicidade depender da realização deles, jamais se perpetuará. Desde a infância tivemos à nossa frente obstáculos para frustrar os nossos anseios mais intensos. De forma imaginativa, tínhamos certeza de que, se eles fossem realizados, seríamos felizes. Assim, acabamos sempre voltando à velha questão: estamos correndo atrás de uma felicidade que nos escapa. Quando não conseguimos o que queremos, ficamos imaginando que, se tivéssemos conseguido, seríamos mais felizes, mas se conseguimos logo a sensação de satisfação passa e estamos correndo atrás de outra coisa para nos satisfazer. Olhando assim, a felicidade não parece mesmo uma miragem?

Lembra-se de nosso filósofo pessimista Friedrich Nietzsche? Ele, obviamente, não poderia ficar de fora desta temática:

O destino dos homens se acha disposto para momentos felizes — cada vida humana tem deles —, mas não para tempos felizes. No entanto, estes perduram na fantasia humana como “o que está além dos montes”, como uma herança dos antepassados; pois a noção de uma era feliz talvez provenha, desde tempos imemoriais, daquele estado em que o homem, após violentos esforços na caça e na guerra, entrega-se ao repouso, distende os membros e ouve o rumor das asas do sono. Há uma conclusão errada em imaginar, conforme aquele antigo hábito, que após períodos inteiros de carência e fadiga se pode partilhar também aquele estado de felicidade, com intensidade e duração correspondentes.¹⁹

Nietzsche argumenta que nosso anseio por felicidade não passa de um resquício de paz deixado por nossos antepassados que encontravam sossego e descanso quando voltavam de suas longas caçadas e guerras, ou seja, a

felicidade não passa de uma ilusão projetada pelo homem como algo que está “atrás de uma montanha” que jamais será alcançada.

Este pequeno poema de Vicente de Carvalho confirma essa ideia:

Felicidade

*Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada:
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.
O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.
Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,
Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.
Vicente de Carvalho*

Tenho certeza de que você, mesmo que um pouco, concordou com o que foi afirmado até aqui. Talvez você tenha trazido à lembrança frustrações pelas quais já passou, sonhos que morreram, familiares que se foram, e até mesmo tenha sentido aquele recorrente inconformismo com tudo de errado que acontece no mundo. Isso pode significar que você, de certa forma, concorda que a felicidade é uma ilusão ou que, no mínimo, a vida não tem sentido mesmo. Talvez não. Peço, neste momento, que você tenha paciência, já que esta é uma parte pedregosa da estrada, mas não é ela toda.

¹⁶ SCHOPENHAUER, 1958, p. 813 e 820.

¹⁷ SCHOPENHAUER, 1958, p. 813 e 820.

¹⁸ SCHOPENHAUER, 1958, p. 820.

¹⁹ NIETZSCHE, 2000, p. 150.

CAPÍTULO 6

Pensadores: a felicidade não dura mais do que um momento

Não entornamos o balde todo. Ainda nos resta um pouco de água fria a ser derramada pela filosofia. Nem todos pensam que a felicidade é completamente inatingível. Depende de como você entende o conceito de felicidade. Para esses filósofos, a felicidade como sensação de completude duradoura e inabalável é uma ilusão, mas, para quem define uma vida feliz como uma vida composta apenas por momentos felizes e nada mais, existem alguns pensadores que podem até concordar que ela realmente exista. Nietzsche é um deles.

Uma época feliz é completamente impossível, porque as pessoas querem desejá-la, mas não tê-la, e todo indivíduo, em seus dias felizes, chega quase a implorar por inquietude e miséria. O destino dos homens se acha disposto para momentos felizes — cada vida humana tem deles —, mas não para tempos felizes.²⁰

Como se vê, o filósofo entende que alguns momentos felizes são o máximo que se pode conseguir da felicidade, mas nada que dure. Nesse trecho, ele retoma a ideia de que o que se busca é a sensação, e não o objeto, resumindo, assim, tudo o que foi afirmado até aqui: o homem deseja algo que ele imagina que o fará feliz, busca nesse algo a sensação de satisfação e, quando finalmente o consegue e o momento se vai, ele corre atrás novamente de outro objeto que lhe dê essa sensação e, assim, pode conseguir muitos momentos de satisfação durante a sua vida, mas nada que se pareça com uma felicidade contínua.

Jean-Jacques Rousseau, filósofo suíço do século XVIII, concorda com Nietzsche neste ponto:

A felicidade é um estado permanente que não parece ter sido feito, aqui na terra, para o homem. Na terra, tudo vive num fluxo contínuo que não permite que coisa alguma assuma uma forma constante. Tudo muda à nossa volta. Nós próprios também mudamos e ninguém pode estar certo de amar amanhã aquilo que hoje ama. É por isso que todos os nossos projectos de felicidade nesta vida são quimeras. Aproveitemos a alegria do espírito quando a

possuímos; evitemos afastá-la por nossa culpa, mas não façamos projectos para a conservar, porque esses projectos são meras loucuras. Vi poucos homens felizes, talvez nenhum; mas vi muitas vezes corações contentes e de todos os objectos que me impressionaram foi esse o que mais me satisfez. Creio que se trata de uma consequência natural do poder das sensações sobre os meus sentimentos. A felicidade não tem sinais exteriores; para a conhecer seria necessário ler no coração do homem feliz; mas a alegria lê-se nos olhos, no porte, no sotaque, no modo de andar, e parece comunicar-se a quem dela se apercebe. Existirá algum prazer mais doce do que ver um povo entregar-se à alegria num dia festivo, e todos os corações desabrocharem aos raios expansivos do prazer que passa, rápida mas intensamente, através das nuvens da vida?²¹

Sua argumentação é interessante porque evidencia o carácter finito e dinâmico do nosso mundo. Para ele, se a felicidade for concebida como algo duradouro, não pode servir para uma realidade efêmera. Podemos enxergar pelo menos dois motivos para isso: em primeiro lugar, o mundo é muito dinâmico, se estamos felizes com algo, esse algo pode acabar de uma hora para outra; em segundo lugar, nós somos seres muito inconstantes, aquilo que nos agrada em um momento pode nos desagradar no próximo. Isso não é a mais pura verdade?

Se uma pessoa te faz feliz, quem te garante que ela nunca mudará? E, se acontecesse o milagre de ela não mudar (o que é difícil, porque tudo muda), quem garante que ela continuaria te fazendo feliz? Pode acontecer de você não encontrar mais felicidade nela porque você mudou. Ou ainda: ela pode morrer de uma hora para outra! Se estou feliz com meu carro, tantas coisas podem acontecer! Alguém pode me roubar. Posso sofrer um acidente que resultará em perda total. Posso enjoar do design, da cor, das funcionalidades. Se estou feliz com o meu trabalho, pode acontecer que a instabilidade do mercado acarrete a minha demissão. Posso ser rebaixado de cargo ou posso ser promovido para uma atividade que não me agrada. Posso enjoar do meu trabalho! Vemos pessoas no mundo inteiro que lutaram por sucesso e fama, e, quando conseguiram, procuraram outros projetos para conquistar. Podemos nos lembrar da história de vida de alguns cantores e atores que, ao chegarem ao auge da fama, não puderam resistir e foram tragados pelo mundo das drogas, jogando para o alto todo o sucesso e a

carreira que haviam alcançado. Para eles, de alguma forma, o sucesso não foi suficiente para saciar suas almas, que ainda estavam procurando algo para preencher o vazio.

Vou parar com os exemplos por aqui, porque tenho a impressão de que você já entendeu o que eu quis dizer — Rousseau tem razão! O mundo é muito dinâmico para quem tem a esperança de encontrar felicidade duradoura nele!

Desta forma, ficam no ar alguns suspiros e uma pergunta inquietante: se a felicidade é uma ilusão ou só pode ser vivida em alguns poucos momentos na vida, por que a desejamos tanto? É uma pergunta coerente, concorda?

Se há sede, há água

Se você sente o mesmo que eu, deve estar pensando que, mesmo depois de tudo o que vimos e de, em alguns momentos, concordar com o que foi afirmado, ainda é difícil desistir do conceito de felicidade plena, visto que há um desejo ardente dentro de nós por ela. Não apenas isso, mas, como vimos, o ser humano em geral pensa residir na felicidade o sentido transcendente da vida. Por que isso acontece? Por que o ser humano tem essa sede por felicidade que insiste em lutar contra o princípio da realidade e fazer com que o homem deseje tanto se deliciar nos braços dela?

O escritor britânico C. S. Lewis, autor da série literária “As Crônicas de Nárnia”, pode nos dar esperança a respeito dessa inquietação. No seu livro “O Cristianismo Puro e Simples”, ele nos instiga com a seguinte declaração:

(...)suponha que a felicidade infinita realmente exista e esteja logo ali, à nossa espera. Suponha que realmente seja possível alcançar o fim do arco-íris — nesse caso, seria uma pena descobrir tarde demais (imediatamente após a morte) que, por causa do nosso suposto “bom senso”, sufocamos em nós mesmos a faculdade de gozar dessa felicidade.

(...)As criaturas não nascem com desejos que não podem ser satisfeitos. Um bebê sente fome: bem, existe o alimento. Um patinho gosta de nadar: existe a água. O homem sente o desejo sexual: existe o sexo. Se descobro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo. Se nenhum dos prazeres terrenos satisfaz esse desejo, isso não prova que o universo é uma

tremenda enganação. Provavelmente, esses prazeres não existem para satisfazer esse desejo, mas só para despertá-lo e sugerir a verdadeira satisfação.²²

Lewis nos propõe que, se há sede em nosso coração para encontrar esse tipo de felicidade, é porque ela existe. Esse conceito, aparentemente, combate com veemência o que os filósofos afirmaram até aqui. Eles conseguem conceber que exista uma felicidade ilusória e inatingível ou que, no máximo, o ser humano possa encontrar alguns poucos momentos de deleite no decorrer de sua caminhada, mas não uma felicidade plena. O que você acha disso? Se você já não o fez, é hora de tomar uma decisão: ou você concorda com os pensadores, que chegaram a essas conclusões baseados nos sentimentos humanos em relação à felicidade que entram em constante conflito com a realidade que os cerca, ou você concorda com Lewis e com a própria sede existente no homem que busca intensamente uma felicidade suprema e duradoura capaz de saciar sua alma.

Se a busca por felicidade e pelo sentido da vida ainda te provoca, é sinal de que o que segue pode trazer alguma luz para esse dilema.

²⁰ NIETZSCHE, 2000, p. 150.

²¹ ROUSSEAU, 2010, p. 116.

²² LEWIS, 2005, p. 48 e 49.

SEÇÃO III
A DISTORÇÃO DO SENTIDO DE
FELICIDADE

CAPÍTULO 7

Definição de felicidade pela filosofia

Imagine que você está perdido nas famosas dunas do deserto do Saara sob um sol escaldante. Já não bebe nada há muitas horas e só de pensar em um copo de água seu corpo treme de ansiedade. Enquanto você caminha, aproxima-se um grupo de pessoas montadas em camelos, aos quais você pergunta: “Vocês sabem onde posso encontrar água?”, ao que eles respondem: “Sim, nos contaram que há um oásis a algumas dunas não muito longe daqui. Estamos indo para lá”. Ao receber a boa notícia, você aperta o passo junto com o grupo na direção informada e vê no horizonte algo que se assemelha ao oásis tão cobiçado. Chegando lá, qual não é a sua surpresa: era apenas uma miragem... areia e mais areia! A tão sonhada água para saciar verdadeiramente a sua sede se tornou areia fervente, fazendo com que a sede não apenas permanecesse, mas aumentasse ainda mais. A humanidade tem vivido essa história ao longo das suas muitas épocas. Um conta para o outro onde está a fonte da felicidade em meio a esse deserto e, ao chegar ali, percebe-se que era apenas mais um punhado de ilusão que não satisfaz a sede por completude.

Vimos e concordamos (alguns talvez não) que o ser humano realmente busca o sentido da vida e que de forma inata ele procura intensamente a felicidade em tudo o que faz desde os projetos de curta duração, como se deliciar nas ondas do mar em um fim de tarde, até a concretização de grandes sonhos, como a conquista de status, fama, dinheiro, família etc. Entendemos que, ao conquistar esses objetos de satisfação, o homem se realiza por um momento, mas, apesar da conquista do objeto, o desejo permanece e ele volta a procurar saciar a sede por felicidade em outros objetos. Pensando a respeito, alguns filósofos entenderam que a felicidade como sentimento duradouro e completo é uma façanha impossível de ser conquistada, sendo, portanto, uma ilusão. Alguns deles concordam que, no

máximo, o ser humano pode encontrar deleite em alguns poucos momentos ao longo de sua vida por conta da dura realidade que se encontra no mundo e que insiste em lutar contra os anseios pela tão idealizada felicidade. Nós, entretanto, não nos conformamos com essas respostas por causa da intensidade com que pulsa em nosso peito o desejo de ser feliz e de encontrar algum sentido transcendente nesta vida. Uma argumentação interessante seduziu nosso coração: se há sede, é porque há água; se queremos encontrar um sentido e ser felizes, é porque o sentido da vida e a felicidade existem.

Partindo do breve resumo que fizemos de tudo o que tratamos até aqui, posso ouvir a pergunta ecoando na mente de alguns: se aquilo que a maioria das pessoas define como felicidade é uma miragem e não satisfaz, o que não é miragem? O que é a verdadeira felicidade? Onde está a verdadeira fonte?

Para responder a essas perguntas, precisamos primeiramente compreender como a humanidade entende o que é felicidade. Será que uma análise mais profunda baseada em vários pontos de vista ao longo da história humana pode elucidar nosso questionamento? Para isso, vamos, novamente, apelar para aqueles que refletiram muito a respeito.

Não faltou quem pensasse no assunto. Aliás, alguns filósofos disseram que a busca da felicidade é um dos grandes objetivos da filosofia. A verdade é que, ao longo dos séculos e milênios, a definição do real significado da palavra “felicidade” se tornou um debate entre os diversos pensadores entre as mais variadas épocas. O que vamos fazer é tentar colocar na mesa as características mais fortes do que esses pensadores entenderam como felicidade e tirar nossas conclusões.

Tales de Mileto

Começando pela Grécia Antiga, berço da filosofia, temos a citação de Tales de Mileto:

Feliz é quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada.²³

Essa primeira assertiva nos faz pensar na pergunta: “E quem não tem?”. E quem não tem corpo são e forte? Os doentes e fracos estariam fadados a serem infelizes? É certo que uma das pressões do mundo contra a nossa felicidade (vista em Freud anteriormente) é a doença que acomete o corpo humano e é causa de muita dor e sofrimento. Entretanto, se generalizarmos o que disse Tales e afirmarmos: “todo doente e fraco é infeliz”, sabemos que a assertiva se torna falsa. Podemos encontrar na sociedade muitas histórias inspiradoras de pacientes terminais que, em meio a muito choro e sofrimento, se diziam felizes. Vemos histórias fantásticas de superação, fontes de inspiração para livros e filmes, onde pessoas fizeram da tragédia um meio para uma vida feliz pela forma como sobrepujaram a dor. É óbvio que não eram as circunstâncias que as faziam felizes, mas algo muito mais intrínseco.

E quem não tem boa sorte? Os “azarados”, como são popularmente conhecidos, estão condenados à infelicidade? Já pensou se a nossa felicidade dependesse da sorte? Muitos de nós entraríamos em profunda depressão com uma notícia dessas. Neste instante, podemos nos lembrar daqueles dias em que nada dá certo. Você já teve algum dia assim? Quem nunca teve um dia de azar que atire a primeira pedra. São dias que até o ato de dar comida ao cachorro pode te provocar sérios problemas. Contudo, não é um dia assim que te tornará uma pessoa infeliz. Existem pessoas que se apegam a dias como esses para amaldiçoar toda uma vida, mas elas não são a maioria. A maioria ainda trata esses dias de má sorte como passageiros e inexplicáveis, mas incapazes de roubar-lhes a felicidade perpetuamente.

E quem não tem a alma bem formada? Parece-me que aqui Tales nos remete à ideia de formação social através da educação do indivíduo. Sabemos que este é um tema muito sensível em uma sociedade tão desigual como a nossa. Se a pessoa tem a “sorte” de ter acesso a boas escolas, pode ter tido o “azar” de ter sido criado em uma família desestruturada. Se o inverso

ocorrer e essa pessoa teve a felicidade de ter sido criada por uma família estruturada, pode acontecer de ter nascido em um país, estado ou município em que o ensino está em colapso. Imagine alguém que, além de ter sido gerado em uma família desestabilizada, cresce em um lugar com uma rede de ensino caótica. Qual será a perspectiva dessa pessoa? Sabemos que é a realidade de milhares atualmente em muitas partes do planeta. Se a felicidade dessa pessoa depender disso, penso que não terá muita esperança. Entretanto, conhecemos histórias surpreendentes de pessoas que superaram essas dificuldades inatas e se tornaram pessoas felizes.

Tales pensa residir na junção dessas três vias o caminho para a felicidade, o que a restringe a poucas pessoas, certo? Afinal, quão afortunado e raro é aquele que está muito bem fisicamente, foi bem educado e, a respeito de tudo o que lhe concerne, o universo conspira ao seu favor o tempo todo.

Caminhando um pouco mais à frente, encontramos os conceitos dos famosos pensadores da Grécia Antiga: Sócrates, Platão e o já citado Aristóteles. Acho que você já ouviu falar um pouco deles. Saindo um pouco do conceito de que a felicidade depende de fatores externos, como uma “boa sorte”, visto em Tales, vamos constatar que esses filósofos começam a desenvolver a ideia de que a felicidade é algo que deve ser encontrado internamente.

A filosofia vai postular através desses pensadores que o ser humano é mais do que uma carcaça de pele, osso e carne perambulando por aí. Ela vai destacar que o homem tem uma alma e que é na evolução desta e na vivência interior que a felicidade pode ser experimentada.

Sócrates

Começemos com o professor dos professores — Sócrates:

É sábio o homem que pôs em si tudo que leva á felicidade ou dela se aproxima.²⁴

Essa afirmação socrática nos dá a entender que aquele que procura a felicidade dentro de si é sábio, pois é no desenvolvimento das virtudes do ser que ela pode ser encontrada. Portanto, quanto mais virtuoso e justo é o

homem, mais feliz ele é. Se você quer ser feliz, seja uma pessoa melhor, como diriam hoje em dia. Em uma sociedade onde se vê os princípios de moralidade e ética indo por água abaixo, este é um bom conselho não apenas para as pessoas individualmente, como também para a construção de uma sociedade melhor. Como se sabe, a virtude de caráter e a justiça são atributos que possuem um efeito imediato na vida do outro, daquele que está próximo de mim. Se sou uma pessoa que deseja e faz o bem para o próximo, esse próximo recebe os efeitos da minha virtude e justiça. Em uma sociedade mais virtuosa e justa, há uma possibilidade maior de que seus cidadãos estejam mais felizes, mas o que acontece atualmente é o oposto. A decadência dos princípios e valores de moral e justiça na nossa sociedade é um dos motivos pelos quais se vê tanta violência, injustiça e miséria por aí. Afinal, quem mais pode impedir o homem de fazer alguma coisa, seja boa ou ruim, do que ele mesmo? Se as pessoas decidem ser virtuosas e justas, consequentemente a sociedade seguirá o mesmo trilha, já que ela é formada por essas pessoas. Se parte da infelicidade que as pessoas sentem vem da insegurança, desigualdade e impunidade sociais, então, em uma sociedade em que essas características são muito evidentes, as pessoas tendem a ser mais infelizes. Portanto, o que vai dentro do coração do homem — a virtude e a justiça ou a falta delas — pode fazer muita diferença na construção de um ambiente mais propenso à felicidade.

Platão

E o que disse Platão, discípulo de Sócrates? Para ele, não há caminho mais curto para a felicidade do que a sabedoria:

Uma vez que todos nós ansiamos por ser felizes, e que ficou manifesto que nos tomamos tais graças ao uso, e ao uso correto, das coisas, e que é a ciência que produz a correção e a boa fortuna, é preciso então, segundo parece, que todo homem, sem exceção, tome providências, de todas as maneiras, para que se tome o mais sábio possível.²⁵

Segundo Platão, conduzir a vida com sabedoria era o grande segredo para a felicidade, que encontra sentido em dois pontos elementares: obter êxito e

andar em retidão. É fácil entender o primeiro ponto, afinal de contas quem não se percebe feliz quando é bem sucedido em algo que faz? Essa é a felicidade de quem estudou muito e conseguiu uma bolsa na faculdade ou entrou em uma universidade muito concorrida; é a alegria de quem guardou dinheiro por muitos anos e conseguiu comprar a casa própria; é a satisfação de quem esperou o tempo certo e conheceu a pessoa certa para um casamento bem-sucedido; é o contentamento de quem investiu tempo, suor e lágrimas para alcançar os sonhos mais elevados de sua alma. Esse tipo de felicidade só têm aqueles que estabelecem seus planos de curto, médio e longo prazo e conseguem, de forma sábia, atingir seus objetivos, ou seja, conseguem construir e realizar seus projetos ao longo da vida. Em contrapartida, uma pessoa que não age de forma sábia tem maior probabilidade de ter fracasso nos objetivos que estabelece, se é que estabelece algum, e, sob a égide da frustração, se torna uma pessoa mais infeliz, que não consegue realizar ou construir o que almeja.

O segundo ponto diz respeito a caminhar em retidão. A retidão é a característica de alguém que consegue manter-se reto em relação ao senso de justiça e equidade, que é íntegro em seu comportamento e em tudo o que realiza. Podemos pensar que a felicidade vem a uma pessoa assim por dois caminhos: através de um contentamento interior e através de um contentamento sentido nas pessoas que a cercam. No primeiro caso, essa pessoa está com sua consciência tranquila em relação ao que faz e desfruta de uma paz interior, pois sabe que procede corretamente — são aqueles que não têm o famoso “peso na consciência”; no segundo, essa pessoa colhe os frutos de sua retidão, pois, como procede com justiça e equidade para com os outros, a tendência é que as pessoas que a cercam procedam da mesma maneira com ela — são aqueles que semeiam boas atitudes em suas relações, e é isso o que colhem. Quanto a desfrutar de uma paz interior porque se está tranquilo consigo mesmo, não há o que refutar. Essa é uma satisfação que ninguém pode roubar e privilégio de quem pode assim dizer de si mesmo.

Quanto a receber sobre si os frutos de sua própria retidão, já não podemos afirmar com tanta certeza, já que o nosso mundo acostumou-se a pagar o bem com o mal, como já pudemos constatar em tantas oportunidades. A tendência é que pessoas assim colham bons frutos sobre suas vidas consequentes de sua integridade. Mas quem poderia garantir que isso vá acontecer sempre?

Aristóteles

Passemos a Aristóteles, discípulo de Platão. Como vimos, esse filósofo possui algumas frases bem interessantes a respeito da felicidade:

O homem sábio não busca o prazer, mas a libertação das preocupações e sofrimentos. Ser feliz é ser auto-suficiente.²⁶

Como vimos anteriormente, Aristóteles pensava que a felicidade está na autossuficiência. É um tipo de felicidade que o ser humano encontra em si mesmo, buscando sempre independe de outras coisas para o seu contentamento. Nessa citação, ele evidencia um tipo de gozo consequente do ato de se evitar as preocupações e sofrimentos. Não se assemelha com o que Freud diz a respeito do princípio da realidade no qual nós tendemos a evitar o desprazer? Se pensarmos um pouco, perceberemos realmente que uma das maiores causas de infelicidade são as preocupações e os sofrimentos que fazem parte da nossa vida. Aristóteles acreditava que, evitando-os, é possível ser feliz. É fácil concordar com essa assertiva, entretanto é difícil evitar essas duas fontes de desprazer em um mundo como o nosso. Como diriam: “Falar é fácil, difícil é fazer...”. Já expusemos que é indiscutível o fato de que vivemos em um mundo que, naturalmente, causa sofrimento às pessoas e do qual é impossível escapar. O homem sábio pode procurar se libertar das preocupações e sofrimentos, mas, nos casos em que isso não for possível, sua felicidade estaria em risco? Penso que só seria possível encontrar felicidade nesse contexto se, apesar das preocupações e sofrimentos, o ser

humano conseguisse manter-se em um estado feliz, ou seja, através de uma libertação interior.

Outra crença que se harmoniza com a nossa concepção é a de que o homem feliz vive bem e age bem; pois definimos praticamente a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação.²⁷

Nessa citação, Aristóteles dá mais duas características de quem é feliz: viver bem e bem agir. Não há como não entender que esses atributos dizem respeito às nossas ações e comportamentos em todas as esferas da nossa vida cotidiana e à forma como desfrutamos de tudo o que acontece à nossa volta. Não basta saber aproveitar bem a vida e não possuir uma conduta de respeito, honestidade e ética para com o próximo, da mesma forma que não é suficiente ser uma pessoa de comportamento irrepreensível, mas não ter a capacidade de desfrutar de tudo o que realiza. Precisamos aprender a conjugar esses dois aspectos nos vários grupos sociais de que fazemos parte, como a família, os amigos e o trabalho. Aliás, por falar em trabalho, é interessante tentar entender dessa perspectiva o que ele quis dizer, uma vez que nossa sociedade é toda baseada no trabalho, que é um dos elementos mais fortes do capitalismo moderno. Não é muito difícil de entender a necessidade de se “agir bem” no trabalho — com ética, honestidade e respeito —, uma vez que precisamos manter relacionamentos saudáveis com essas pessoas com as quais compartilhamos grande parte da nossa vida diária. Imagine como fica o clima em uma organização sem ética, onde as pessoas não são honestas e não se respeitam (talvez você nem precise imaginar). Você diria que as pessoas tendem a ser mais felizes ou infelizes em um lugar assim? Mas essa é só uma parte da fórmula. O que poderíamos entender como “bem viver” no trabalho? O que seria desfrutar e sentir prazer naquilo que você realiza? Será que apenas um ambiente favorável composto por pessoas de boa conduta é suficiente para te deixar satisfeito com aquilo que você faz?

Podemos olhar atentamente para este nosso mundo regido pelo trabalho e encontrar algumas pessoas que conseguiram aprender a “bem viver”. São pessoas realizadas na carreira que escolheram ou que conseguiram obter sustento trabalhando com aquilo que mais amam. São os vocacionados para tratarem com pessoas que se tornaram médicos, psicólogos, professores... os vocacionados na área de exatas que se tornaram físicos, matemáticos... e por aí vai. Além da alegria de poderem trabalhar com o que gostam, o que já traz uma tremenda satisfação, ainda existem aqueles que obtêm sucesso e dinheiro com o que fazem, o que, aliás, é o que a maioria das pessoas procura hoje em dia quando escolhem uma carreira.

Podemos enxergar, então, dois tipos de satisfação em bem viver no trabalho: fazer o que gosta e ter contentamento nisso, mesmo que o ramo não dê muito dinheiro ou fama, e obter, através do trabalho, sucesso e dinheiro, mesmo que o trabalho não seja exatamente aquilo que a pessoa mais gosta de fazer. Ainda há aqueles que conseguem obter muito sucesso e muito dinheiro fazendo aquilo que adoram. Esse é um privilégio de poucos em uma sociedade concorrida como a nossa. O fato é que a contrapartida é verdadeira. Se “bem viver” pode trazer contentamento, o “mal viver” pode e traz descontentamento. O que isso quer dizer? Significa que alguém pode ser obrigado a fazer o que não gosta e não foi vocacionado, porque precisa sobreviver. Você conhece alguém assim? Creio que se encaixa nessa descrição grande parcela da sociedade. Para sobreviver, as pessoas são obrigadas a se submeterem a variados tipos de trabalho e, por isso, se tornam uma importante engrenagem de uma máquina que gira para sustentar e enriquecer uma pequena elite. Trocam sua vitalidade e força por um prato de comida e alguns trocados no fim do mês. É uma realidade que se repete desde tempos antigos. Na época feudal, por exemplo, os ricos senhores feudais eram sustentados por seus vassallos, que trabalhavam muito para ganhar pouco e sustentar um pequeno grupo de pessoas. Nas monarquias, a plebe teve o mesmo destino. No capitalismo não é diferente,

isso tudo é apenas mais maquiado... Não é difícil ouvir alguém reclamando do seu trabalho porque paga mal ou porque simplesmente não traz sentido de vida algum. Essa é a contrapartida. Se alguns conseguem obter satisfação no que fazem para ganhar a vida, muitos outros estão longe desse tipo de felicidade. Isso sem mencionar aqueles que estão à margem de tudo isso porque nem sequer têm a oportunidade de trabalhar.

Felicidade é ter algo o que fazer, ter algo que amar e algo que esperar...

Cada um é feliz na medida que faz e cumpre a sua missão ; A felicidade só resulta do cultivo da virtude.²⁸

Para não me estender nas afirmações de Aristóteles acerca da felicidade, destaco essas duas últimas citações. Percebemos que o dia a dia do ser humano no que tange às suas realizações era essencial na visão desse filósofo para o alcance da felicidade. Quando ele afirma: “ter o que fazer, o que amar e o que esperar”, pensamos nos sonhos e planos que as pessoas colocam em seus corações e passam a correr atrás durante toda uma vida. É como se ele afirmasse: “Se você não tem um sonho, você não tem nada”, pois é nesse sonho ou projeto que você vai aplicar o seu coração. Podemos relacionar “ter um projeto ou sonho” com as três partes de sua afirmação. Se você tem um projeto, você tem o que fazer, pois precisará trabalhar diariamente para concluí-lo. Se você tem um projeto, você tem algo para amar, pois colocará toda a sua paixão no que faz para conseguir realizá-lo. Se você tem um projeto, você tem o que esperar, pois enquanto você trabalha há uma expectativa sendo alimentada para que esse sonho esteja concluído e lhe traga o contentamento que você espera receber com a realização dele. Seguindo essa linha de raciocínio, temos a segunda citação: “Cada um é feliz na medida em que faz e cumpre sua missão”. Para ele, a felicidade é alcançada principalmente quando o sonho que nasce no coração do ser humano se relaciona com a sua missão. Essa afirmação é assustadoramente profunda, pois nos faz pensar que podemos estar correndo atrás de sonhos que não se relacionam com a nossa missão pessoal, ou seja, com a vocação

para a qual nascemos. Como comentado anteriormente, aquele que trabalha naquilo em que é vocacionado tem mais chance de sentir-se realizado do que aquele que não tem esse privilégio. Assim, além de ter um sonho para alcançar, o ser humano precisa reconhecer sua vocação para ser alguém feliz.

Locke

Venha comigo da Grécia Antiga para a Idade Moderna, quando alguns filósofos teceram suas percepções acerca da felicidade. Começemos, então, com John Locke — filósofo inglês do século XVII. Ele define que a felicidade

é o maior prazer de que somos capazes, e a infelicidade a maior pena.²⁹

Essa afirmação lembra muito a teoria do princípio do prazer de Freud, ainda que Locke seja anterior a ele. A felicidade, para esse filósofo moderno, reside na experimentação do prazer, aliás, na experiência máxima de prazer. Se atingirmos o ápice da sensação de prazer em algo que fazemos ou que nos acontece, então seremos felizes. O problema com essa afirmação, que está longe de estar errada, é que o prazer é algo que encontramos de forma sazonal nas várias situações que podem ocorrer no dia a dia. Essa afirmação se assemelha com o que disse Nietzsche quando asseverou que o máximo a se conseguir da felicidade são momentos, e não uma sensação duradoura. Não há dúvidas de que o prazer está atrelado à felicidade, pois a segunda é resultado da primeira no que tange aos nossos sentidos. Como o tipo de sentido de vida que procuramos é algo mais duradouro do que o prazer que as coisas, pessoas e circunstâncias podem produzir, podemos aceitar a ideia de Locke se a tomarmos no sentido de que o “maior prazer de que somos capazes” significar o estado de prazer mais duradouro e completo de que somos capazes. A contrapartida é verdadeira. Se a felicidade é o maior prazer de que somos capazes, a infelicidade é o maior desprazer que pode nos acometer — “a maior pena”, ou seja, a maior frustração. Segundo Freud, é esse tipo de sensação que passamos a evitar com o princípio da realidade

quando somos obrigados a abrir mão do maior prazer a ser alcançado para evitarmos da melhor forma possível o maior desprazer e, por consequência, a infelicidade.

Leibniz

O filósofo, cientista e matemático alemão, contemporâneo de Locke, Gottfried Wilhelm Leibniz também relacionou a felicidade com o prazer:

Creio que a felicidade é um prazer durável, o que não pode acontecer sem um progresso contínuo em direção a novos prazeres.³⁰

Para que a felicidade aconteça por meio de um “prazer durável”, segundo o filósofo, é necessário que haja uma busca progressiva objetivando novos prazeres. Essa ideia retoma o sentido de uma busca por satisfação contínua que é procurada pelo ser humano desde que nasce. Quando um objetivo alcançado proporcionou o máximo de prazer, chegando, assim, ao seu ápice, há uma nova procura por algo que faça com que esse prazer perdure ou aumente. Como vimos, as pessoas não estão atrás de objetos, mas de uma satisfação por meio deles. Quando um objeto já proporcionou o prazer que poderia e esse prazer se esgota, não há alternativa senão se movimentar no sentido de encontrar outra fonte de satisfação. Não há necessidade que descreva melhor esse ciclo, entretanto a pergunta continua: qual é o fim dele? Onde está o último objeto de satisfação que trará plenitude ao ser? Como já vimos, alguns pensadores responderam: nunca haverá um último...

O problema com a afirmação de Leibniz é que a felicidade se perde se não há uma constância no prazer. Já vimos que o nosso mundo não está muito disposto a colaborar com essa constância. Então, se não há constância, não há felicidade. Para manter-se a constância, é necessário que se encontre sempre novos tipos de prazeres. Desta forma, quem quer ser feliz precisaria se submeter ao círculo vicioso que é pular de um objeto para o outro e, ao procurar a satisfação continuamente, nunca estar satisfeito plenamente.

Kant

Vamos ver como o filósofo prussiano [Immanuel Kant](#), do século XVIII, entendeu esta questão:

A felicidade é o estado de um ser racional no mundo, para o qual, no conjunto de sua existência, tudo ocorre segundo o desejo de sua vontade;³¹

Com essa afirmação de Kant, nos lembramos dos conceitos que vimos em Schopenhauer anteriormente. Schopenhauer definiu que o sentido da vida do homem era alcançar e realizar a sua vontade. Kant assevera que aquele que consegue, durante sua existência, viver de acordo com o desejo de sua vontade consegue ser feliz. Trocando em miúdos, se desejo e realizo, sou feliz. Não podemos discordar dessa afirmação, já que ela é comum a todos nós, afinal quem não se sente feliz quando tudo acontece conforme aquilo que deseja? Entretanto, olhamos para o princípio da realidade e entendemos que nem tudo vai acontecer sempre conforme aquilo que desejamos, o que nos leva a ponderar se Kant não é mais um entre os pensadores que entendia a felicidade como um conjunto de muitos momentos de felicidade — aqueles momentos em que tudo acontece como esperamos e conseguimos satisfazer o nosso desejo. Talvez, com o fragmento “no conjunto de sua existência”, ele quis enfatizar que, se na maior parte de sua vida uma pessoa conseguiu satisfazer seus desejos, ou pelo menos os mais importantes, ela conseguiu ser feliz.

Rousseau

Como ainda estamos no século XVIII, vamos ver como a felicidade foi definida pelo filósofo suíço Jean Jacques Rousseau, que já nos prestigiou com alguns pensamentos anteriormente:

O hábito de me recolher a mim mesmo acabou por me tornar imune aos males que me acoissam, e quase me fez perder a memória deles. Desse modo, aprendi com base na minha própria experiência que a fonte da felicidade reside dentro de nós e que não está no poder dos homens fazer com que fique realmente desgostosa uma pessoa determinada a ser feliz. Por quatro ou cinco anos desfrutei regularmente de alegrias interiores que almas gentis e afectuosas encontram numa vida de contemplação.³²

Aqui Rousseau faz uma declaração bem ousada. Se uma pessoa está fortemente determinada a sentir-se feliz, nenhuma outra pode roubar-lhe a felicidade, visto que a fonte desse contentamento encontra-se em si mesma. Ele quis dizer que, se um indivíduo consegue concentrar seus pensamentos em si mesmo, conseguirá ignorar os males que acometem os seres em geral, deixando-os “do lado de fora” de sua consciência ou protegendo sua mente de tudo o que possa roubar-lhe a alegria. Talvez ele tenha conseguido essa façanha exercitando o pensamento ao lembrar-se de coisas boas o tempo todo ou sentindo-se satisfeito com o que tem, seja muito ou pouco. Talvez fazendo um esforço para deixar de lado todas as frustrações, tão comuns a todos nós, provenientes de todos os desejos não realizados usando pensamentos do tipo: “Se eu não consegui, não tem problema, isso não vai me fazer tanta falta assim”. Talvez minimizando em sua mente tudo o que possa trazer algum tipo de tristeza — e nós sabemos que são muitas as fontes. O fato é que a base de seu pensamento a respeito da felicidade reside em que a pessoa só pode encontrá-la dentro de si mesma. O hábito de Rousseau de “recolher-se a si mesmo” nos dá a entender que ele acreditava que pela disciplina da alma uma pessoa consegue manter-se “imune aos males” que a açoitam a ponto de perdê-los da memória. Outra afirmação que nos dá esse entendimento é a do último fragmento: “Por quatro ou cinco anos desfrutei regularmente de alegrias interiores (...)”, ou seja, por um período de tempo, sua autodisciplina lhe permitia desfrutar de uma felicidade aut centrada, não importando o que estava acontecendo ao seu redor. Achei interessante a menção do tempo nesse trecho, por ter me ocorrido a seguinte pergunta: “Por quanto tempo alguém consegue manter-se inabalável diante de todos esses males que tentam destruir a nossa felicidade?”. Será que essa autodisciplina é capaz de dar ao homem uma felicidade tão duradoura? Será que a fragilidade humana diante de tantas fontes de frustração consegue suportar sozinha tamanho ataque?

Russell

Finalmente, no século XX, encontramos algumas contribuições do filósofo inglês Bertrand Russell:

O animal humano, como os outros animais, está adaptado para uma certa luta pela vida e quando, graças à sua riqueza, o homo sapiens pode satisfazer todos os desejos sem esforço, a simples ausência do esforço na sua vida afasta dele um elemento essencial de felicidade. O homem que adquire facilmente as coisas pelas quais sente apenas um desejo moderado, conclui que a realização do desejo não dá felicidade. Se tem disposição para a filosofia, conclui que a vida humana é essencialmente desprezível, pois o homem que tem tudo o que precisa ainda assim é infeliz. Esquece-se de que privar-se de algumas coisas que precisa é parte indispensável da felicidade.³³

Interessantíssima a colocação do filósofo. Ela valida o pensamento de que o ser humano está mais atrás da sensação de satisfação que obtém quando conquista determinado objeto do que da posse do objeto em si. Para o pensador, o fato de não ter um objetivo ou objeto para conquistar pode trazer a infelicidade ao invés da felicidade, pois, se uma pessoa tem tudo o que precisa, corre o risco de não ver mais sentido em sua vida. Ele explica que há uma disposição natural no homem que instiga nele a luta pela vida, ou podemos dizer: luta pela felicidade. É notório como essa ideia confirma que a satisfação do desejo dá muito mais prazer e sentido ao coração humano do que a conquista de um determinado objeto ou objetivo. Russell conclui que não ter tudo o que se deseja mantém a felicidade próxima, porque faz com que uma pessoa continue possuindo objetivos a se alcançar, e com isso a satisfação de alcançá-los.

A raiz do mal reside no facto de se insistir demasiadamente que no êxito da competição está a principal fonte da felicidade. Não nego que o sentimento do triunfo torna a vida mais agradável. Um pintor, por exemplo, que viveu obscuramente na juventude, decerto se sentirá feliz se o seu talento acabar por ser reconhecido. Não nego também que o dinheiro, até um certo limite, é capaz de aumentar a felicidade; para lá desse limite, julgo que não. O que eu afirmo é que o êxito só pode ser um dos vários elementos da felicidade e que é demasiado o preço pelo qual se obtém se a ele se sacrificam todos os outros.³⁴

Nessa citação, Russell amplia o leque do entendimento do que é felicidade. Para ele, a conquista de algo não é suficiente para a obtenção da felicidade, já que o sucesso é apenas um dos elementos que podem levar alguém a ser feliz. Vamos pensar: se para obter êxito é necessário que se

sacrifiquem todos os vários elementos que podem conduzir à felicidade, será que ela poderia ser completa? Se um jovem deseja muito uma guitarra e foi educado sob determinados valores morais, você acha que seria capaz de ser feliz conseguindo a guitarra assaltando uma loja? Para ele, a guitarra é importante, mas seus princípios também são. Se ele tiver que sacrificar um para obter o outro, sua felicidade não será completa. Portanto, como destacaram nossos pensadores, as várias fontes de felicidade ultrapassam a sensação de êxito — conforme Russell — e podem ser encontradas na obtenção de uma alma bem formada, no privilégio de um corpo saudável, na sorte de que as circunstâncias concorrerão ao nosso favor, no cultivo da virtude e da sabedoria, no bem agir e bem viver, no cumprimento da missão pessoal, nos maiores prazeres de que somos capazes de sentir, em achar regozijo em nós mesmos, na satisfação da nossa vontade e por aí vai.

²³ Tales de Mileto – século VI a.C.

²⁴ Sócrates, século IV a.C. (extraído do livro “Frases Memoráveis de Nelson Sganzerla”).

²⁵ PLATÃO, p. 63.

²⁶ ARISTÓTELES – extraído do Livro “A pergunta de Aristóteles”, de Abenides Afonso de Faria (p. 16).

²⁷ ARISTÓTELES, 1984, p. 57.

²⁸ ARISTÓTELES — trecho extraído do site Pensador UOL. Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/felicidade_aristoteles>. Acesso em: 23 jan. 2016.

²⁹ John Locke — Dicionário de filosofia, 1998, p. 435.

³⁰ Gottfried Leibniz — Dicionário de filosofia, 1998, p. 435.

³¹ KANT, 1959, p. 97.

³² ROUSSEAU, 2010.

³³ Bertrand Russell - “A Conquista da Felicidade” – trecho extraído do site Pensador UOL. Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/MTMzNTUyNg/>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

³⁴ Bertrand Russell – “A Conquista da Felicidade” – trecho extraído do site <<http://www.citador.pt/textos/o-exito-e-a-felicidade-bertrand-russell>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

CAPÍTULO 8

Uma decisão importante

Chegou o momento de decidirmos se vamos nos satisfazer com os conceitos de felicidade trazidos pela filosofia. As várias definições de felicidade podem ser colocadas em pelo menos dois grupos: aquela cuja origem está no ser humano, ou seja, sua fonte é interior, e aquela que está fora do ser humano e pode ser experimentada a partir de fatores da realidade que nos cerca, ou seja, sua fonte é exterior.

Se pensarmos nessas duas características principais, talvez nossa ânsia por uma felicidade mais completa e duradoura continue. Isso pode acontecer porque nenhuma delas pode saciar essa sede por completude que existe dentro de nós, já que são instáveis. Nesses dois tipos, a felicidade existe por um momento e no outro foi embora, deixando um vazio em seu lugar. Vejamos por quê.

A felicidade centrada no ser humano não consegue sossegar a alma, porque, se ela reside no homem e o homem é um ser instável, logo essa felicidade também é. Podemos retomar o que afirmou Rousseau sobre a inconstância humana:

Nós próprios também mudamos e ninguém pode estar certo de amar amanhã aquilo que hoje ama. É por isso que todos os nossos projectos de felicidade nesta vida são quimeras.²⁵

Quando os filósofos afirmam que a felicidade pode ser encontrada no cultivo da virtude e da sabedoria, no cumprimento da missão pessoal, nos prazeres que podemos sentir, em nós mesmos e na satisfação da nossa vontade, eles estão apontando para o ser humano como fonte dessa felicidade. Esse tipo de felicidade não é duradouro porque, quando qualquer um desses elementos mudar, a felicidade acaba e, como vimos, é exatamente o que acontece, pois o ser humano quer algo hoje e amanhã não quer mais.

Se a virtude e a sabedoria cultivadas em si são o que lhe dão prazer hoje, pode ser que esse progresso da alma não lhe desperte tanto o interesse amanhã. Vimos isso acontecer com a mudança de cultura no decorrer da história. Nos tempos da Grécia Antiga, a filosofia despertou na cultura daquela época um determinado prazer no desenvolvimento da alma através do cultivo da virtude e da sabedoria, entretanto essa cultura passou e em outro momento vemos no auge o cultivo da vida religiosa no centro das atenções como promotora do prazer e em outro, ainda, o conhecimento e o pensamento racional. A cultura muda porque as pessoas mudam. Podemos perceber claramente que isso acontece quando vemos uma pessoa que em uma determinada época da vida coloca todo o seu interesse e prazer no conhecimento, depois na vida social, mais tarde na vida religiosa, depois na família etc. Em dado momento, em todas elas, e em outro em nenhuma delas. Seus valores, necessidades e certezas mudam, e, com estes, sua perspectiva de felicidade.

Se a felicidade de uma pessoa está no cumprimento da missão pessoal, basta que essa missão mude, seja entendida como cumprida ou não tenha mais necessidade para a sociedade para que o prazer nela acabe.

Se quisermos sempre encontrar felicidade através do máximo de prazer que podemos sentir, encontrá-la em nós mesmos ou na satisfação da nossa vontade, daqui a pouco vamos procurar outra fonte de felicidade, porque nossos prazeres e nossa vontade, ou seja, nós mesmos, estão em constante mudança, por isso o que queremos hoje não queremos amanhã. E são incontáveis os processos que influenciam essa mudança de desejo.

Da mesma forma, a felicidade cuja fonte está no mundo exterior também não sossega a alma por muito tempo, pois tudo muda o tempo todo:

Na terra, tudo vive num fluxo contínuo que não permite que coisa alguma assuma uma forma constante. Tudo muda à nossa volta.(...) É por isso que todos os nossos projectos de felicidade nesta vida são quimeras.³⁶

Se alguém deposita sua felicidade em qualquer objeto de desejo ou circunstância, certamente que ela estará com os dias contados. Podemos perceber essa verdade por dois aspectos: o objeto de desejo ou circunstância podem mudar ou acabar, e com eles a felicidade; o prazer encontrado na obtenção desse objeto de desejo ou circunstância pode acabar ou porque a pessoa mudou e não sente mais prazer neles ou porque ela já conseguiu o que queria e agora quer outra coisa.

Olhando para a nossa sociedade, podemos destacar alguns objetos comuns de desejo altamente visados por grande parte das pessoas. Elas pensam residir neles uma fonte abundante de felicidade. Talvez você já tenha percebido que a nossa sociedade está atolada em um emaranhado de concepções tecido por filosofias de vida e pensamentos do tipo: “quando eu casar serei feliz”, “quando eu tiver minha casa própria e meu carro serei feliz”, “quando todos reconhecerem o meu talento serei feliz”, “se eu tiver um corpo perfeito serei feliz”, “quando tiver muito dinheiro serei feliz”, e por aí vai. A lista não acaba. Será que isso é verdade?

Se alguém consegue casar e tem um casamento feliz, ninguém pode garantir que ele assim permaneça para sempre. As pessoas nesse relacionamento podem mudar e não encontrarem mais satisfação nele. Um fato doloroso, como uma traição, pode acontecer e mudar o cenário. Isso acontece o tempo todo. Os processos de divórcios são incontáveis em uma sociedade que se acostumou a descartar aquilo de que não gosta mais. Pode acontecer de um deles morrer — ninguém vive para sempre. Se não acontecer enquanto jovens, certamente acontecerá ao envelhecerem. Vamos supor que o casal se ama e é feliz um com o outro e isso perdura por muito tempo. Apenas o casamento será suficiente para manter alguém feliz? Ou será que, alcançando um casamento feliz, se desejará correr atrás de outros sonhos?

Se o grande objeto de desejo de alguém é ter uma casa ou carro, muitas coisas podem acontecer para roubar a alegria que esses objetos trazem: uma crise financeira pode abater o país e forçar as pessoas a se desfazerem de suas conquistas mais valiosas; pessoas podem roubar ou destruir esses bens; fenômenos da natureza podem provocar sua perda total. Vamos supor que nada disso aconteça e esses bens permaneçam em poder dessa pessoa por muito tempo. Os bens não vão durar para sempre, vão? Quando se alcançar a posse desses bens, que outros mais se desejarão? Ou a casa e o carro serão o suficiente para manter as pessoas felizes até o fim?

Uma pessoa que deposita sua felicidade no reconhecimento e na fama é a que tem mais probabilidade de ver seu contentamento indo embora rapidamente. Quantas histórias de pessoas muito famosas e que perderam tudo já ouvimos? Atualmente, alguém é famoso em um dia e no outro já não é. Perdem-se o glamour e o reconhecimento tão rápido quanto foram conseguidos. Quanto ao nosso dia a dia de trabalho? Podemos ser levantados e promovidos tão rapidamente quanto podemos ser rebaixados e demitidos por tantos motivos quantos se possa imaginar. Vamos imaginar que alguém consiga manter sua fama e reconhecimento por muito tempo, o que é muito difícil. Ele não desejará mais nada? O fato de ser reconhecido o manterá para sempre feliz?

Nossa sociedade vive um tempo de grande exaltação do corpo e da beleza, por isso muitos pensam que se tiverem um corpo perfeito serão felizes. Vamos supor que essa pessoa consiga o que quer. Quanto tempo isso pode durar? Se ela não sofrer um acidente ou adoeça, situações que podem acabar logo com sua alegria, logo seu corpo envelhecerá e lhe trará mais dor do que contentamento. Para onde vai sua felicidade? Vemos pessoas que, não satisfeitas com um corpo esbelto, precisam fazer inúmeras plásticas faciais para tentarem alcançar uma pseudoperfeição, outras que não suportam as novas características que a idade traz e plastificam seus rostos e corpos tentando fugir de algo inescapável — a velhice. Quando elas

conseguem atingir o estado físico que desejam, estão completamente satisfeitas? Ou procuram outros objetos de desejo para conquistar?

E o dinheiro? Um dos grandes objetos de desejo, não apenas da sociedade moderna, como também das várias outras que a antecederam. A questão nunca foi o dinheiro, mas o que ele traz. O dinheiro pode trazer a maioria dos objetos que citamos e pode ir embora tão rápido quanto veio. O dinheiro, principalmente em uma sociedade de mercado, pode dar muito poder, fama, status e incontáveis objetos considerados de alto valor. Pode tirar uma pessoa de uma determinada classe social e colocá-la em outra. Pode realizar os sonhos mais ambiciosos que alguém pode ter. Vemos na produção literária e nos filmes histórias de pessoas que tiveram a oportunidade de enriquecer e o quanto puderam desfrutar dessa “vida boa”, como se houvesse por trás de tais histórias um desejo fantasioso do ser humano em enriquecer para poder desfrutar também dessa tal “vida boa”. Nunca se tratou do dinheiro, mas da felicidade que podem trazer os objetos de desejo que ele pode comprar. Na nossa sociedade, poucas circunstâncias são mais instáveis do que a situação financeira de alguém. Se o trabalho é uma fonte de recurso, um dia você o tem e no outro não o tem mais. Esse sentimento de instabilidade permeia os trabalhadores de nossa época. Ouvimos falar de incríveis histórias de pessoas que enriqueceram, mantiveram-se por um tempo como milionários para, depois de uma crise global, perderem tudo. Assim como ele veio, também pode ir — nem sempre na mesma velocidade com que veio. Aliás, normalmente, o dinheiro vai embora mais rápido do que veio e com muito menos trabalho. Vamos supor que alguém tenha ficado rico e abastado, mantendo-se assim por um longo tempo. O dinheiro será suficiente para fazê-lo feliz? Será que ele pode comprar tudo? Ou essa pessoa desejará alguma coisa mais?

Como esses exemplos, existem tantos outros. Fato é: o tipo de felicidade decorrente dos objetos de desejo que estão no mundo exterior é efêmero,

assim como o é o tipo de felicidade que é buscada interiormente. Esse diagnóstico já havia sido trazido nas palavras já citadas de Nietzsche:

O destino dos homens se acha disposto para momentos felizes — cada vida humana tem deles —, mas não para tempos felizes.³⁷

Em suma, podemos encontrar felicidade em nós mesmos ou no mundo que nos cerca, mas é o tipo de felicidade que será desfrutada por momentos — sejam poucos ou muitos. Se se trata de algo passageiro que nos leva a um lugar de nunca estarmos verdadeiramente satisfeitos, logo não me parece muito com o tipo de sede por completude tão presente na nossa alma, não acha?

³⁵ ROUSSEAU, 2010, p. 116.

³⁶ ROUSSEAU, 2010, p. 116.

³⁷ NIETZSCHE, 2000, p. 150.

CAPÍTULO 9

A razão não é o limite

Qual seria, então, o tipo de felicidade que pode sossegar a alma e dar sentido de vida ao homem?

Lembra-se da figura da miragem no deserto? Nesta história, você está perdido em um deserto escaldante e precisa desesperadamente de água. Você encontra alguns viajantes que dizem saber, por outras pessoas, de um lugar onde há água e, junto com eles, se dirige para lá. Quando o grupo encontra o lugar, a visão não passa de uma miragem. A filosofia nos confirmou até aqui que o conceito de felicidade apresentado se parece muito com a visão de um oásis no deserto, que, na verdade, é uma miragem. Quando o objeto de desejo é conquistado e há uma expectativa de que a satisfação vai perdurar, logo a felicidade se vai, deixando em seu lugar o desejo por outra coisa — um outro oásis —, pois esse não satisfaz completamente. Por que apostamos nossa felicidade em coisas e circunstâncias passageiras? Considere esta possibilidade: nos contaram que essas coisas podem satisfazer a alma, da mesma forma que contaram ao caminhante no deserto que havia água naquela miragem. O sentido de felicidade foi distorcido de tal forma em algum ponto da história humana, que as pessoas passaram a buscar um tipo de contentamento que realmente não satisfaz a alma, e o ensino cultural a respeito desse tipo distorcido de felicidade vai sendo passado a cada geração. Uma geração ensina à outra que o sentido da vida é buscar a felicidade em objetos ou ideais que passam, mas ao fim o sentimento de completude pelo qual nossa alma grita não consegue ser achado.

Para podermos caminhar em direção àquilo que considero a felicidade que realmente pode satisfazer a alma humana e dar sentido à vida, precisamos primeiramente entender que uma percepção puramente racional

do mundo que nos cerca não poderá nos conduzir a essa resposta que, claramente, não se encontra apenas no campo da razão. A resposta dada pela filosofia a essa questão não pode satisfazer nossa alma, porque reside nela um anseio por algo mais transcendente e menos efêmero do que a vida apresentada aos nossos olhos. Deste ponto em diante, precisamos trazer ao debate um outro elemento que, junto com a razão, compõe a alma humana: a fé. Para alguns leitores, essa afirmação pode ter parecido um tanto controversa, já que, até aqui, temos trazido conceitos que pendem muito mais para o campo da razão do que da fé, entretanto precisamos da intervenção de outro elemento, que não a razão, para nos ajudar a investigar nosso problema, já que, sozinha, a razão pareceu não responder a contento o nosso questionamento. Alguns podem pensar que a fé e a razão são termos opostos entre si, mas na verdade, como fazem parte da constituição do ser humano, essas atribuições se complementam. Antes de mais nada, é necessário que essa palavra seja desmistificada, pois, certamente, alguns de vocês já se coçaram só por ela ter sido citada.

Se eu te dissesse que todo ser humano tem fé, o que você me diria? Posso imaginar respostas como: “nem todos creem em Deus, afinal não existem ateus?”, ou “nem todos têm uma religião”. A afirmação não foi: “todos creem em Deus” ou “todos têm uma religião”, mas sim: “todos acreditam em algo”. Isso significa que faz parte do desenvolvimento humano acreditar (fé), como algo que é intrínseco e natural a ele, assim como é natural o ato de pensar (razão). Sabe como podemos perceber essa verdade? Vamos olhar para o desenvolvimento de uma criança: ela está aprendendo a andar e seus pais a estimulam a se equilibrar sobre suas pernas sem precisar se apoiar em algum objeto dizendo: “Vamos, filho, você consegue!”. Naquele momento, parece impossível à criança conseguir aquela façanha, mas ela faz um exercício de fé (um dos primeiros de sua vida) até que consiga caminhar sozinha e aprender a andar, ainda que tenha caído algumas vezes. Mesmo vendo as

peças andarem ao seu redor, ela precisa acreditar que ela também consegue, ainda que seu corpo pareça não corresponder a essa possibilidade.

A fé faz parte da nossa educação e do nosso desenvolvimento. Quando os pais começam a dizer a seus filhos o que é certo ou errado e se inicia a construção do caráter, vai depender do fato de acreditarem ou não que os pais estão certos a respeito de algo para obedecerem ou não a seus ensinamentos. Quer ver? Quem tem mais facilidade para obedecer a uma orientação dos pais: uma criança de 4 anos ou um adolescente de 14? Certamente uma criança de 4 anos tem muito mais facilidade para acreditar que tudo o que os pais dizem é o certo do que um adolescente de 14. Por que isso acontece? Como os pais a princípio exercem grande influência sobre seus filhos e são para eles os detentores da verdade, os genitores têm muito mais crédito nessa fase e o aprendizado acontece com mais facilidade. Da infância para a adolescência, o cenário começa a mudar. Outros grupos são introduzidos no contexto de vida da pessoa e começam a exercer influência sobre ela, fazendo com que entre em contato com convicções diferentes das de seus pais. As dúvidas a respeito da vida começam a surgir e, dependendo do crédito que a criança dá a esses outros grupos, suas convicções podem até entrar em choque com aquilo que seus pais ensinaram. Esse processo de aprendizagem continua por todas as fases de desenvolvimento do ser humano e só acontece por causa do crédito que o indivíduo dá àquele que o ensina, ou seja, depende da influência que está sendo exercida sobre ele. O fato é que ele precisa acreditar que determinada coisa é boa para ele ou não. Como nem sempre temos acesso aos fatores concretos para decidirmos, vamos precisar decidir se a influência de determinada pessoa ou grupo de pessoas vai ser suficiente para darmos crédito a eles. Percebe como o ser humano exercita sua fé naturalmente no processo de aprendizagem e desenvolvimento?

Acho interessante como a fé age em relação às viagens que as pessoas fazem. Viajar é um puro exercício de fé. Quando você decide viajar para um

determinado lugar, o que te faz pensar que esse lugar existe? Talvez você me respondesse: “Um mapa!”. E como você sabe que esse mapa representa a realidade geográfica do lugar para onde você vai? Quem sabe, depois de pensar um pouco, você diria: “Eu apenas sei que ele corresponde à realidade geográfica do lugar para onde eu vou”. E como você sabe? Você já foi até lá? Já contrariado, você retrucaria: “Eu nunca fui, mas outras pessoas já foram e sabem que o mapa está correto”. Então, na realidade, você **acredita** que essas pessoas estão dizendo a verdade e foram até lá, por isso você **acredita** que esse mapa pode te levar ao lugar que você quer. E o GPS? Esse aparelho nos dá uma grande oportunidade de exercer a fé. Você o liga e torce a viagem toda para que ele te leve de forma segura e rápida ao lugar que você deseja. Como você ouviu dizer que, usando um aparelho desses, ele te guiará pelo caminho certo, você **acreditou** no testemunho das pessoas, comprou e começou a usar. Depois das primeiras vezes em que você chegou ao destino com sucesso, você começou a dar mais **crédito** a ele, mas a relação com o GPS precisa se desenvolver na base da confiança. Algumas vezes, você não entendeu o caminho que ele mostrou e foi parar do outro lado da cidade. Outras vezes tinha uma rua com o mesmo nome em outro canto e você acabou indo passear por lá. Mas, como você é perseverante, continuou **acreditando** que ele poderia mostrar o caminho certo. “Vou fazer uma atualização e resolvo o problema.” Na verdade, você **acredita** que alguém que alimenta aquele sistema faz um estudo geográfico da cidade e tem capacidade de disponibilizar no aparelho aquilo que condiz com a realidade. Com a internet, isso se tornou ainda mais rápido e prático, mas, de qualquer forma, você precisa **acreditar** na eficiência da tecnologia para se dispor a ser guiado, às cegas, por um aparelho desses para um lugar que você nunca visitou. Estamos falando de uma realidade moderna. Imagine quanta fé não precisaram os desbravadores que, seja a cavalo ou em embarcações, cruzavam distâncias incríveis, sem instrumentos de orientação, apenas baseados nas rotas descobertas por outras pessoas. É muita fé!

Desta forma, percebemos que o ser humano possui naturalmente essas duas faculdades: a fé e a razão, e ambas o ajudam a desenvolver-se como indivíduo e a entender o mundo que o cerca. Em alguns momentos haverá necessidade de que uma delas seja mais usada do que a outra. Mas o fato é que o ser humano precisa das duas se quer ser um indivíduo equilibrado. O que você pensaria de uma pessoa que só consegue enxergar as coisas pela ótica racional? Ou o que você pensaria de alguém que só entende a vida pela ótica da fé? Você não diria que falta algo a essas pessoas?

Isso posto, vou te contar uma história que me ajudou a entender em que ponto a humanidade acabou distorcendo o senso de felicidade e o sentido da vida.

CAPÍTULO 10

A história do Rei Bondoso

Imagine um reino próspero e feliz cujo rei é famoso por seu grande amor, bondade, justiça e misericórdia. Nesse reino, cada uma das pessoas do povo é tratada como um filho do rei, pois, diferentemente de outros reinos, podem desfrutar de íntima amizade com seu soberano. Não há acesso restrito à sala do trono, pois ele tem grande prazer em receber seu povo e acompanhar a vida de cada um deles. Em resposta, os habitantes daquele reino tinham grande contentamento em poder usufruir da companhia, cuidados e instruções de seu bondoso rei.

Como em qualquer reino, esse rei possui uma poderosa guarda real estabelecida para defender seus interesses e proteger o seu povo. Certo dia, o comandante da guarda real, seduzido pelo poder, colocou em seu coração que poderia tomar o lugar do rei e governar em seu lugar. Arquitetando uma maneira de se tornar soberano, corrompeu um terço de toda guarda real, convencendo-os de que o rei legítimo não tinha capacidade de continuar lhes dando uma vida feliz e próspera. Mas não teve êxito com os outros membros da guarda, que, conhecendo a maldade em seu coração, não hesitaram em fazer saber ao legítimo rei tudo o que estava acontecendo. Ao saber da insurreição, o rei expulsou os rebeldes de seu reino para uma terra distante e árida a fim de proteger seu povo da influência maligna e ambiciosa daquele comandante.

Tomado de ira e indignado com sua condenação, o ex-líder da guarda real colocou firme propósito em seu coração de que algum dia seria o soberano daquele povo. Para ter sucesso em tal intento, viajava para as terras do rei de tempos em tempos e encontrava uma maneira de se esgueirar no meio do povo, sob disfarce, procurando lhes corromper. Dizia-lhes que havia, além do reino, uma terra que era muito mais próspera do que aquela

em que eles habitavam e que o lugar podia lhes propiciar muito mais abundância e fartura. Suas mentiras tinham a intenção de convencê-los de que aquele lugar já não mais poderia continuar dando a eles a felicidade que eles desejavam desfrutar e insinuava que o rei estava escondendo deles esse fato.

Certo dia, aquele povo, já contaminado com as falácias e duvidando do caráter do rei, decidiu se reunir sem o conhecimento de seu soberano a fim de debater sobre o tal lugar. O debate foi intenso, pois havia uma luta em seu interior entre permanecer naquele reino onde já desfrutavam do cultivo próspero de suas terras e ainda tinham o privilégio de ter livre acesso ao palácio real e à presença do rei ou conhecer um outro lugar, distante do rei, mas que poderia ser ainda melhor do que aquele em que eles habitavam. Essa ideia havia penetrado em suas mentes de tal forma, que já não os deixava em paz. Decidiram, então, ainda temerosos por causa das muitas incertezas, deixar o reino na calada da noite e peregrinar rumo a uma terra desconhecida, guiados pelo ex-comandante disfarçado.

Ao saber da notícia no dia seguinte, não apenas o rei, mas toda a família real e os membros da guarda real entristeceram-se sobremaneira e prantearam um dia inteiro. Por amar muito aquele povo de quem cuidara por longos anos, o rei estabeleceu luto oficial de uma semana, mas decidiu não mandar sua guarda atrás deles por respeitar sua decisão.

Nesse meio-tempo, os habitantes daquele povo chegaram ao seu destino, mas a surpresa que tiveram ao ver sua nova terra não foi nada agradável. Seus maiores temores de que poderiam ter tomado a decisão errada vieram à tona quando viram que sua nova habitação era um lugar árido e de difícil plantio. Sentindo-se ludibriados pelas promessas feitas pelo forasteiro, foram questioná-lo acerca daquele lugar. Nesse momento, o ex-comandante da guarda real se revelou e os subjugou com a ajuda de seus cúmplices, fazendo-os trabalharem como escravos a fim de estabelecer o seu reinado. Obviamente, alguns tentaram fugir de volta para o seu antigo reino, mas não

sabiam o caminho, e a distância entre os dois lugares era grande demais, de modo que ou voltavam para sua nova casa e se submetiam à tirania ou morriam tentando encontrar seu antigo lar. Desta forma, já desanimados com a chance remota de poderem voltar ao seu antigo reino, aquele povo acabou se submetendo ao senhorio perverso do ex-comandante da guarda.

Os anos se passaram, e aquela geração que havia saído do reino do rei bondoso e justo já perecera, restando daquele lugar apenas o memorial construído pelas histórias contadas de pai para filho. Aquele povo já não era mais amistoso e compassivo como outrora. Por causa da distância com seu antigo reino, foram perdendo todas as boas qualidades que seu rei lhes ensinara e ficavam cada vez mais parecidos com seu novo soberano. Tornaram-se pessoas egoístas, arrogantes e ambiciosas e seus corações tornaram-se fúteis. Sua única preocupação era poder cultivar a terra a fim de juntarem cada vez mais posses para poderem subjugar a outros assim como foram subjugados um dia. Seu caráter e cultura mudaram de tal forma, que se tornaram irreconhecíveis.

Naquele reino de amor e paz, reinava agora o príncipe e, a exemplo de seu pai, governava o reino com grande justiça, bondade e amor. Seu pai havia lhe dado a missão de, assim que fosse possível, procurar pelas montanhas e vales aquele povo que os havia deixado a fim de oferecer-lhes perdão, pois os amava como a filhos. O príncipe fez questão de liderar missões de busca por todas aquelas terras a fim de encontrá-los, o que, depois de inúmeras tentativas sem sucesso, finalmente conseguiu. Chegando lá, com todos da sua guarda real a postos para uma operação de resgate, o príncipe se apresentou às autoridades daquele reino dizendo-lhes a que propósito tinha vindo. Nenhuma oposição se lhe foi feita, pois o exército deles era muito inferior em poder se comparado à guarda do príncipe. Vendo que não houve oposição por parte do exército inimigo, o príncipe fez saber aquele povo que aqueles que quisessem voltar ao reino que seus pais um dia habitaram teriam a anistia garantida e poderiam ir com ele, sendo

necessário apenas que deixassem tudo o que haviam construído ali e o seguissem.

Não houve muita empolgação em resposta ao anúncio feito pelo príncipe, pois aquele povo de coração corrompido já não se interessava mais pela vida que seus pais outrora tiveram. Para a maioria deles, aquelas histórias não passavam de um conto de fadas que não lhes acrescentava nada. Como o conhecimento daquela antiga vida lhes ajudaria a serem mais ricos e prósperos? Era somente nisso que eles pensavam agora. Entretanto, algumas poucas pessoas ainda guardavam em seu coração os valores deixados por seus pais e acreditavam que um dia poderiam voltar para um lugar melhor, onde desfrutariam, a exemplo deles, de bondade, amor, justiça e misericórdia.

Assim, ao solicitar uma resposta às pessoas daquele reino, o príncipe obteve da grande maioria um estrondoso não. Essas pessoas não queriam se desfazer de tudo o que haviam construído. Não estavam completamente felizes, mas o sofrimento era suportável. “Por que abrir mão de tudo por uma história antiga? O que vale é o aqui e agora. Afinal, nem sabemos de onde vem e quem é este tal príncipe!” — pensavam. Entretanto, o príncipe não voltaria ao seu reino de mãos vazias. Aquelas poucas pessoas que conseguiram manter a chama da esperança acesa, mesmo em meio a tantas opiniões incrédulas, decidiram deixar tudo o que haviam construído naquela árida e inóspita terra, aceitar a anistia e ir com o príncipe acreditando que ele realmente era o sucessor do bondoso rei descrito por seus pais e que poderia dar-lhes a felicidade tão exaltada nas histórias que lhes foram contadas na infância.

À primeira vista, é difícil entender como essa história pode nos ajudar a compreender quando foi que a humanidade perdeu o senso de felicidade, mas não será assim quando o significado por trás dela for revelado. Vou abrir um “parêntese” antes de prosseguirmos. Afirmo, antes de iniciarmos a

história, que uma pessoa que não consegue estabelecer um equilíbrio entre razão e fé é uma pessoa incompleta, já que os dois atributos fazem parte inexorável do nosso desenvolvimento. Como argumentei, a fé não precisa estar necessariamente ligada à religião, pois ela é exercitada em muitos momentos da nossa vida. Entretanto, parece que o ser humano tem dentro de si uma busca natural pelo transcendente, e a religião é apenas um sintoma dessa verdade. Percebe-se isso claramente ao longo da história ao se notar que o nome “deus” foi usado de diversas formas: para nomear elementos da natureza e seres mitológicos ou para elevar figuras humanas a um status de divindade. Como se o ser humano precisasse dar um nome àquilo que não pode explicar e nem ver, ainda que possa acreditar. Não é à toa que a maior parte das pessoas no nosso planeta professa uma religião.

Aliás, não podemos negar que a religião é uma tentativa de explicar o transcendente, por isso cada qual avalia aquela que lhe parece mais coerente e coloca sua fé nela. Se não acha coerência em nenhuma, então coloca sua fé no fato de que nenhuma serve e simplesmente tenta silenciar a questão. E, se afirma categoricamente que essa tal questão transcendental não existe — apenas o aqui e agora —, ainda assim precisa de muita fé para afirmar que algo que não pode ser provado e nem contestado não exista. Não se assuste, minha intenção não é fazer um debate religioso, apenas evidenciar a ideia de que a maioria das pessoas naturalmente acredita que exista um ser superior e procura a religião para tentar entender melhor essa crença que pulsa dentro de si. Fechado o “parêntese”, vamos entender como essa metáfora nos ajuda a perceber quando nos perdemos do nosso sentido de vida.

CAPÍTULO 11

Quando nos perdemos

A história que contei há pouco foi inspirada em algumas afirmações do já citado escritor C. S. Lewis que me fizeram entender melhor o ponto em que a humanidade perdeu o sentido de vida e o senso de felicidade. Essas afirmações descrevem alguns princípios que, se tivermos um pouco de fé, podem resolver nosso dilema.

Para um determinado grupo de pessoas, assim como governa o rei bondoso de nossa história, não apenas nosso mundo, mas também o universo é governado por um Deus que reina com amor, bondade, justiça e misericórdia desde a eternidade; mas, ao contrário do nosso personagem, esse Deus não só reina, como também criou tudo o que existe, e criou a raça humana para com ela se relacionar em amor, bondade, justiça e misericórdia. Esse relacionamento dava certo e satisfazia o coração humano até certo ponto da história. Em dado momento, a raça humana foi seduzida pela ideia de que poderia ser mais feliz se governasse sua própria vida e decidiu rebelar-se, deixando de lado o relacionamento com seu Criador, que, até então, contentava seu coração. Nesse momento da história, a humanidade, afastando-se Dele, decidiu tomar a rédea de sua vida e seguir seu próprio entendimento acerca do que é felicidade. Mas, a exemplo do que aconteceu na nossa história, essa promessa de felicidade longe do Rei era uma ilusão. A humanidade deixou, em certo ponto de sua trajetória, de confiar no seu Rei e se distanciou cada vez mais do relacionamento com Ele, deixando um lugar de felicidade plena por um lugar árido que já não podia dar contentamento, esquecendo-se, por causa da distância, do que é a verdadeira felicidade.

Na história do rei bondoso, quanto mais o tempo passava, mais aquele povo ia se esquecendo dos valores ensinados pelo rei a ponto de se tornarem

peças fúteis e corrompidas. Da mesma forma, a humanidade se tornou fútil e corrompida quando deixou de se relacionar com seu Criador, virando as costas para tudo aquilo que Ele considera bom. Não é difícil perceber essa verdade quando olhamos ao nosso redor e enxergamos o buraco onde toda a humanidade foi parar e a capacidade para a crueldade tão patente nos nossos dias. A posição atual da raça humana em relação ao seu Criador é a mesma daquele povo da história: estamos vivendo em um lugar que surgiu de uma insurreição. Para Lewis (2005, p. 22), o universo está em guerra, mas não uma guerra entre forças independentes, e sim uma guerra civil, uma rebelião, e nós vivemos na parte do universo ocupada pelos rebeldes.

Talvez você esteja se perguntando: “OK, vamos admitir que Deus exista e que, a exemplo do rei da história, Ele é cheio de amor e poder. Como Ele pode permitir que a maldade e o sofrimento que acometem a raça humana possam se espalhar dessa forma?”. Esse questionamento é crucial para aqueles que desejam resolver seus problemas de fé, porque quando se trata de maldade e sofrimento — elementos que atentam contra nossa felicidade — todos nós temos dificuldades para admitir a soberania, poder e bondade de Deus. Aliás, muitos desistem de crer na existência de Deus absorvidos por essa dificuldade. C. S. Lewis, de forma genial e inspirada, nos ajuda a entender melhor essa questão:

Deus criou coisas dotadas de livre-arbítrio: criaturas que podem fazer tanto o bem quanto o mal. Alguns pensam que podem conceber uma criatura que, mesmo desfrutando da liberdade, não tivesse possibilidade de fazer o mal. Eu não consigo. Se uma coisa é livre para o bem, é livre também para o mal. E o que tornou possível a existência do mal foi o livre-arbítrio. Por que, então, Deus o concedeu? Porque o livre-arbítrio, apesar de possibilitar a maldade, é também aquilo que torna possível qualquer tipo de amor, bondade e alegria. Um mundo feito de autômatos — criaturas que funcionassem como máquinas — não valeria a pena ser criado. A felicidade que Deus quis para suas criaturas mais elevadas é a felicidade de estar, de forma livre e voluntária, unidas a ele e aos demais seres num êxtase de amor e deleite ao qual os maiores arroubos de paixão terrena entre um homem e uma mulher não se comparam. Por isso, essas criaturas têm de ser livres.³⁸

O que está em jogo aqui é a nossa liberdade de escolha. Se nosso Criador nos privasse de poder escolher, também não poderíamos nos relacionar com

Ele por livre escolha, e não era essa Sua intenção. O sofrimento e a maldade que nos rodeiam são frutos das nossas escolhas, e não da vontade do nosso Criador. Lembra-se da história? O rei nunca quis que aquele povo fosse viver em outro lugar longe dele, mas, como havia lhes dado liberdade para ficar, essa liberdade implicaria o poder que eles tinham de ir embora, e foi o que fizeram. Da mesma forma, nosso Criador nos deu a liberdade de escolher por Ele assim como temos liberdade para ficarmos longe. Não é difícil de perceber as consequências catastróficas dessa decisão: tal qual a história, viemos parar em um lugar árido onde se procura por uma felicidade que nunca se alcança. Lewis destaca que a felicidade projetada do Criador para as Suas criaturas é a *“de estar, de forma livre e voluntária, unidas a ele e aos demais seres num êxtase de amor e deleite ao qual os maiores arroubos de paixão terrena entre um homem e uma mulher não se comparam”*. Essa afirmação não faz seu coração palpitar? Esse tipo de felicidade não se parece muito com o tipo de completude pela qual nossa alma grita? Talvez estejamos chegando perto...

A ilusão propagada por um povo que agora está bem longe do seu Criador e do conceito de felicidade estabelecido por Ele é a de que podemos, por nós mesmos, definir o que é felicidade e viver a partir daquilo que definimos. Em outras palavras, estamos dizendo que não precisamos de ninguém além de nós mesmos e daquilo que definimos como sendo bom para nós. Como você acha que temos nos saído? Lewis nos ajuda mais uma vez nesse ponto, afirmando que, no momento em que caímos, a ideia de que poderíamos bastar-nos a nós mesmos, como se fôssemos nossos próprios criadores, nos enredou, nos levando para longe da verdadeira fonte de felicidade, e nos fez inventar um tipo de felicidade fora e à parte de Deus. Em suas palavras, a consequência disso não poderia ser pior:

Dessa tentativa, que não pode dar certo, vem quase tudo o que chamamos de história humana: o dinheiro, a miséria, a ambição, a guerra, a prostituição, as classes, os impérios, a escravidão – a longa e terrível história da tentativa do homem de descobrir a felicidade em outra coisa que não Deus.³⁹

Se você parar e pensar um pouco, vai perceber que o que faz o mundo girar é a vontade egocêntrica das pessoas. Tudo o que fazemos no nosso dia a dia, fazemos a partir da nossa perspectiva do que é bom para nós ou, no mínimo, da perspectiva do que ensinaram para nós o que é bom. O resultado da avaliação que fazemos do que é bom ou não para nós ou, melhor ainda, daquilo que pode ou não nos fazer felizes é o de procurar sempre por uma felicidade que se esgota facilmente, como se tivéssemos sido destituídos do entendimento do que é bom e do que pode realmente nos fazer felizes. Lembrando a conclusão a que chegamos anteriormente — de que o ser humano está fadado a permanecer em um círculo vicioso na busca pela felicidade —, percebemos que o que acontece é o oposto do conceito de liberdade. As pessoas estão presas a uma necessidade de busca por contentamento, mas o único contentamento que se pode conseguir é momentâneo e passageiro; quando ele é conseguido, o sentimento não dura muito e a pessoa se sente pressionada a correr atrás de outro objeto que lhe traga alegria. Entender que o nosso conceito de felicidade está distorcido é um primeiro passo para que esse ciclo seja quebrado e possamos, enfim, começar a experimentar um sentido de vida mais profundo e satisfatório.

Procuramos a completude em nós mesmos e naquilo que pensamos ser bom, e, aparentemente, esse estilo de vida não tem dado muito certo, já que o tipo de felicidade e sentido que podemos alcançar é como a neblina que se esvai rapidamente, nos dando uma sensação de contínua insatisfação. Por que será que isso acontece? Lewis pode nos ajudar mais uma vez:

A razão pela qual essa tentativa não pode ser bem-sucedida é a seguinte: Deus nos criou como um homem inventa uma máquina. Um carro é feito para ser movido a gasolina. Deus concebeu a máquina humana para ser movida por ele mesmo. O próprio Deus é o combustível que nosso espírito deve queimar, ou o alimento do qual deve se alimentar. Não existe outro combustível, outro alimento. (...) Deus não pode nos dar uma paz e uma felicidade distintas dele mesmo, porque fora dele elas não se encontram.⁴⁰

Percebe onde pode estar nosso problema? Estamos querendo nos alimentar de uma comida que não tem os nutrientes que precisamos porque

fomos criados para nos alimentar com um outro tipo de comida. Se um carro é movido à gasolina, não adianta colocar suco de laranja nele, que ele não vai andar! É exatamente o que a humanidade pretende: ela foi criada para ser movida por um tipo de felicidade que só pode ser achada no Criador, mas se recusa a um relacionamento com Ele. Não vai andar! Por isso as coisas não se encaixam e tem-se um sentimento de que algo está faltando. A humanidade quis excluir de sua vivência o único capaz de dar sentido às coisas. O que deve ter chamado sua atenção, quando começou a ler este livro, foi o fato de que estamos tentando responder a uma pergunta muito difícil — há algum sentido na vida? Agora percebe por que é tão difícil respondê-la? A humanidade tem procurado a resposta em um lugar incapaz de produzi-la — o próprio ser humano. Nós temos problemas em tentar enxergar a vida além de nós mesmos — somos naturalmente autocêntricos. Há um tempo, se pensava que tudo o que havia para além do nosso planeta girava em torno dele, ou seja, que a terra era o centro do universo. Hoje se sabe que não só a terra não é o centro do universo, como nem é o centro de seu próprio sistema — o Sistema Solar. Para entender o sentido da nossa existência, vamos precisar quebrar o paradigma de que tudo gira em torno de nós. Uma frase que tem sido exaltada no nosso tempo é: “Sou o protagonista da minha própria vida!”. Esse entendimento nos faz incorrer em um erro que nos custa a felicidade.

Essa energia que gastamos tentando seguir um rumo baseado em nosso próprio entendimento tem custado caro. Sem o combustível certo, o ser humano corre e corre e acaba infeliz. Parece que não engrena. Você olha para sua vida e, quando pensa que agora a plenitude e a satisfação estão à sua porta, algo acontece e mais uma vez há um entrave. Nas palavras de Lewis:

Essa é a chave da história humana. Despende-se uma energia incrível, erguem-se civilizações, concebem-se excelentes instituições, mas algo sempre dá errado. Uma falha fatal sempre permite que as pessoas mais egoístas e cruéis subam ao poder, trazendo a derrocada, a desgraça e a ruína. A máquina, em outras palavras, emperra. Ela parece

engrenar bem e rodar por alguns metros, mas então se quebra. Tentamos fazê-la funcionar com o combustível errado.⁴¹

Quando Lewis afirma: “Parece engrenar bem e rodar por alguns metros, mas então se quebra”, ele confirma a nossa ideia de que as pessoas só conseguem encontrar um sentido passageiro na vida. O máximo que se consegue viver é por projetos, e quando estes são realizados o vazio volta. Da mesma forma, a felicidade encontrada nas conquistas alcançadas dura enquanto durar a euforia da conquista, mas logo o vazio vem e se tem necessidade de procurar por outra conquista.

Talvez você esteja se sentindo assim. Pulando de projeto em projeto, de conquista em conquista. Vivendo de alegrias efêmeras que não conseguem sossegar a alma — pelo menos não a sua. Você olha ao redor e vê as pessoas vivendo suas vidas: trabalhando, estudando, casando, comprando casas, se relacionando, constituindo famílias, correndo atrás de sonhos pequenos, médios, grandes e utópicos — envelhecendo. De repente, para essas pessoas, a vida como é faz todo o sentido. Elas pensam: “Vou continuar crescendo, evoluindo, conquistando... até morrer”, esse é o sentido para elas. Essas pessoas vivem das pequenas alegrias e não lhes incomoda o fato de que o vazio da alma não tem sido preenchido — elas pensam: “Existe uma alma? O que importa é o aqui e o agora!”. Mas para você não. O que te trouxe até aqui foi um anseio por algo além do que se tem vivido até agora, a busca por um sentido mais completo da existência.

Como vimos até aqui, a humanidade precisa preencher um vazio que grita dentro de sua alma e procura em várias coisas saciar essa sede por satisfação e por um sentido em sua existência. Os filósofos nos ajudaram a entender que o ser humano procura sempre satisfazer sua vontade, que aponta para o encontro com a felicidade. Eles nos ajudaram a perceber que esse tipo de felicidade pela qual a humanidade luta é uma ilusão, quando se fala de uma felicidade duradoura, ou que só pode ser vivida momentaneamente, pois vai embora da mesma forma que veio, e, às vezes,

até mais rapidamente. Ao contrário de muitos, não nos satisfizemos com essa resposta e encontramos nas palavras de C. S. Lewis um alento: se existe uma sede, é porque existe água! Para entendermos que o problema está na água que estamos bebendo (que não satisfaz), vimos a história de um povo que abandonou seu amado rei e, dando as costas para a felicidade que tinham naquele reino, foram atrás de uma ilusão. Entendemos que aconteceu o mesmo com a humanidade: ela perdeu o sentido da vida e da verdadeira felicidade quando se afastou de seu amado Rei — seu Criador. Agora, querendo governar-se a si próprio e estabelecer uma percepção de felicidade diferente daquela oferecida por seu Criador, o homem consegue apenas correr atrás de objetos que satisfazem sua alma de forma medíocre. Essa satisfação dura por um tempo, mas logo o vazio volta.

Se logrei sucesso em te fazer perceber que o sentido da nossa existência não pode ser encontrado em nós mesmos e que a felicidade, como nós a entendemos, não satisfaz a alma, posso pedir que você abra o seu coração e a sua mente para conceitos que nos levarão para além desse entendimento pueril de felicidade. Essa parte da viagem nos promete dar respostas acerca do sentido da vida e da felicidade de forma que possa suprir verdadeiramente os anseios mais apaixonados da nossa alma.

³⁸ LEWIS, 2005, p. 22.

³⁹ LEWIS, 2005, p. 23.

⁴⁰ LEWIS, 2005, p. 23.

⁴¹ LEWIS, 2005, p. 23.

SEÇÃO IV
A VERDADEIRA FELICIDADE E
SENTIDO

CAPÍTULO 12

A felicidade e o sentido em Deus — alguns pensadores

Vimos até aqui que, se dependermos da felicidade tal qual nos foi revelada pelos filósofos e que é o objeto de desejo da sociedade humana, não conseguiremos alcançar o intento de encontrar um sentido de vida que possa saciar nossas inquietações. Temos a missão, portanto, de encontrar uma fonte de água verdadeira que não seja ilusória e passageira como é a felicidade momentânea que acabamos de estudar. Nossa tese é de que esse sentido de vida, que não pode ser encontrado no ser humano e nem no mundo que o cerca — que logo passarão —, só pode ser encontrado naquele que criou a humanidade e é o único que pode determinar e saber para que fim esses seres foram criados e como eles podem ser felizes. Será que algum pensador pode ratificar nossa ideia?

Platão: uma excelente troca

Vamos começar com uma frase do já citado filósofo da Grécia Antiga, Platão:

O que o homem pode fazer de melhor para a sua felicidade é pôr-se em harmonia constante com Deus por meio de súplicas e orações.⁴²

Quando tratamos da definição de felicidade dada pelos filósofos, vimos que Platão defendia que a felicidade poderia ser encontrada pelo sujeito que cultivasse a sabedoria. É, no mínimo, interessante constatar que o filósofo tinha um outro ponto de vista acerca da felicidade que de maneira alguma se opõe ao primeiro. Aliás, fazendo uma comparação com sua afirmação anterior, Platão destaca que o caminho que ele aponta é melhor: “O que o homem pode fazer de **melhor** para a sua felicidade” (grifo meu). Ele afirma que se colocar em constante harmonia com Deus é a melhor maneira de obter felicidade. Vê-se que não há uma luta entre a fé e a razão aqui. A sabedoria pode colaborar com um estilo de vida que leve o sujeito a uma

vida mais feliz, mas a afirmação de fé feita por Platão — a de que estar em harmonia com Deus continuamente é um jeito ainda melhor de se obter felicidade — nos mostra que os dois atributos se complementam. A propósito, é verdadeiramente sábio aquele que procura os melhores caminhos para encontrar a sua felicidade, e, segundo o pensador, o melhor deles é estar em harmonia com Deus através de súplicas e orações.

Abrimos aqui, então, uma via para constatação de que podemos encontrar em Deus nosso sentido de vida e nossa felicidade. O conselho do sábio pensador nos ajuda a abrir mão de um caminho inferior por um superior quando ele destaca que estar em harmonia constante com Deus é a melhor trilha a se percorrer para quem quer encontrar a felicidade. Essa comparação não é justa? Se estamos andando por um caminho que tem nos levado a um ciclo sem fim que nos força a procurar por uma felicidade passageira e que não sacia a alma, por que então não procuramos um caminho melhor? Aliás, por que não escolhemos um caminho melhor? Essa é a única opção que nos resta, se realmente queremos desfrutar de um sentido mais completo para nossa vida. Por isso, para que se atenda a esse sábio conselho é necessário que haja um reconhecimento de que o caminho rumo à felicidade escolhido até aqui não conduziu à completude de fato e precisa ser deixado por um novo e melhor caminho.

Tomás de Aquino: a primeira causa e o fim último

Da Grécia Antiga à Itália do século XVIII, temos o ponto de vista do pensador Tomás de Aquino:

(...) na razão de bem-aventurança se incluem duas coisas: o próprio fim último, que é o sumo bem, e a posse ou gozo desse bem. Quanto ao bem que é objeto e a causa da bem-aventurança, não pode haver uma bem-aventurança maior que a outra. Isto porque não há senão um sumo bem, que é Deus, pelo gozo do qual os homens são bem-aventurados.⁴³

Aquino procura nos convencer aqui de que, para o encontro com a bem-aventurança ou, se preferir, com a felicidade, são necessárias duas coisas. A primeira é entender o que é o fim último, ou seja, o verdadeiro propósito —

o maior bem a ser alcançado. A segunda é ter a posse desse bem maior para que se possa desfrutar dele. É exatamente o que estamos fazendo aqui: procurando entender o que seria o sentido da nossa existência — o fim último —, para passar a andar na direção desse sentido e, portanto, poder desfrutar da felicidade encontrada nele.

Para entendermos melhor o significado do fim último e como ele tem relação com a felicidade que procuramos, vamos a uma definição mais minuciosa de Aquino:

Além disto, há em todos os homens o desejo natural de conhecer as causas das coisas que se veem. Donde, devido à admiração das coisas conhecidas, cujas causas estão ocultas, os homens começam a filosofar, e, descobrindo as causas das coisas, aquietavam-se. E ainda, a inquisição não para até que se chegue à primeira causa. É então que temos ciências de que sabemos perfeitamente quando conhecemos a primeira causa (I Metafísica 3, 983^a; Cmt 4, 70s). Por isso, o homem naturalmente deseja conhecer a primeira causa como fim último. Ora, Deus é a primeira causa de todas as coisas. Logo, o fim último do homem é conhecer Deus.⁴⁴

Como afirmamos no começo do livro, há uma necessidade natural dentro do homem de explicar as coisas ao seu redor a fim de encontrar sentido nelas — suas causas e seus propósitos. As ciências são estabelecidas com essa finalidade e, por isso, em uma investigação científica só haverá descanso quando as causas fundamentais de determinados fenômenos forem esclarecidas. Assim, uma série de testes é realizada a fim de se chegar a uma conclusão que esclareça tal fenômeno. Quantas hipóteses foram levantadas até que se descobrisse que a maré está relacionada à força gravitacional da lua e que a formação de tornados tem a ver com o encontro das massas de ar quente e frio? Quantas teses não foram lançadas até que se descobrisse que determinadas doenças são provocadas por certos tipos de bactérias e vírus? Nesse processo de descoberta, as primeiras hipóteses podem ter levado a causas que provocavam outras causas e que, ao final de uma cadeia de acontecimentos, apontavam para uma primeira causa. Vamos tentar simplificar o conceito. Imagine que a sua televisão queimou e você foi tentar descobrir qual foi a causa. A primeira ideia que lhe ocorreu para solucionar

o problema foi a de dar uma olhada na TV e tentar perceber algo que pudesse sugerir o que ocasionou o fato. Ao fazer isso, você percebe em seu televisor uma certa umidade na parte de cima — alguns pingos de água. “Talvez a TV tenha pifado por causa da umidade.” Mas a umidade não aparece de lugar nenhum, certo? Aquela água veio de algum lugar. Então você passa a investigar o que pode ter causado a umidade que pifou a televisão. Dando uma bela olhada em todas as direções próximas à TV, você analisa o chão e nada. Depois as paredes de trás e as laterais. Nada. Quando você olha para o teto, qual não é a sua surpresa: uma mancha úmida bem na direção do seu televisor. “A umidade que causou avaria na televisão pode ter sido causada pela umidade do teto que está pingando.” Pois bem, até onde você sabe, teto de sala não derrete com o calor, portanto você pensa: “Alguma coisa está causando este vazamento”. Lá vai você gastar dinheiro com um profissional que vai investigar qual é a causa do vazamento. O profissional chega em sua casa e, após verificar o sótão, constata que tem uma poça de água gigante bem na direção da sala. Já que água não dá em concreto, você questiona o encanador: “O que está causando este aguaceiro? O telhado está quebrado?”. Com um leve sorriso no rosto (daqueles que a pessoa dá quando sabe mais do que você), ele responde: “A boia da caixa-d’água está quebrada. É isso que está causando o vazamento”. Percebe? O defeito na televisão foi causado pela água que caía do teto em cima dela. A goteira no teto foi causada pelo acúmulo de água no sótão. O acúmulo de água no sótão foi causado pelo vazamento da caixa-d’água. O vazamento da caixa-d’água foi causado pela boia, que estava com defeito. Você pode parar por aí e dizer que essa foi a primeira causa, mas algo pode ter provocado o defeito na boia e por aí vai. Deu para entender como se descobre a primeira causa de algum fenômeno como nos colocou Aquino? Pois bem, para ele, o homem, ao descobrir a primeira causa, consegue descobrir o fim último — o propósito fundamental.

Vamos aplicar a mesma lógica para descobrir o fim último ou propósito fundamental. Imagine que alguém esteja desempregado, mas queira muito viajar para a Europa — isso deixaria essa pessoa extremamente feliz. O que ela precisa fazer para alcançar o seu propósito? Ter dinheiro para a viagem. Só que ela está desempregada, então o que ela precisa fazer para ter dinheiro para viajar para a Europa e ser muito feliz? Encontrar um trabalho. Só que trabalho não cai do céu, então o que ela precisa fazer para encontrar um trabalho para ter dinheiro para poder viajar para a Europa e finalmente ser muito feliz? Acordar cedo e bater perna. Só que ela, por causa do desemprego, acostumou-se a acordar tarde, então o que ela precisa fazer para acordar cedo para procurar emprego para ter dinheiro no fim do mês (ou de muitos meses) para poder viajar para a Europa e ser muito feliz? Mudar seus hábitos. Percebe? Qual era seu verdadeiro propósito ou fim último? Mudar de hábito? Não. Essa pessoa precisa mudar de hábito para poder acordar cedo. Seu objetivo final era acordar cedo? Não. Ela precisava acordar cedo para poder procurar emprego. Seu objetivo último era o emprego? Não. Ela precisava do emprego para ter dinheiro. Mas seu objetivo final era o dinheiro? Não. Ela queria o dinheiro para viajar para a Europa. O que ela realmente queria na Europa? Ser feliz. Para essa pessoa, seu fim último nessa empreitada era ser feliz. Como sabemos, então, que quando se encontra a primeira causa se encontra o fim último? Vamos tomar como base o mesmo exemplo: vemos que o desejo de ser feliz causou o desejo de viajar para a Europa — e essa foi a primeira causa. Querer ir para a Europa causou a necessidade de ter dinheiro para essa viagem. Precisar de dinheiro causou a necessidade de procurar um emprego para se ter dinheiro. Procurar emprego causou a necessidade de levantar cedo, que causou a necessidade de uma mudança de hábito. Aí está: neste exemplo, ser feliz foi a primeira causa e o fim último. Detalhe: já sabemos que, assim que ela chegar à Europa e passar a semana lá, logo sua felicidade vai embora e ela encontrará outro “fim último” pelo qual lutar.

Temos aprendido em nossa investigação que, quando se encontra o fim último ou propósito fundamental de algo, não há mais o que se procurar, pois depois de achá-lo resta apenas o descanso e a satisfação de tê-lo encontrado. Da mesma maneira, na busca pelo sentido e propósito da existência humana, o descanso virá apenas quando se descobrir o sentido último ou propósito fundamental. Se o homem, ao possuir um objeto de satisfação que considerava como seu fim último, sente a necessidade de correr atrás de outro, logo não encontrou o fim último, pois quando este é achado não há mais o que se procurar.

Lewis: Rompendo os limites

Se tudo o que o homem conquistou até agora pensando ser o sumo bem ou fim último não pode dar-lhe sossego à alma, não seria a hora de considerar que a resposta esteja em um lugar diferente do que ele tem procurado? C. S. Lewis chega à seguinte conclusão: *“Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é a de que fui criado para um outro mundo”*⁴⁵. Concordo com ele. Por tudo o que temos aprendido até aqui, de fato, nenhuma experiência deste mundo tem sido capaz de satisfazer o desejo que pulsa no coração do homem, logo nossa resposta deve estar além daquilo que conhecemos e que entendemos por realidade — já que essa realidade que conhecemos não pode nos dar o que procuramos. Lewis nos mostra que, se não conseguimos saciar nosso desejo aqui, devemos parar de procurar aqui e começar a procurar em outro lugar. Uma vez minha esposa e eu estávamos atrasados para um compromisso e não encontrávamos a chave do carro de jeito nenhum. Procuramos em todos os cômodos da casa: sala, cozinha, banheiro, quartos... Reviramos sofás, estantes, camas, cômodas, guarda-roupas e nada... Começamos a pensar: “Já reviramos esta casa umas dez vezes e não conseguimos achar nada, não seria hora de tentar procurar lá fora, mesmo que haja uma mínima chance de estar lá?”. Começamos a olhar nos batentes

das janelas, nos muros internos do quintal, nos vasos de planta, no chão e nada... Então pensamos: “Já que estamos aqui, vamos dar uma olhada nas casinhas dos cachorros — por descargo de consciência...”. Adivinha só? O mais levado deles tinha pegado a chave e escondido lá. Quem tem cachorro sabe como é... Se ficássemos pensando nos lugares mais lógicos para encontrar a chave, envelheceríamos procurando dentro de casa e não a encontraríamos. Tentamos, então, enxergar as coisas por uma outra perspectiva, e, se não fosse isso, perderíamos o compromisso e acharíamos essa chave sabe-se lá quando. Moral da história: se você não consegue encontrar algo importante em um lugar que já foi exaustivamente investigado, é hora de começar a procurar em outro lugar! É hora de começar a tentar enxergar a situação por uma outra perspectiva!

A afirmação de Lewis nos inspira a pensarmos nas fronteiras da nossa razão e nos desafia a olhar para além delas — “Será que existe algo além daquilo que meus olhos veem?”. Se este mundo, como o conhecemos, não pode nos dar respostas satisfatórias, precisamos ter ousadia e buscar outra forma de ver as coisas. Se temos procurado por um sentido de vida que nos faça realmente felizes aqui neste mundo e, depois de uma investigação exaustiva, pulando de objeto em objeto, não o temos encontrado, não é razoável que o procuremos em outro lugar? Onde e de que forma, então? É exatamente o que Aquino tenta responder quando afirma que o sumo bem não poderia ser encontrado nos objetos deste mundo, mas tão somente naquele que ele considera a primeira causa de todas as coisas — o Criador de tudo. “*Ora, Deus é a primeira causa de todas as coisas. Logo, o fim último do homem é conhecer Deus.*” Se entendemos que Deus é a primeira causa de todas as coisas — pois Ele é o Criador de tudo e sem Ele nada do que existe existiria —, logo também é o fim último do homem “*pelo gozo do qual os homens são bem-aventurados*”, portanto, se encontramos em Deus nosso fim último, encontramos o sentido que estávamos procurando, e com ele a felicidade, e com ela o descanso para nossa inquietação.

Edwards: Participando da felicidade que há em Deus

Considerado um dos maiores filósofos norte-americanos, Jonathan Edwards concorda com essa tese. Para o pensador do século XVIII, tudo o que existe pende para o seu Criador progressivamente, uma vez que só pode encontrar razão de existência Nele:

O que foi dito mostra que todas as coisas vêm de Deus, aquele que é a sua causa primária e origem; assim todas as coisas pendem para ele e, em seu progresso, se aproximam cada vez mais dele por toda a eternidade, comprovando que ele é a causa primária e o fim supremo.⁴⁶

Entendendo que a criatura encontra no seu Criador o fim supremo, Edwards não admite outra possibilidade para que ela encontre sua felicidade senão no próprio Deus, já que, ao comunicar-se com Sua criação, Ele compartilha da felicidade que tem em Si mesmo:

Outra parte da plenitude de Deus que ele comunica é a sua felicidade. Esta consiste nele se comprazer a se regozijar em si mesmo, o que se aplica também a felicidade da criatura. Trata-se de uma participação daquilo que há em Deus, com base no próprio Deus e em sua glória. A felicidade da criatura resume-se ao seu regozijo em Deus, por meio do qual Deus é engrandecido e exaltado.⁴⁷

Pascal: Explicando o vazio

Confirmando essa tese, veja o que afirmou o já citado filósofo francês do século XVII Blaise Pascal:

(...) houve, outrora, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe restam, agora, a marca e o traço todo vazio, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando das coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, mas que são todas incapazes disso, porque esse abismo infinito só pode ficar cheio de um objeto infinito e imutável, isto é, o próprio Deus.⁴⁸

Lembra-se da história do rei bondoso? Nessa história, um povo que era feliz com seu rei e sua terra resolveu aventurar-se para fora dos limites do reino atrás de uma ilusão. Quando se aperceberam disso, já era tarde demais e já não podiam mais voltar ao estado de felicidade em que estavam antes. O tempo passou e o que sobrou dessa felicidade foi apenas a memória construída pelas histórias contadas de pais para filhos e o desejo por ela que ficou enterrado no coração daquele povo. Essa parte da história pode muito

bem ser traduzida por Pascal, pois se assemelha muito com a explicação que ele dá acerca disso. Quando ele afirma que já houve no homem uma verdadeira felicidade da qual restam apenas traços vazios, ele tenta nos mostrar que a humanidade já desfrutou de uma felicidade plena e por isso tem a memória de que ela é possível — a sensação de falta. Isso significa que a humanidade desfrutava de uma felicidade real quando podia desfrutar de um relacionamento íntimo com seu Criador, assim como o povo da nossa história era realmente feliz quando podia desfrutar da intimidade com seu rei. Dessa verdade surge o grande problema: o ser humano tenta satisfazer um vazio infinito — consequente da distância com seu criador — com objetos finitos. Entende por que ele jamais terá sucesso se persistir em buscar a felicidade dessa forma? É como tentar se refrescar em uma piscina olímpica vazia pensando que pode enchê-la com uma colher de areia. Tudo o que você vai conseguir ao mergulhar nela é uma bela dor de cabeça.

Como vimos, algumas explicações filosóficas para essa problemática incluem os mais variados conselhos. Alguns dizem que devemos procurar a felicidade dentro de nós, outros, ao contrário, dizem que devemos procurá-la fora de nós. No fim, nenhum desses caminhos consegue nos ajudar, como reitera Pascal:

Os estóicos dizem: Tornai a entrar dentro de vós mesmos; é aí que encontrareis o vosso repouso: e isso não é verdadeiro. Outros dizem: Sai e buscai a felicidade divertindo-vos: e isso não é verdadeiro. Vêm as doenças: a felicidade não está nem em nós, nem fora de nós; está em Deus, tanto fora como dentro de nós.⁴⁹

Quando o ser humano tem a impressão de que pode encontrar a felicidade dentro de si, na verdade sua alma está almejando achar uma parte de Deus dentro de si que realmente pode lhe fazer completo. Da mesma forma quando ele procura a felicidade fora de si — no mundo que o cerca —, ele está procurando no mundo por algo que possa lhe levar a Deus, apenas não percebe isso e por isso coloca a sua esperança de felicidade em coisas incapazes de dá-la. O desejo por Deus está gritando dentro do homem, mas ele não consegue entender esse grito. Quando sua alma se

sente vazia e insatisfeita, ela grita por Deus, e o homem vai atrás de um carro novo... quando sente o vazio de novo, sua alma grita por Deus, e o homem vai atrás de uma roupa nova, de um novo celular... depois de se encher de bens — de todos os que possa conseguir —, tenta silenciar esse grito com o conhecimento, a sabedoria... faculdades, mestrados e doutorados... depois de ter enchido sua alma com todo o conhecimento e ela continua gritando, ele tenta abafar o som do vazio com relacionamentos... casamentos, namoros, amizades, filhos... Se depois de tudo isso sua alma continua a gritar, o melhor a fazer é começar a ignorar o grito e acostumar-se com ele. Não há problema nenhum em se possuir esses bens, pelo contrário, podem até ser uma dádiva. O problema é não perceber que eles não podem preencher um vazio infinito porque são bens finitos — apenas um bem pode —, nada dentro de nós e nem fora de nós, apenas Deus, tanto dentro quanto fora.

O pensador ainda constata que é fácil perceber como nada consegue tomar o lugar do “verdadeiro bem” no coração do homem ainda que ele insista em tentar: *“Somente Deus é o seu verdadeiro bem, e, desde que o homem o abandona, é estranho que não haja nada na natureza capaz de lhe tomar o lugar: astros, céu, terra, elemento, plantas, couves, alhos, animais, insetos, veados, serpentes, febre, peste, guerra, penúria, vícios, adultério, incesto”* (PASCAL, 2002, p 116). Procura-se por Ele em todos os lugares e em todos os bens que existem e nada pode substituí-Lo.

Qual é a impressão que se tem quando refletimos sobre o comportamento humano nos dias de hoje? Você já teve a oportunidade de parar tudo em um momento de passeio e prestar atenção ao movimento das pessoas em shoppings, grandes centros comerciais, mercados, ruas e avenidas? Não parece que estão sempre atrás de alguma coisa? Não parece que perderam algo? Realmente perderam, e por isso é necessário que se tente achar o que se perdeu em tudo quanto é lugar. O que pulsa dentro de nós está à procura de Deus, mas, como nos perdemos Dele, nossos sentidos tentam encontrá-

Lo em vão em qualquer outra coisa. É como desferir um golpe no ar... Para Pascal: “*O nosso instinto nos faz sentir que é preciso procurar a nossa felicidade fora de nós. As nossas paixões nos levam para fora (...) E, assim, os filósofos disseram em vão: Tornai a entrar em vós mesmos, e achareis assim o vosso bem; mas, não se acredita neles, e os que acreditam são os mais vazios e os mais tolos*” (PASCAL, 2002, p. 116). Entendo por que Pascal pensava assim. É tolice tentar conseguir um resultado diferente fazendo as mesmas coisas. Você tem vontade de comer um enorme e delicioso bolo de chocolate, mas você tem apenas laranjas em sua casa. A vontade de comer o bolo de chocolate é tanta, que você resolve fazer um teste — espreme as laranjas e mistura o suco na massa para ver o que consegue. No primeiro pedaço, pela cor, pelo cheiro e pelo gosto, você percebe que não deu certo. O que fazer? Você continua tentando fazer um bolo de chocolate com suco de laranja? Pois me parece que é assim que a humanidade age quando tenta encontrar felicidade infinita e completa em um mundo finito e incompleto.

⁴² PLATÃO — citação extraída do site Pensador. Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/NTc0OTk/>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

⁴³ AQUINO, 2003, p. 98.

⁴⁴ AQUINO, 1996, p. 421.

⁴⁵ Lewis apud Piper, 2009, p. 12.

⁴⁶ Edwards apud Piper, 2008, p. 139.

⁴⁷ Edwards apud Piper, 2008, p. 138.

⁴⁸ PASCAL, 2002, p. 116.

⁴⁹ PASCAL, 2002, p. 95.

CAPÍTULO 13

Por que o sentido e a felicidade estão em Deus?

Vamos voltar um pouco no tempo e imaginar que você foi o grande inventor do telescópio. Você perdeu meses de sono e estudo tentando criar um objeto que pudesse fazer com que o ser humano conseguisse olhar para além dos limites da terra e ver a grandiosidade que é o universo lá fora. Suponha que você ainda não tenha contado para ninguém para que serve esse objeto e sentiu o desejo de fazer um teste para ver se alguém descobre sua utilidade. Para isso, você distribuiu alguns telescópios para amigos e familiares sem revelar o nome e a função, desafiando-os a descobrirem. Algumas semanas depois, você encontra alguns deles e pergunta: “Conseguiu descobrir a utilidade do objeto que eu inventei?”. Um responde: “Quebrei a cabeça e não consegui, mas fique tranquilo, acabou virando um belo enfeite de mesa”, o outro responde: “Olha, testei várias formas de torná-lo útil e o máximo que consegui foi fazer dele um suporte requintado para meu vaso de plantas”, outro ainda diz: “Pensei, pensei e descobri: isso daria um belo troféu para o campeonato de futebol do bairro, é só mandar fazer uma inscrição nele e ficará perfeito!”. O que você pensaria? No mínimo duas coisas: “Se eu não ensinar para eles como esta invenção funciona, eles jamais saberão usá-la da forma correta” e “Que desperdício! Estas pessoas tiveram nas mãos a oportunidade de ver o Universo e a jogaram fora!”. Como inventor, só você sabe como, quando, de que forma, por que e para que criou aquele objeto e só você pode instruir as pessoas que desejam usá-lo e contar para elas o verdadeiro potencial que ele tem.

Agora vamos melhorar sua condição. Você não é mais um cientista, e sim um super-humano que recebeu poderes incríveis que te permitem fazer muitas coisas, e uma delas é a de criar outros seres para os quais você deve determinar dons e talentos que definirão sua utilidade. A felicidade deles dependerá de apenas um princípio: eles serão felizes se conseguirem aplicar

seus dons naturais e viverem de acordo com o objetivo para o qual foram criados. Suponha que você quis um ser com o dom de cantar para embalar suas noites de sono. Você sente muito prazer com a música e por isso decidiu criá-lo com a mais bela e suave voz de que já se ouviu falar. As notas musicais fluem dele como um violino afinadíssimo em um concerto de Bach ou Mozart e ele tem o talento de te fazer pegar no sono de forma tão tranquila e relaxante, que o seu coração se acalma já nas primeiras frases musicais. Sua função é te agradar com composições criativas capazes de te levar a um êxtase tão grande, que assinam a escolha certa que você fez ao criá-lo. Toda vez que ele vê seus olhos se fechando gradativamente até que o repouso total o tome, esse maravilhoso ser sente a maior alegria que poderia sentir, já que conseguiu fazer aquilo para o que foi criado — alcançou seu propósito. Um dia você chega em casa, morto de cansaço, come alguma coisa, toma um banho e se apronta para dormir, ansioso por ouvir aquela melodia capaz de sossegar o seu coração, mas algo acontece: não se ouve melodia alguma naquela noite. Ao buscar por ele, você o encontra fazendo as malas e indo embora e pergunta: “Por que você está indo?”, ele responde: “Vou sair por aí... conhecer o que tem lá fora... quem sabe ganhar a vida cantando...”, e você diz: “Isso não vai dar certo”, e ele pergunta: “Por quê?”, ao que você responde: “Porque eu não te criei para isso... Você só vai ser feliz se conseguir usar seus dons e talentos para fazer aquilo para o que foi criado, e eu te criei para minha companhia e deleite”. Isso te parece familiar? Seres criados para determinados propósitos, mas que desejam viver como bem entendem?

Existência vs. Essência: se Ele é o inventor, Ele tem a resposta

Usei essas ilustrações apenas para introduzir a ideia de essência e existência. Lembro-me de que, quando tive um primeiro contato com esse conceito — nos escritos de John Piper —, senti que mais uma peça do grande quebra-cabeça que é a existência humana havia sido encontrada. O

livro de Piper que traz essa chave é o “Não jogue a sua vida fora” e conta como, nos tempos de faculdade, ele teve que enfrentar os fortes conceitos do existencialismo, que influenciava sua geração na década de 60 e proclamava aos quatro ventos a morte de Deus. Segundo Piper⁵⁰, a base desse pensamento é:

(...) que ‘a existência precede a essência.’ Isto é, primeiro você existe e depois, existindo, você cria sua essência. Você faz a sua essência escolhendo livremente ser o que você será. Não há essência fora de você para buscar, com o qual agir de acordo. Chame-a de ‘Deus’, ou ‘Sentido’, ou ‘Propósito’ — ela não está lá até que você a crie por sua própria existência corajosa.

Portanto, existem duas maneiras pelas quais uma pessoa encara a sua vida aqui neste mundo: 1) Não existe nada além do aqui e agora. Se existo, logo posso determinar a minha essência e levar a vida segundo aquilo que eu bem entender — eu determino o meu propósito de vida; 2) Existe além de mim algo que me é superior e me criou e, portanto, determinou minha essência — Ele determina o meu propósito de vida.

O entendimento desse conceito é fundamental para alguém que realmente deseja encontrar um sentido nesta vida, pois se trata do lugar onde esse sentido pode ser achado. O primeiro grupo de pessoas — os existencialistas — vai procurar um sentido de vida em si mesmo definindo para si sua própria ideia do que é esse sentido. A ideia deles se relaciona muito com a definição que vimos, dada por alguns filósofos, acerca do sentido de vida como realização da vontade. O sentido da vida é fazer aquilo que tenho vontade ou o que o meu instinto me dirige a fazer — não há nada além disso. Para eles, você deve aproveitar tudo o que puder de acordo com o que entende ser o melhor para você e é só isso. Posso enxergar pelo menos dois problemas que o existencialismo traz para a felicidade plena que estamos procurando:

1) Se sou eu quem me defino, minha vontade é que vai dirigir a minha vida, pois não existe propósito fora de mim em razão do qual devo viver, logo vou ser feliz se puder fazer tudo o que quero e viver de acordo com

aquilo que defini como sendo o meu propósito. Pense se é possível uma sociedade em que todos podem fazer o que querem? Se cada um quer uma coisa diferente, ou coisas diferentes, logo essas vontades entrarão em choque, certo? Então podemos entender que, para se viver em sociedade de forma pacífica, é necessário que as vontades devam limitar-se umas às outras, caso contrário o choque de vontades acontecerá. Temos duas grandes guerras mundiais e incontáveis guerras civis ao redor do mundo que provam a necessidade de se encontrar um lugar pacífico para as diversas vontades que se apresentam. Para Freud, o processo de civilização evoluiu com base neste pensamento: uma vontade deve limitar a outra para que todos possam viver em segurança — são as regras e combinados sociais. Mas não para por aí. Para ele, esse processo tem um custo: a felicidade plena⁵¹. Vamos pensar: se sou plenamente feliz quando posso fazer tudo o que quero, serei infeliz ou parcialmente feliz se não posso fazer tudo o que quero. É mais uma vez o princípio da realidade cerceando o princípio do prazer. Resumindo a prosa: se eu defino qual é o propósito da minha existência, logo existo para fazer a minha vontade. Se sou plenamente feliz apenas quando consigo fazer a minha vontade, logo jamais serei plenamente feliz, já que sempre haverá uma outra vontade que limitará a minha.

2) Vamos supor que não houvesse limitação e eu conseguisse fazer tudo o que quero o tempo todo, podendo conquistar qualquer objeto de desejo que esteja ao meu alcance. Você já sabe onde isso vai dar. Assim que conquistasse o primeiro, logo a sensação de satisfação iria embora e eu elegeria outro objeto para a conquista e depois outro e depois outro...

Você acha que qualquer semelhança com a nossa sociedade é mera coincidência? O comportamento humano de hoje é todo fundamentado no existencialismo, e seu egocentrismo é fruto desta cultura que arrebatou o nosso dia a dia. Mesmo que não admitam, muitos estabelecem suas rotinas e agendas baseados sempre naquilo que querem fazer e naquilo que determinaram que é bom para si, seja pensando em um fim último ou em

vista de se chegar a este fim, já que não há nada fora dessas pessoas que determine seu sentido de vida. O tempo e as atividades são avaliados de acordo com um único parâmetro: o “eu” — todo resto é mero coadjuvante desse ator principal. Desse pensamento decorre, em última instância, tudo o que é resultado da prevalência de uma vontade — a do “mais forte” — sobre as outras: as guerras, as desigualdades sociais, a miséria... De uma forma geral, você acha que a humanidade tem conseguido ser feliz assim? Se você pensasse desse jeito, acredito que já teria fechado este livro há algum tempo.

Se por um lado John Piper sofria forte pressão do existencialismo, por outro pôde perceber nessa época indícios de que essa tese não tinha profundidade suficiente para roubar-lhe o sentido de vida. Ao procurar argumentos que sustentassem princípios que tinha aprendido desde criança — e um deles era o de que tudo foi criado por Deus e Ele determinava a essência e o propósito de cada um —, ele encontrou em uma canção de Bob Dylan, “*The times They Are A-Changin’*”, palavras que o ancoraram nessa ideia, e chega à conclusão: “*Mesmo vozes sem raízes na Verdade reconheceram que deve haver algo mais — algo fora de nós mesmos, algo maior e mais importante e pelo qual vale mais a pena viver do que por aquilo que nós vimos no espelho*⁵²”. Estar “ancorado” nessa ideia é ter a possibilidade de não se perder no círculo vicioso que é procurar felicidade no espelho, ou seja, em si mesmo, pois, como temos aprendido, essa busca jamais terminará. Temos procurado por ela a vida toda em nós mesmos e só temos conseguido encontrar o desejo de procurar mais. Por isso nossa alma naturalmente anseia por algo maior e mais importante do que aquilo que temos visto neste mundo. Ela entende que tudo o que foi experimentado aqui não é capaz de silenciar o grito desesperado por satisfação que ela sente.

Em outra música de Dylan — “*Blowin’ in the Wind*” —, Piper encontrou fortes argumentos a respeito disso e complementa: “*Existe uma resposta. A resposta, A resposta, meu amigo, não é sua para inventar ou criar. Será*

decidida para você. Ela está fora de você. É real, e objetiva, e firme. Um dia você a ouvirá. Você não a cria. Você não a define. Ela vem até você, e mais cedo ou mais tarde você se adapta a ela — ou se curva diante dela⁵³”. Sabendo disso ou não, é por essa verdade que as pessoas estão procurando. A humanidade sente, mesmo que sutilmente, que inventar ou criar um sentido ou propósito para sua própria vida não tem dado resultados. A tão almejada felicidade nunca vem e a sensação de querê-la só aumenta. Essa sensação se parece com aquela sentida pelos amigos e parentes do inventor do telescópio, na história que criamos no início deste tema. Tenho um objeto na mão que tem uma finalidade, mas, como não sei para que serve porque não fui eu quem o criou, invento algum propósito para ele que não vai conseguir satisfazer toda a sua utilidade ou usar todo o seu potencial. Será um objeto que, teoricamente, serve para alguma coisa, mas que, na prática, não serve para nada. Em vez de ser usado para a contemplação das grandezas escondidas além do que os nossos olhos veem quando se erguem para o alto — o que um telescópio deve fazer —, sua utilidade está sendo desperdiçada como enfeite de mesa. Não é assim que muitas pessoas se sentem?

Percebemos esse sentimento em frases como: “Estou desperdiçando minha vida”, ou: “Estou desperdiçando o meu tempo neste relacionamento”, ou ainda: “Estou desperdiçando minha vida neste emprego”, e até: “Estou desperdiçando meus dias e não sei o que fazer. Já estou com tantos anos e me sinto ainda perdido”. Não são frases muito difíceis de se ouvir, e se você não a ouve muito é porque ou as pessoas perderam a coragem de dizê-la ou já se acostumaram tanto com a sensação, que a frase já não tem mais relevância.

Esse é o problema que se encontra quando você tenta inventar o propósito para um objeto do qual você não sabe a utilidade: desperdício — tempo e energia jogados fora. Se boa parte das pessoas se sente assim em relação à sua vida e à sua existência, já não é hora de realmente procurar o sentido e o propósito no lugar certo? Creio que é a nossa única opção, já que

o criar ao nosso bel-prazer não tem silenciado nossas inquietudes em relação ao enorme buraco que sentimos no peito.

Finitude vs. eternidade: uma felicidade inabalável em um ser inabalável

Pois bem, se inventar da nossa cabeça um propósito para a nossa existência não resolve nossa sensação de falta, é hora de procurarmos o sentido em quem nos criou, pois, como inventor, só Ele deve saber para o que servimos e só Nele deve residir nossa real felicidade — vamos considerar essa como uma primeira resposta para a pergunta “Por que a felicidade e o sentido estão em Deus?”. A colocação de Piper nos dirige a uma segunda justificativa para essa pergunta: “A resposta (...) É real, objetiva e firme”. Esse conceito pode ser a solução para a problemática da felicidade efêmera colocada por alguns filósofos. Como vimos, a felicidade como sentido completo da existência é impossível ser alcançada ou porque é ilusória ou porque é passageira, já que as nossas alegrias são experimentadas em objetos fugazes, aliás, não apenas esses objetos de desejo são assim, mas também nosso mundo e até nós mesmos o somos. Se uma felicidade plena não pode ser alcançada porque tudo em que nos apoiamos para alcançá-la é passageiro e mutável, onde poderemos encontrá-la, então? Em algo firme e imutável. Para esses pensadores, tal coisa não existe, e por isso não encontraram um sentido de vida capaz de trazer plenitude e descanso para as suas almas, tanto é que sua conclusão mais otimista a respeito é a de que, no fim das contas, nada tem sentido e a vida não está indo para lugar algum. Mas nem todos pensam assim. Para Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, importante teólogo e filósofo do século IV, uma felicidade permanente só pode ser achada em um bem permanente:

Por conseguinte, estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz devera procurar um bem permanente que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte.(...) É Deus eterno e imutável? (...)Logo, quem possui a Deus é feliz!⁵⁴

Se o grande problema de se viver em um lugar onde tudo é passageiro é que as condições e as pessoas que podem manter a felicidade também

passam, então podemos admitir que esse problema é resolvido quando finalmente se encontra o que é imutável. O nosso Criador é a resposta para esse problema, pois para ser o Criador de tudo Ele o era antes que tudo existisse, portanto em Sua natureza não residem atributos passageiros, e sim eternos. Ele não é como nós somos. Nós temos começo, meio e fim. Ele não. Como ser eterno, Ele está acima e além do conceito de finitude. Nele não há começo, meio e fim, já que é o autor da história — Ele criou o que começa e termina e não está contido nessa limitação. Quando Agostinho postula que quem O possui é feliz porque Ele é um bem eterno e imutável, quer dizer que nada pode abalar a felicidade da pessoa que a encontra em Deus, visto ser Ele inabalável. Veja, se encontramos felicidade em coisas abaláveis, significa que um dia elas estarão lá, mas que de um jeito ou de outro não permanecerão lá para sempre. É exatamente o oposto do que acontece com Deus. Uma vez que você encontra a felicidade Nele, essa felicidade jamais poderá ser abalada, porque Ele não é um ser que pode estar lá um dia e no outro não estar mais. Ele sempre esteve e sempre estará. Não há nada além Dele e não podemos encontrar sentido e felicidade verdadeiros fora Dele.

Esse argumento se evidencia na declaração de Piper acerca do livro de Francis Schaeffer — *“The God Who is there”*:

O título mostra a simplicidade chocante da tese. Deus está lá. Não aqui dentro, definido e formatado por meus próprios desejos. Deus está lá. Objetivo. Realidade Absoluta. Tudo o que para nós parece realidade é dependente de Deus. Existe criação e Criador, nada mais. E criação obtém todo seu sentido e propósito de Deus.⁵⁵

Se tudo o que enxergamos como realidade depende de Deus porque Ele é a primeira causa de tudo o que existe, o que poderíamos dizer do sentido da vida e da felicidade? Se esses “bens” são desejados por nós, é porque estão fora de nós, correto? Por que alguém correria atrás de algo que é capaz de criar? Se pudéssemos criar felicidade, não estaríamos o tempo todo correndo atrás dela. Se pudéssemos criar um sentido para nossa existência, nem sequer teríamos dúvidas a respeito dele. Mas sabemos que não é assim. Estamos correndo atrás de algo exterior a nós capaz de nos dar descanso. Se

Deus é o Criador eterno de todas as coisas, logo a felicidade e o sentido de vida vêm Dele também, portanto não podemos definir um conceito de sentido de vida e de felicidade diferente do conceito estabelecido por aquele que os contém. Isso seria tudo menos a verdadeira felicidade e sentido preparados para nós que também somos criação de Deus. Entende por que não temos conseguido? Se queremos ser felizes, precisamos ir a Ele — Nele está a felicidade! Se queremos encontrar sentido de vida, temos que ir a Ele — Ele criou o sentido de tudo o que existe! O que há entre nós (criação) e Deus (Criador) é uma relação de dependência, e é isso que as pessoas não percebem. Um dia, alguém que realmente entendia desse assunto nos comparou a ramos em uma videira. Se os ramos permanecem na videira, eles continuam vivendo, mas corte-os fora e você verá que eles mantinham uma relação de dependência. Toda aquela vida e vigor vão embora. No começo, pode até parecer que o ramo vai sobreviver, mas lentamente você percebe a cor e a firmeza indo embora, até que finalmente se torna uma folha seca levada pelo vento para lugar nenhum. Não é assim que se parece a humanidade? Ao passo que vai se afastando de Deus, vai perdendo vida e ficando com um aspecto deplorável até o momento em que não se verá mais cor e firmeza nela. Por “cor e firmeza” podemos entender “felicidade e sentido de vida”. É o que temos perdido a cada dia que passamos longe do nosso Criador, único capaz de nos dar verdadeira vida.

⁵⁰ 2006, p. 11 e 12.

⁵¹ FREUD, 1930.

⁵² PIPER, 2006, p. 11 e 12.

⁵³ PIPER, 2006, p. 14.

⁵⁴ AGOSTINHO, 1998, p. 130 e 131.

⁵⁵ PIPER, 2006, p. 15.

CAPÍTULO 14

O que é a felicidade em Deus?

Descobrir a felicidade em Deus talvez seja a maior descoberta que seres ávidos por contentamento, como somos todos nós, podem fazer. Até aqui, aprendemos que o tipo de felicidade que é encontrada nos objetos de desejo que se apresentam a nós neste mundo perecível e passageiro não tem a capacidade de nos dar a qualidade de felicidade que tanto almejamos. Um dos motivos pelos quais isso acontece é que percebemos que fomos criados sim para o deleite, mas não para o deleite em coisas passageiras. O deleite nas coisas passageiras foi uma invenção humana que tentou desesperadamente substituir o verdadeiro objeto de desejo para o qual foi criado, e isso aconteceu pelo simples fato de a humanidade ter se perdido completamente desse objeto. Depois que nos afastamos do nosso Criador e perdemos o sentido da vida, as coisas ficaram neste pé: “Sei que existo para alguma coisa e que posso ser completamente feliz quando a encontrar, mas, como não sei o que é esta tal coisa, vou tentar inventar algo que possa me fazer feliz”. Assim, a humanidade vem renovando essa ilusão de tempos em tempos, inventando novas maneiras de se distrair da terrível verdade: ela se perdeu do seu propósito e, por mais que tente, não consegue mais ser feliz, já que a felicidade que inventou para si, de si mesmo, nunca é o suficiente — e nem poderia ser.

A felicidade em Deus aponta para a raiz do problema e tenta responder à questão: onde perdemos o sentido da vida e o senso de felicidade? Se descobrirmos essa chave, saberemos como resgatá-los. Imagine que você acabou de receber uma ligação do seu departamento de RH e eles te informaram que a participação nos lucros da empresa em que você trabalha já foi depositada na sua conta bancária. Eufórico com a notícia, você vai ao banco consultar sua conta e toma um susto: CEM MIL REAIS de participação! Completamente extasiado, você sai correndo do banco para

contar aos seus amigos e parentes a boa notícia (talvez alguns deles você queira deixar de fora...). Chegando em casa, já prestes a anunciar a boa nova, você percebe: “Esqueci a carteira no banco!!!”. Qual é a primeira coisa sensata a se fazer? Correr para o banco, antes que alguém suma com ela! Mas não é o que você faz. Você começa a procurar dentro da sua casa, no quintal, vaga pelas ruas desesperado, entra nos comércios e procura em tudo quanto é lugar, menos no banco! Quantas carteiras você vai encontrar? Zero. Pois é o que está acontecendo com a maioria das pessoas: estão procurando algo que perderam em todos os lugares, menos no lugar onde realmente está. Já entendemos que muitos fazem isso porque, diferentemente do nosso exemplo, não sabem onde perderam a felicidade, apenas sabem que precisam procurá-la. Já não é o nosso caso.

Depois de analisar as afirmações de tantos pensadores acerca da felicidade e do sentido de vida, chegamos à conclusão de que ela só pode estar em um lugar: em Deus. Mas convenhamos, se a felicidade e o sentido de vida estão em Deus e Ele é maior do que tudo o que existe, já que é o Criador, como podemos tê-Lo perdido? Se entendemos que Ele pode ser percebido em tudo o que vemos e a existência é resultado da obra de Suas mãos, como podemos conceber que podemos nos perder Dele? A história do rei bondoso pode nos ajudar mais uma vez, mas, com tantos indícios dados até o momento apontando para a resposta, é provável que você já tenha matado a charada.

A felicidade em Deus está no relacionamento com Ele

Naquela história, vimos que o povo era suficientemente feliz enquanto podia desfrutar da presença do rei e colher os frutos da boa terra em que moravam. Quando perceberam que trocaram a intimidade do palácio real por uma grande ilusão, se deram conta de que jamais poderiam ser felizes de novo a não ser que voltassem para o seu bondoso rei. Entretanto, a distância e o fato de não conhecerem o caminho acabaram fazendo com que

desistissem de tentar e, como consequência, se acostumaram à nova vida de escravidão que se apresentava. A felicidade daquele povo estava em poder se relacionar com o seu rei, que, a despeito do que acontecia em outros reinos, abriu as portas de sua sala real e recebia a cada um deles com a intenção de instruí-los e amá-los. Essa parte da história se parece muito com a relação entre Deus e a humanidade. Houve um tempo em que podíamos também desfrutar da intimidade com o nosso rei e Criador e não sabíamos que jamais poderíamos ser mais felizes do que quando tínhamos esse privilégio. Deus nos criou para o Seu próprio deleite, e, antes que virássemos as costas para Ele, nosso grande deleite também estava no fato de podermos nos relacionar com Ele, recebendo Seu amor e instrução. Se a grande fonte da nossa felicidade e sentido da nossa existência estava nessa relação com o Criador, tudo isso se perdeu quando nos afastamos Dele. Na verdade, não perdemos a felicidade porque perdemos Deus — Ele não pode ser perdido. Perdemos a felicidade porque perdemos o relacionamento com Ele — isso sim pode ser perdido. Aliás, ficamos tão longe desse relacionamento e o nosso coração endureceu-se tanto a respeito dele, que chegamos até a pensar que Deus estava morto, ainda que haja tantas evidências irrefutáveis de Sua existência por toda a parte. Portanto, se recuperarmos o relacionamento com o nosso Criador, recuperaremos o sentido da vida e a verdadeira felicidade, já que teremos resgatado o prazer naquilo que Ele nos criou para ter prazer desde o começo, ou seja, no relacionamento com Ele. Sendo assim, a felicidade em Deus consiste no cultivo do relacionamento com Ele, único caminho capaz de trazer verdadeira satisfação à nossa alma. Blaise Pascal afirmava que a verdadeira religião, diferentemente do que costuma ser, deveria mostrar a importância desse relacionamento:

É preciso que, para tornar o homem feliz, ela lhe mostre que há um Deus; que se é obrigado a amá-lo; que a nossa verdadeira felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele;⁵⁶

A preocupação do pensador, portanto, é que as pessoas pudessem perceber que há um Deus e que a verdadeira felicidade consiste em manter

um relacionamento íntimo com Ele. Para Ele não havia meio-termo: a verdadeira felicidade está em Deus e a verdadeira infelicidade em estar separado Dele. Algumas pessoas podem pensar assim: “Tudo bem, posso não conseguir ser realmente feliz por não me relacionar com Deus, mas também não serei infeliz por causa disso”. Errado! O que entendemos das palavras de Pascal é que a união com Deus promove a felicidade e a separação promove a infelicidade — não há como fugir de nenhuma das duas, ainda que muitos tentem ignorá-las. Pense em uma lareira em uma noite fria de inverno. Quanto mais você se aproximar dela, mais aquecido você ficará, ao passo que, quanto mais longe, mais o frio irá te consumir. Da mesma maneira que a lareira é uma fonte de calor, Deus é a fonte de vida, sentido e felicidade, portanto, quanto mais nos aproximamos Dele, mais cheios de vida, de sentido e de felicidade nos tornamos, ao passo que, quanto mais longe Dele ficamos, mais apáticos, perdidos e infelizes nos tornamos — não há meio-termo. Mas o que é o relacionamento com Deus? Uma primeira resposta pede uma pergunta: como nos relacionamos com quem nem conhecemos?

Relacionamento com Deus – Conhecer quem Ele é

Lembra-se da história do rei bondoso? Aquele povo esteve afastado do rei por tempo suficiente para realmente se esquecer dele. A geração seguinte pensava que esse rei era apenas um personagem mítico criado por seus pais e que aquela terra era apenas um lugar fantástico fruto de sua imaginação. O que aconteceu com o que se pensa a respeito do nosso Criador foi algo semelhante. A humanidade se afastou tanto Dele e há tanto tempo, que muitas ideias acerca de Sua existência foram ganhando força ao longo da história.

Uma delas, como vimos há pouco, vem da filosofia e é aquela pregada pelos existencialistas de que Deus está morto e não existe ninguém que tenha criado a raça humana com algum propósito, cabendo a cada um

definir o seu. Outra ideia, que complementa a anterior, vem da psicologia e é a de que Deus é uma figura mítica criada por nossos antepassados a fim de substituir a figura paterna dos primeiros clãs. Nessa tese, o patriarca daquele clã representava para eles sua segurança e direção e, na medida em que essa figura patriarcal vai desaparecendo ao longo da história, as pessoas, a fim de se sentirem seguras, passaram a procurar sua segurança e direção na crença de que existe um deus, ou deuses, capazes de suprir essa ausência. Existe outra, oriunda das diversas religiões, que fomenta a ideia de que a divindade existe apenas para estabelecer com a humanidade uma relação de troca. Essas pessoas acabam inventando para si um deus conveniente com quem podem trocar favores na única intenção de conseguirem o que querem. Dizem servir a Deus, mas seu interesse latente é satisfazer seus desejos efêmeros em uma vida regada a negociatas disfarçadas de piedade. No fundo só querem continuar com suas vidas sem sentido, correndo atrás de um tipo de felicidade que não pode realmente satisfazer, mas é fato que estão bem longe do relacionamento com o verdadeiro Deus.

Para prosseguir na tese de que a verdadeira felicidade está em um relacionamento com Deus, é imprescindível que se saiba que há suma necessidade de conhecê-Lo. Mas saber quem Ele é também é saber quem Ele não é, e Ele não é um deus morto, não é uma figura mítica inventada por nossos antepassados e não é um ser que criamos para servir e atender a nossos caprichos.

Vamos encontrar em Tomás de Aquino uma série de confirmações que nos empurram para o entendimento de que a verdadeira felicidade e sentido estão no conhecimento de Deus, como um primeiro passo para um relacionamento com Ele. As primeiras citações vêm de sua Suma teológica e descrevem como o conhecimento de Deus pode fazer do homem um ser bem-aventurado ou feliz: *“Duas são as bem-aventuranças: a imperfeita, que se tem nesta vida, e a perfeita, que consiste na visão de Deus”*⁵⁷. Essa primeira afirmação fortalece a ideia trabalhada até aqui acerca dos dois tipos de

felicidade que podem ser desfrutadas pelo homem: a imperfeita e a perfeita. A imperfeita é aquela que temos descrito como sendo passageira ou ilusória, cuja raiz está nos objetos de desejo efêmeros que se apresentam a nós nesta vida. A perfeita é aquela que realmente pode satisfazer a alma humana e, segundo a afirmação do pensador, “*consiste na perfeita visão da essência divina*”⁵⁸. Isso nos leva a pensar que para encontrar esse tipo perfeito de felicidade precisamos tirar os olhos daquilo que é passageiro e colocá-los no que é permanente — Deus. Por “colocar os olhos”, podemos entender “dirigir nossa atenção”, desta forma, se queremos encontrar esse sentido e felicidade, precisamos, de fato, dirigir nossa atenção a Deus e parar de nos distrair com aquilo que não vai sossegar nossas inquietações.

Como vimos, a humanidade está atrás do “sumo bem” ou bem maior que consiste no seu fim último ou propósito fundamental — o sentido da vida. Para Aquino, “(...) *os homens nesta vida podem participar do sumo bem, conhecendo e amando Deus, embora imperfeitamente. Logo, o homem nesta vida pode ser bem-aventurado*”⁵⁹, ou seja, a maneira proposta por ele para que possamos ter parte nesse sumo bem não é outra senão a de conhecer e amar a Deus, mesmo que imperfeitamente. Imperfeitamente, porque somos imperfeitos e, por mais que nos esforcemos, não temos condições, aqui nesta vida, de conhecê-Lo e amá-Lo de forma perfeita, mas isso não quer dizer que, conhecendo-O e amando-O da melhor maneira de que somos capazes, não possamos ser felizes Nele, pelo contrário, nossa bem-aventurança está em termos a oportunidade de, mesmo que limitadamente, conhecê-Lo e amá-Lo. Mais adiante, vamos expor como isso pode acontecer.

Em sua Suma contra os gentios, Aquino continua estabelecendo uma estreita relação entre encontrar o sentido da vida ou fim último, a felicidade e o conhecimento de Deus:

Com efeito, o fim último de qualquer coisa é Deus, como foi demonstrado (c. XVIII). Por conseguinte, cada coisa, na maior medida possível tende a unir-se a Deus, como a seu fim último. No entanto, mais intimamente uma coisa une-se a Deus, se é capaz de atingir de algum modo a substância divina, o que se dá pelo conhecimento mais do que atingindo

qualquer semelhança dela. Logo, a substância intelectual tende para o conhecimento divino como para seu fim último.⁶⁰

Sabemos que cada coisa que existe, existe para um objetivo, e dele deve aproximar-se naturalmente. Se existe uma vassoura encostada atrás da porta, não é de se admirar que ela a qualquer momento deva cumprir seu objetivo, que é varrer a sujeira. Aquino afirma que, de maneira geral, tudo que existe encontra o seu fim último em Deus e Dele tende a se aproximar naturalmente, pois está em busca de cumprir o seu objetivo. Obviamente, estamos contidos no conjunto de tudo o que foi criado e que encontra seu propósito em Deus, assim se espera que nos aproximemos Dele se queremos encontrar nosso sentido, e a melhor forma de nos aproximarmos Dele é conhecermos quem Ele é e, assim, conhecendo quem Ele é, estamos mais próximos do nosso fim último ou sentido de vida.

Aquino vai mais longe e descreve aquilo que pode ser a função básica do intelecto humano:

Ora, o intelecto humano, não obstante ser o ínfimo na ordem das substâncias intelectuais, é superior a todas as coisas destituídas de intelecto. Se pois uma substância mais elevada não pode ter um fim menos elevado, será Deus o fim também do intelecto humano. Ora, todo ente inteligente alcança o seu fim conhecendo-o. Logo, pela intelecção o intelecto humano atinge Deus como fim.⁶¹

Ele começa afirmando que, se as substâncias intelectuais mais elevadas não têm um objetivo menor do que encontrar no conhecimento de Deus seu fim último, quanto mais a substância intelectual humana, que, sendo ínfima em relação àquelas, não terá também esse fim. Temos como diferença básica entre nós e os animais e vegetais o complexo grau de raciocínio que podemos atingir à medida que vamos nos desenvolvendo, e por essa causa conseguimos realizar muitas proezas que evidenciam esse diferencial: planejamos, organizamos, construímos, inventamos e por aí vai. Esse intelecto desenvolvido também nos dá condição de investigar a natureza e tudo o que os nossos olhos podem contemplar a fim de explicar como as coisas acontecem — são as ciências, como comentamos anteriormente.

Fazemos de tudo para tentar dominar os fenômenos a fim de que, de alguma maneira, eles se tornem úteis para nós. Não há dúvidas de que temos um maravilhoso dom em nós que nos faz especiais em relação a toda a criação. Só que ele nos foi dado com um propósito. Não quero discutir aqui a validade da contribuição dada pelos fantásticos avanços alcançados pela humanidade ao longo das eras — foram conquistas magníficas que decorrem do nosso intelecto diferenciado. Quero apenas refletir mais a fundo sobre o propósito fundamental desse dom. Se uma coisa foi criada para determinado fim, não importam as coisas maravilhosas que realiza se não conseguir alcançar esse fim. Se um médico tem diante de si um transplante de coração para fazer, não adiantará que ele converse com o paciente e lhe dê ótimos conselhos ou lhe prepare uma comida deliciosa. Se ele não usar seu dom e conhecimento para operar, sua utilidade será vã. Segundo Aquino, existe um primeiro alvo para o nosso intelecto, que é conhecer Deus, ou seja, usar o raciocínio para aprender mais a Seu respeito. Jonathan Edwards concorda com isso ao afirmar que, se essa inteligência não for aplicada ao fim para o qual foi criada, será fútil: *“Esse conhecimento comunicado, que deve ser considerado referente ao fim último de Deus na criação do mundo, é o conhecimento de Deus pela criatura. Porquanto este é o fim de todas as outras formas de conhecimento, a até mesmo a faculdade do entendimento seria fútil sem ele”*⁶².

Se a inteligência humana for usada para erguer megaedifícios e assombrosos túneis submarinos, incríveis meios de transporte e de comunicação que ignoram as barreiras da distância e do tempo, e não conseguir atingir sequer esse primeiro e fundamental propósito, não terá alcançado o fim para o qual foi criada. Isso não quer dizer que o nosso Criador não possa usar os dons e talentos que espalhou entre os seres humanos, ainda que estes seres não O reconheçam como Deus. O que acaba acontecendo é que essas pessoas, no uso de seus dons e talentos, acabam se

distraído tanto, que deixam de usar seu intelecto para encontrar e conhecer o único ser para o qual foram criadas e vivem uma vida alienada Dele.

Dentro desse contexto, Aquino continua:

Com efeito, o fim último do homem, e de toda a substancia intelectual, chama-se felicidade ou beatitude. É isto que toda substancia intelectual deseja como fim último e unicamente por isto mesmo. Logo, a beatitude e felicidade última de toda a substancia intelectual é conhecer a Deus.⁶³

Aqui, ele fecha o raciocínio e resume toda argumentação que temos usado para entender para que propósito existimos: sentimos uma sensação de falta terrível que nos faz ansiar por um sentido de vida e descobrimos que esse sentido está em encontrar a felicidade, só que a felicidade encontrada aqui neste mundo passageiro não é capaz de saciar nossa alma e nos empurra para a busca de uma felicidade mais duradoura que só pode ser achada em um bem duradouro. Esse sumo bem ou fim último é o próprio Criador, que nos criou para nos relacionarmos com Ele e desfrutar da Sua companhia, na qual podemos obter, finalmente, nosso maior deleite.

Você já percebeu que o homem tem uma inclinação a admirar e estudar tudo o que o cerca? Se ele se admira com a grandeza dos astros, cria a astronomia, se fica fascinado com a natureza, cria a geologia, se fica deslumbrado com a vida e suas diversas manifestações, cria a biologia... Estamos com nossa inteligência pronta para admirar e estudar. Esse impulso parte de um forte interesse que nos rouba a atenção, mas por quê? Aquino nos ajuda:

(...) a felicidade última do homem consiste na contemplação da sabedoria, cujo objeto são as coisas divinas. (...) Depreende-se daí também que, considerando-se por indução o que acima foi provado por dedução (c. XXV), a última felicidade do homem não consiste senão na contemplação de Deus.⁶⁴

Essa admiração ou contemplação que arrebatava o coração humano e lhe causa um intenso desejo de estudar o objeto dessa admiração tem uma finalidade que, na maioria das vezes, lhe é desconhecida. Apenas se sabe que isso traz felicidade. As pessoas ficam felizes em admirar e estudar essas

coisas. Como vimos, o intelecto humano encontra seu fim último em conhecer a Deus, portanto nossa mente está desejava de encontrá-Lo. Existe algo por trás de tudo isso. Não podemos negar que a criação nos apresenta algumas cenas que nos tiram o fôlego. Quem não se admiraria com as magníficas imagens reveladas do Espaço nos mostrando as inúmeras galáxias, incontáveis sistemas solares e um sem-número de estrelas que estão lá fora e nos afogam na nossa insignificância? Quem não ficaria extasiado na contemplação das mais fantásticas formações rochosas existentes como os Alpes europeus, Grand Canyon, Himalaia e Andes? E com as volumosas quedas-d'água das Cataratas do Iguaçu e do Niágara? Toda essa admiração provoca no homem uma sede por conhecer cada vez mais aquilo que se admira, e, à medida que o conhecimento aumenta, a admiração cresce. É um ciclo do bem. As descobertas vão trazendo uma fascinação que desperta um impulso de querer saber cada vez mais, e isso não acontece à toa.

Dizem que se pode conhecer muitos aspectos de um pintor através de sua pintura e traços de personalidade de um escritor através de seus livros. De uma forma geral, a criação de alguém acaba por revelar algo a respeito de quem a criou. Está entendendo aonde quero chegar? O que você acha que essas maravilhas com as quais nos admiramos estão nos mostrando? Elas falam algo a respeito de quem? Na verdade, toda a criação está apontando uma grande seta para o seu Criador, e o intelecto humano, encontrando intenso prazer em contemplá-la, está pronto para, finalmente, olhar para quem a criação de fato quer revelar, assim a *“última felicidade do homem não consiste senão na contemplação de Deus”*, já que, contemplando toda a sua criação, o homem está contemplando também quem a criou e experimentando um grande prazer nisso.

Edwards nos traz uma das notícias mais fantásticas que poderíamos receber a respeito do conhecimento de Deus. Se por um lado, ao contemplar as maravilhas de Sua criação, estamos contemplando, de certa forma, o próprio artista que as criou, por outro, ao conhecê-Lo progressivamente,

estamos nos alinhando ao Seu grande propósito de revelar a Sua existência através de nós:

Diversos motivos nos permitem crer que o objetivo de Deus numa comunicação progressiva de si mesmo ao longo da eternidade é o conhecimento crescente de Deus, o amor por ele e a alegria nele. É importante considerar, ainda, que, quanto mais essas comunicações divinas se multiplicam na criatura, mais esta se une a Deus, pois, quanto mais ela é unida a Deus em amor, mais o seu coração é atraído para Deus, mais firme e íntima se torna a união com ele e, ao mesmo tempo, mais conforme a Deus a criatura se torna. A imagem é cada vez mais perfeita, de modo que o bem que se encontra na criatura se aproxima eternamente de uma identidade com o que há em Deus.⁶⁵

Assim, o conhecimento de Deus não apenas nos traz para dentro do fim supremo para o qual Ele nos criou, como também nos faz experimentar nesse conhecimento um amor e uma alegria jamais provados antes. Quanto mais O conhecemos, mais somos atraídos por Ele para experimentarmos um conhecimento ainda maior de quem Ele é, de todo amor que há Nele e da alegria que pode ser provada Nele. Enquanto esse conhecimento vai transbordando o nosso coração, as pessoas à nossa volta poderão perceber em nós uma identidade cada vez mais parecida com o ser divino e nós acabamos nos tornando mais uma forte evidência da existência do Criador.

Relacionamento com Deus – Conhecer Seu propósito para nós

Sabendo que precisamos conhecer a Deus para podermos nos relacionar com Ele e nos deleitarmos profundamente nisso, temos que descobrir para que fomos criados. Podemos nos lembrar da história do telescópio — se o inventor não revelar para seus amigos e familiares para que serve esse instrumento, ninguém saberá sua utilidade e ele, fatalmente, será desperdiçado em propósitos para os quais não foi criado. Temos visto que é exatamente isso o que está acontecendo com a maioria das pessoas, já que, desconhecendo seu propósito, jamais poderão saber para que servem e se entregarão a objetivos para os quais não foram criadas e, conseqüentemente, não alcançarão a felicidade que almejam.

Vimos que o sentido da vida ou fim último de cada homem não está em qualquer outro lugar senão naquele que é a causa primeira de todas as coisas — Deus —, logo, sendo o inventor de tudo o que existe, somente Ele pode dizer o propósito para o qual cada coisa existe. Ora, se Deus é o fim último de todas as coisas, tudo o que existe, existe para Ele, e esse é o primeiro e fundamental propósito para tudo o que há. Isso significa dizer que tudo aquilo que quer encontrar sentido à parte de Deus desperdiçará sua força e energia. Não é desse modo que temos visto a maioria dos homens viverem ao longo da história? Se o grande objetivo da vida humana é viver para Deus, como devemos entender esse propósito? Primeiramente, vamos ver como não devemos entendê-lo.

1. Viver para Deus não é possuir uma religião

Viver para Deus não significa necessariamente ser religioso ou ter uma religião. Posso afirmar sem medo de errar que muitas pessoas atualmente que possuem uma religião não estão cumprindo o seu propósito e não conseguem ser felizes. Não quero com isso afirmar que algumas pessoas que têm uma religião não estejam cumprindo o seu propósito e vivendo para Deus. Vou explicar. O problema não é a religião em si, mas sim pensar que viver para Deus é ter uma religião e que só é possível estabelecer uma relação com Ele através dos ritos religiosos. Você pode perguntar: “Mas o grande objetivo de qualquer religião não é levar o homem a Deus, cada uma do seu jeito?”. Talvez as mais bem-intencionadas desejem de fato fazer isso, o problema da maioria delas é ensinar que o ser humano pode bancar esse relacionamento através de uma relação de troca. As pessoas procuram cumprir todas as exigências que a religião afirma terem sido impostas pela divindade a fim de conseguirem o que querem dela e chamam isso de relacionamento. Pensando em Deus como o Criador de tudo o que existe, pergunto: teria o homem algo para negociar com seu verdadeiro Criador que não tivesse sido criado por Ele? Será que esse tipo de religião sugere que Deus pode sentir falta de algo a ponto de querer negociar? Não me parece

razoável pensar que um ser que criou tudo o que existe possa ser servido de alguma forma por mãos humanas ou que possamos ter algo que Ele não tenha a ponto de podermos negociar com Ele. Ele criou tudo o que existe! Portanto, as pessoas que dessa maneira tentam barganhar com Deus a fim de conseguirem o que querem e chamam isso de relacionamento estão negociando com a divindade errada, porque o verdadeiro Deus que é Criador de tudo não necessita de nada do que possamos dar, já que Ele mesmo nos deu tudo o que temos.

Dentro desse contexto, é mais fácil pensar que aqueles que procuram se relacionar com Deus nesses termos, sempre querendo algo em troca através de seus sacrifícios, estão, na verdade, procurando satisfazer desejos efêmeros no entendimento de que essa divindade pode lhes dar o que precisam para viver da maneira que querem neste mundo passageiro, como já ressaltamos anteriormente. Assim, viver para esse deus contido na religião pode significar viver para uma imagem egocêntrica que cada um faz de Deus e corre-se o risco de que essa imagem conveniente passe bem longe da essência daquele que é o verdadeiro Deus. Nesse sentido, viver para a religião não é viver para Deus. Ressalto que não estou afirmando que quem tem uma religião não está se relacionando com Deus, mas sim que quem encara a religião da maneira como descrevi está correndo sério risco de estar se relacionando mais com uma imagem que fez de Deus do que com Ele realmente.

Além do mais, é interessante enfatizar que a palavra “religião” foi perdendo seu sentido original. Uma linha de estudo aponta que essa palavra vem do latim *religare* — ligar novamente —, dando o sentido de unir o homem novamente ao seu Criador, ou seja, reatar o relacionamento. Sabendo disso, podemos concordar com Pascal quando afirma que a verdadeira religião — *religare* — deveria procurar ligar o homem novamente a Deus mostrando a ele que a real felicidade vem de podermos estar Nele, e a grande infelicidade e mal-estar consistem em estarmos longe Dele.

Assim, entendemos que a verdadeira religião coloca Deus no centro como sua razão de existência e procura ajudar o homem a se relacionar com Ele porque Ele é a razão de tudo. Já a falsa religião coloca o homem no centro como sua razão de existência e tudo o que o homem faz, faz procurando apenas atender a seus interesses egocêntricos, e a única relação que quer com a divindade se limita a oferecer-lhe algo para receber algo em troca — é uma relação de barganha.

2. Entendendo o propósito de Deus para nós

Vimos que à parte de Deus nada encontra sentido, já que, sendo o Criador de tudo o que existe, tudo o que há encontra propósito Nele e dever existir para Ele — este é o grande e fundamental propósito para toda a criação. Dessa forma, o homem só conseguirá encontrar sua razão de existência se conseguir viver para o seu Criador e se deleitar em um relacionamento com Ele. Talvez a frase “viver para Deus” possa parecer um tanto vaga. O que ela quer dizer para a nossa realidade prática? Entendemos até aqui que Deus criou todas as coisas para cumprir um propósito Seu, portanto “viver para Deus” é viver segundo o propósito para o qual Deus nos criou. Dentro desse grande e fundamental propósito, está um propósito mais específico para cada um de nós — nossa vocação. Portanto, para conseguirmos cumprir nosso propósito maior — viver para Deus —, precisamos conhecer nosso propósito específico se não quisermos, a exemplo do telescópio, virar um enfeite de mesa ou um troféu de futebol quando somos capazes de mostrar o Universo.

Sabemos que, para encontrar o propósito de algo, precisamos ir a quem o inventou. Já não restam dúvidas de que encontraremos em Deus o nosso propósito. Sendo assim, o conhecimento desse propósito pode se dar pelo menos de duas formas:

a) Através do autoconhecimento

Pensando no exemplo do telescópio, vemos que a utilidade daquele instrumento está diretamente relacionada com suas características básicas. Veja: esse objeto foi planejado com lentes que permitem a aproximação de imagens a longa distância, ou seja, quando foi inventado ele recebeu características específicas que indicariam qual função ele deveria exercer — o propósito para o qual foi criado. O inventor pensou no propósito para que pudesse dotar o objeto de capacidade para exercer aquilo para o qual foi criado. Vamos refletir sobre um assunto um pouco mais complexo do que a funcionalidade de um telescópio: a vida na terra.

Você já ouviu falar do princípio antrópico? Esse princípio afirma que o nosso universo está ajustado perfeitamente para gerar a vida como a conhecemos⁶⁶. O estudo científico da formação do universo se baseia na constatação de que existem constantes físicas incrivelmente específicas que permitem a vida na terra. Se essas constantes se alterassem um pouco que fosse, a vida não seria possível. Para o geneticista americano Francis Collins, diretor do Projeto Genoma e um dos responsáveis pelo mapeamento do DNA humano, essa descoberta é desconcertante: “A existência de um universo como o conhecemos repousa no fio da navalha das improbabilidades”⁶⁷. Você já parou para pensar um pouco sobre isso? Se você tirar um tempo para estudar esse assunto e tudo o que os cientistas têm descoberto, ficaria estarecido como tudo está milimetricamente ajustado para que estejamos aqui — não há como não se render à ideia de que há um senso de propósito contundente na formação do universo. Collins nos dá uma noção:

Ao todo existem quinze constantes físicas cujos valores a atual teoria não consegue prever. São dadas: simplesmente têm o valor que têm. A lista inclui a velocidade da luz, a potência das forças nucleares forte e fraca, diversos parâmetros associados ao eletromagnetismo e a força da gravidade. A probabilidade de todas essas constantes terem os valores necessários para resultar em um universo estável, capaz de sustentar formas de vida complexas, quase tende ao ínfimo. E, no entanto, elas apresentam exatamente os parâmetros que observamos. Em resumo, nosso universo é extremamente improvável.⁶⁸

O cientista usa os termos “fio da navalha das improbabilidades” e “extremamente improvável” para mostrar que, se não admitirmos que tudo foi criado de forma planejada e com o propósito de gerar vida, dada a sintonia fina que existe, não conseguiremos enxergar nada além de improbabilidades. É como se alguém por trás disso quisesse dizer: “Quero deixar bem claro que, se eu não tivesse criado tudo de forma perfeitamente planejada, vocês não estariam aqui para questionar”. As explicações para esse inacreditável fenômeno se resumem em três vertentes: 1) A hipótese do multiverso: existem outros universos com constantes físicas distintas das nossas, e o fato de a vida existir no nosso é apenas resultado de tentativa e erro; 2) Existe apenas um universo — o nosso — e ele é como é e ponto. Somos muito sortudos; 3) Existe apenas um universo — o nosso — e ele é como é, não em decorrência de um extraordinário acidente, mas porque alguém realmente pensou nele de forma que ele tivesse condições de gerar vida⁶⁹. Qual dessas três te parece mais provável? O cientista britânico Stephen Hawking, um dos mais renomados de nossa época, dá sua opinião a respeito: “*Seria difícil explicar por que o universo teria começado desta exata maneira a não ser como ato de um Deus que quisesse criar seres como nós*”⁷⁰.

Portanto, assim como o telescópio foi projetado para ver as estrelas e dotado de capacidade para isso e o Universo foi projetado para gerar vida e dotado de características específicas para que isso pudesse ocorrer, cada um de nós, quando fomos criados, recebemos características específicas que nos dotam de capacidade para cumprir um propósito. Assim, as características do objeto criado acabam por revelar a intenção e o propósito do seu criador, por isso o autoconhecimento pode nos ajudar a entender esse propósito. Para que essa autoanálise fique mais fácil, você pode começar procurando discernir pelo menos dois pontos acerca de si mesmo:

1 – Quais são seus dons e habilidades naturais

Você é o tipo de pessoa que se olha no espelho e consegue dizer: “Sou muito bom nisso!” ou “Com certeza tenho esta e aquela habilidade!”, ou você está mais para: “Não faço a menor ideia daquilo que posso fazer bem” ou “Tenho certeza de que não sou bom em nada e não tenho habilidade nenhuma”? Se você for do primeiro tipo, talvez não tenha muito problema para perceber seu propósito. Mas, se for do segundo, você precisa saber que todos nós temos habilidades e o Criador não se esqueceu de você quando te fez. Às vezes, pode ser difícil perceber em que somos bons. Não é raro ouvirmos a respeito de pessoas que não conseguem escolher seus cursos de faculdade ou profissionalizantes ou, quando escolhem, mal conseguem chegar ao segundo ano e já estão pensando em fazer outro curso porque não se identificaram com esta ou aquela profissão. Já vimos muitos casos assim. Essas pessoas acabam sendo rotuladas como aquelas que nunca sabem o que querem ou que são confusas e por isso nunca vão dar em nada. Se por acaso você é uma dessas pessoas, não se desespere. Essa busca pode ser extremamente saudável e parte do processo de autoconhecimento. Talvez essa tenha sido a forma que você encontrou para tentar descobrir suas habilidades. O importante é não desistir desse autoconhecimento e não permitir que a frustração te tire o foco. Persista. Nem todos conseguem perceber suas habilidades até começarem a trabalhar com alguma coisa. Se você tem muita dificuldade em conseguir enxergar seus dons e talentos, uma alternativa é procurar um profissional capacitado que pode auxiliar nessa análise — são os famosos testes vocacionais.

Se por um lado alguns não têm a menor ideia das habilidades que possuem, por outro alguns podem ter problemas porque conseguem perceber em si muitas habilidades. Já conheceu alguém assim? Você pensa: “Acho que esta pessoa pode fazer tudo aquilo que quiser e fará muito bem”. O problema é que pessoas assim podem acabar se perdendo exatamente por terem muitas possibilidades à sua frente. Começam uma faculdade e não a terminam, não porque se sentiram carentes de habilidades, mas porque já

encontraram outra profissão que consideraram interessante e, tendo a habilidade para exercê-la, resolveram mudar. Mas dali a pouco já encontram outra coisa e mudam novamente. Não conseguem se focar e acabam se sentindo perdidas em relação ao seu propósito. Como escolher entre tantas possibilidades? O segundo tópico pode ajudar.

2 – O que você sente prazer em fazer

Quando se faz a pergunta: “O que você realmente gosta de fazer?”, podemos também encontrar algumas respostas interessantes. Primeiro, encontraremos aqueles que sabem desde criancinhas o que gostariam de fazer da vida, e quando crescem é isso que se tornam. Outros que, ao longo dos estudos e no encontro com as diversas áreas do conhecimento, conseguem encontrar com facilidade a sua paixão. Outros ainda que, ao terem contato com as mais variadas profissões, se deparam com aquela que os arrebatava e a ela se dedicam com prazer e gosto. Entretanto, existem aqueles que têm mais dificuldades em perceberem aquilo que gostam de fazer e se sentem perdidos a respeito desse assunto. Um sinal muito forte daquilo que pode ser o propósito específico para o qual fomos criados pode vir da satisfação que temos em fazer algo. Observe o seguinte: se você fez muitas coisas ao longo da sua vida e nada lhe despertou o prazer, talvez você ainda não tenha encontrado aquilo que realmente foi criado para fazer. Se você se sente motivado, empolgado, apaixonado e cheio de alegria quando realiza uma atividade, muito provavelmente você encontrou algo que deve fazer parte do seu propósito. Há quem diga que, se você consegue dizer: “Eu faria isso, mesmo que não me pagassem”, você achou algo que realmente tem prazer em fazer.

Se, pelo contrário, aquilo que você tem feito lhe causa grande desprazer, isso pode significar que você está longe do propósito para o qual foi criado. Preste atenção em como anda sua motivação e sua alegria em fazer aquilo que você escolheu para fazer. Será que você se sente empolgado em realizar

suas atividades? Como anda sua paixão em relação àquilo que você faz? Vemos hoje em dia muitas pessoas caindo em depressão apenas porque estão bem longe de realizar as atividades que realmente alegram o seu coração, e um dos conselhos que recebem dos psicólogos quando eles constatarem esse problema é: “Vá fazer algo que você realmente goste de fazer!”. Isso acontece porque o ser humano tem dentro de si um senso de utilidade e propósito que o empurra na direção daquilo que ele foi criado para fazer. À medida que ele se aproxima das atividades que realmente lhe dão prazer, sua satisfação aumenta, ao passo que, ao se afastar delas, seu contentamento diminui, já que essa questão está diretamente ligada ao seu propósito e, portanto, também ligada à sua felicidade.

Há uma observação importante a se fazer neste ponto. O prazer e o contentamento de uma pessoa não podem ser medidos apenas por suas habilidades ou pelo fato de ter encontrado aquilo que ama fazer. Outros fatores podem interferir nessa questão: o estado emocional, o ambiente, o convívio com as pessoas etc. Você pode adorar aquilo que faz e ter habilidade para isso, mas, se está passando por um momento difícil ou existem outros desajustes em sua vida, pode ser que sua alegria, motivação e paixão estejam mornas. O importante é conseguir discernir se você realmente gosta daquilo que faz ou se o problema pode estar em algum outro fator.

Assim, as pessoas que, percebendo suas habilidades e as coisas que mais gostam de fazer, conseguem juntá-las e se dedicam a isso têm maior possibilidade de se sentirem satisfeitas com aquilo que fazem e uma boa chance de estarem andando segundo o propósito para o qual foram criadas. Uma boa pergunta pode surgir neste momento: todas as pessoas que têm o privilégio de trabalhar naquilo que amam e que têm habilidade estão cumprindo o seu propósito e são felizes? A resposta depende do que veremos a seguir.

b) Através da revelação de Deus acerca do Seu propósito

Vimos que encontrar em si mesmo aquilo que você ama fazer e quais são suas habilidades faz parte do processo de procurar entender o seu propósito através das suas características pessoais, da mesma maneira que alguém entende para o que um determinado objeto serve conhecendo seus atributos. A questão levantada foi a seguinte: “Será que uma pessoa que consegue ter êxito neste conhecimento e viver de acordo com essa descoberta conseguirá, com certeza, viver o seu propósito e ser feliz”? Para que a resposta seja afirmativa, é necessário que todas as pessoas nessas condições tenham encontrado a felicidade. Sabemos que não é bem assim.

Podemos enxergar tanto em pessoas comuns que fazem parte do nosso convívio quanto nas mais famosas celebridades que essa não é uma regra. Conheci muitas pessoas que trabalhavam naquilo que amavam e eram dotadas de uma habilidade extraordinária para o exercício, mas que não conseguiam se realizar. Você já conheceu alguém assim?

Vamos olhar um pouco para o altar dos grandes ídolos da nossa sociedade e ver como andam em relação a essa questão. Nossa sociedade aprendeu a endeusar pessoas nas condições que acabamos de descrever: supercantores com vozes escandalosamente fantásticas; superatores com o dom de nos emocionar através de atuações magistrais; superatletas que nasceram com a capacidade de correr, driblar ou jogar melhor do que qualquer outra pessoa; e superescritores com uma criatividade tal capazes de nos fazer viajar em suas ideias fabulosas através de seus livros e filmes. Todas essas pessoas encontraram a intersecção entre habilidade e prazer no que fazem e tiveram a oportunidade de serem reconhecidas por isso.

Esse altar construído pela nossa cultura moderna parece ser o lugar almejado pela maioria das pessoas de nossa época. Quando uma criança é perguntada sobre o que quer ser quando crescer e ela responde “jogador de futebol”, no que você acha que ela está pensando? Certamente não é em

jogar em qualquer timinho de bairro. Ela está vislumbrando em seu ideal os grandes ídolos do futebol. Quando outra responde “quero ser cantor”, você acha que ela pensa em cantar em lugares onde ninguém irá conhecer o seu nome? Certamente está pensando em fazer parte do altar dos grandes ícones da música. Mas esse altar não tem lugar para todos, não é mesmo? A questão é que, volta e meia, pessoas que alcançaram esse lugar de fama e sucesso por conta de suas habilidades extraordinárias aparecem na mídia com histórias muito tristes. Tiveram a oportunidade de ascenderem ao Olimpo e acabaram derrotadas por problemas como o envolvimento com drogas e álcool ou distúrbios psicológicos como a depressão que levaram alguns deles até mesmo a tirarem a sua própria vida. Sei que você pode se lembrar de alguns nomes. O problema não estava com suas habilidades ou com o prazer em fazer o que faziam, mas de alguma forma esses dois fatores pareceram não ser o suficiente para que essas pessoas fossem completamente felizes.

O que pode ter dado errado? Seu propósito estava tão evidente, que mesmo outras pessoas o reconheceram a ponto de os idolatram por isso! Sei que muitos fatores podem influenciar em histórias trágicas como essas, mas, em última análise, me parece que toda a fama e o sucesso não foram suficientes. O vazio conseguiu de alguma forma se sobrepôr a toda glória e prestígio resultantes do grande talento e vocação que essas pessoas tinham em fazer o que faziam.

Em algumas páginas atrás trouxemos um conceito do escritor C. S. Lewis afirmando que, da mesma forma que um carro é movido à gasolina, o ser humano foi feito para ser movido por Deus. Chegamos à conclusão de que sem Deus, por mais que o homem se esforce em ser feliz e em encontrar sentido, uma hora emperra. Roda por um tempo, mas acaba emperrando. É nesse sentido que não basta que alguém tenha o privilégio de saber em que é bom e sinta muito prazer em trabalhar com isso. Se Deus não fizer parte

dessa equação, a verdadeira felicidade e sentido de vida estarão comprometidos.

Tenho certeza de que alguns devem ter se perguntado: “Você citou os casos em que algumas celebridades terminaram mal, mas e aquelas que desfrutam de uma vida regada à fama, dinheiro e poder e estão muito bem com isso?”. É realmente uma questão interessante. Não podemos provar que essas pessoas são infelizes, da mesma forma que não podemos provar que estão verdadeiramente felizes. Elas estão bem longe da nossa realidade e nada melhor do que a convivência íntima para avaliar esse tipo de situação, aliás, até mesmo o convívio mais íntimo não tem o poder de revelar o coração de uma pessoa aos seus amigos mais próximos. O que algumas delas procuram passar é que são muito felizes e que todos devem desejar a vida que elas têm. Não há como saber o que se passa no coração delas para julgá-las e como anda sua relação com o seu Criador para opinar a respeito.

O que sabemos é que o ser humano tem uma capacidade impressionante em se distrair de seu vazio existencial em qualquer contexto de vida que esteja. O que realmente importa saber a esse respeito é aquilo que temos aprendido até aqui e pode interferir diretamente na relação das pessoas com o seu propósito de vida e felicidade: o Criador não pode ser retirado da equação. Aliás, eu diria que sem Ele nem sequer existe uma equação.

Um aniversário sem aniversariante

Por que é impossível deixar de lado a relevância do nosso Criador em relação ao nosso propósito, mesmo que tenhamos descoberto aquilo que amamos fazer e nossas melhores habilidades? Basta retomarmos alguns conceitos para entendermos a resposta.

Em primeiro lugar, vimos que apenas o inventor pode dizer exatamente para o que serve o objeto que ele inventou, assim só Deus pode realmente revelar o propósito para o qual nós fomos criados. Ainda que você consiga

descobrir o que sabe fazer de melhor, como saber para que propósito você tem determinada habilidade? Você já pensou que pode acabar entendendo errado o propósito para o qual você possui determinado talento? Por exemplo, você possui o dom da argumentação. Dificilmente alguém consegue te dobrar em uma discussão a respeito de algum assunto. Sabendo desse dom, você o usa para se tornar um vendedor e, por causa do grande talento que tem, consegue vender até gelo para esquimó, como dizem por aí. No fundo, tudo o que você está buscando é um jeito rápido de enriquecer. Mas, talvez você tenha recebido esse dom para propósitos mais elevados como defender alguém injustiçado em um tribunal de justiça ou convencer pessoas a fazer o bem a outras. Esse exemplo simplório acaba por revelar um dos grandes problemas encontrados no uso dos nossos dons naturais.

De forma geral, acabamos usando nossas habilidades para fins extremamente egoístas e, como não fomos criados para nós mesmos, acabamos permanecendo longe dos propósitos do nosso Criador. Em vez de usarmos esses talentos para servir às pessoas, os usamos sempre na intenção de tentar tirar o máximo de vantagem deles. Esse comportamento acaba tendo um efeito em cadeia: a maioria das pessoas usa seus dons visando sempre ao seu próprio bem-estar — é o famoso cada um por si — e uma geração ensina à outra que é assim que devemos viver. Agora, olhe para a humanidade e pense em que tipo de seres acabamos nos tornando. Por outro lado, se usássemos nossos talentos para o bem do próximo, penso que teríamos uma sociedade bem diferente da que temos. Portanto, se você quer saber para que serve o dom que você tem e por que você sente tanta paixão em fazer o que faz, pergunte ao seu Criador. Ele é o único que tem essa resposta. Mas fica a dica: você não tem o dom que tem para usá-lo para propósitos egoístas.

Em segundo lugar, tudo o que existe, existe para Ele, já que Ele é o fim último e a primeira causa de tudo o que há. Se fizermos tudo aquilo que amamos e usarmos todos os dons e habilidades que temos e não

conseguirmos viver para Ele, estaremos desperdiçando nosso tempo e energia.

Pense em uma pessoa muito querida para você. Vamos imaginar que essa pessoa está fazendo aniversário e que quer dar uma grande festa. Como você é uma das pessoas mais próximas, ela te pede para organizar o evento, e para isso te dá todo o recurso necessário: dinheiro para os comes e bebes, para o aluguel de um bom lugar e para a decoração. Como a festa acontecerá daqui a uma semana, você tem a semana toda para encomendar a comida e a bebida, contratar um decorador, alugar um espaço bacana e convidar todas as pessoas que ela colocou na lista. Já na segunda, você começa a ligar para os convidados avisando da festa de domingo. Na terça você resolve o buffet. Quinta você aluga o lugar, e ainda restam a sexta e o sábado para convidar aqueles que você não conseguiu contatar durante a semana. Chega o grande dia da festa. Preocupado em receber bem as pessoas, você chega antes de todos e confere se está tudo de acordo com o planejado: o pessoal do buffet no horário contratado, a decoração, a limpeza do local etc. As pessoas começam a chegar gradativamente e, conforme os garçons vão servindo os comes e bebes, o clima vai ficando cada vez mais amistoso e descontraído. Você dá uma olhada na lista e percebe que, ainda que com algumas ausências, aparentemente a maioria das pessoas que você convidou compareceu. Antes que você pudesse se gabar de ter organizado uma grande festa, percebe um incômodo burburinho entre as pessoas. Cautelosamente, você se aproxima de alguém com quem tem mais afinidade e pergunta: “Você sabe o que está acontecendo? Será que tem algo errado?”, seu amigo te leva disfarçadamente para um canto e sussurra: “Algumas pessoas estão inquietas porque queriam cumprimentar o aniversariante e, depois de duas horas de festa, ele ainda não apareceu...”. Tomado de um sentimento abrupto de espanto e vergonha, você pensa: “O aniversariante! Sabia que estava esquecendo alguma coisa...”.

Qual é o absurdo nessa história? Um aniversário sem aniversariante. Se o sentido ou razão de existência de uma festa de aniversário é homenagear o aniversariante, como fica quando ele não está? A festa perde o seu propósito! Na nossa história, a pessoa responsável por organizar a festa teve muito trabalho: fez muitas ligações, pesquisou e contratou o buffet, pesquisou e alugou um lugar legal, se preocupou o bastante para que tudo ficasse do jeito que pudesse agradar ao aniversariante. Se depois de todo esse trabalho a festa de aniversário não tem um aniversariante, a sensação que fica é que todo o trabalho foi em vão, não é mesmo? Ou você vai e avisa o aniversariante onde está sendo realizada a festa ou você cancela a festa! Afinal, o buffet, o lugar, a decoração e os convidados estão aí por causa dele. Da mesma forma, se pensamos que tudo o que foi criado existe para Deus, como podemos conceber que se usem os dons e talentos sem pensar no Seu propósito? É uma festa sem aniversariante! Se tudo o que há encontra propósito Nele, quando Ele é “posto de lado” tudo fica sem sentido. É claro que Ele não pode ser “posto de lado”. Nós é que fingimos poder fazer isso.

Há um outro detalhe importante. Não podemos nos esquecer de que nessa história foi o próprio aniversariante que proveu todos os recursos necessários. Então o que aconteceu foi o seguinte: uma grande festa foi preparada em homenagem a um aniversariante com o dinheiro dele e ele não foi chamado. Como você se sentiria se fosse o aniversariante? É o que nós fazemos quando vivemos e usamos nossos dons e talentos sem pensar no propósito que o nosso Criador tem para nós. Da mesma forma que não haveria festa se o aniversariante não tivesse dotado o organizador de recursos para que ela acontecesse, não haveria dom e nem talento se o Criador não os tivesse dado. Aliás, não haveria nada. Nem habilidade e nem alegria em usá-los. Não haveria onde usá-los e nem haveria vida para usá-los.

Reconhecendo o óbvio

Algumas pessoas se gabam e pensam ser superiores a outras porque cantam, escrevem, pintam, falam muito bem, se esquecendo de que esses dons vieram de algum lugar. Ou será que cada um de nós tem o poder de determinar nossos próprios dons naturais? É interessante ver quando uma pessoa que canta extraordinariamente, mas nunca teve uma aula de canto na vida, se gaba de seu talento quando recebe um elogio. Ela age como se tivesse se esforçado muito para ter a voz que tem e que é merecedora da honraria em vez de reconhecer que recebeu de alguém esse dom maravilhoso.

Vamos pensar em pessoas que se esforçaram para desenvolver seus dons. Fizeram muitas aulas de canto e treinaram oito exaustivas horas por dia para que sua voz tenha se tornado o que é. Esta não fez por merecer o elogio? O dom não é decorrente de seus esforços? De fato, sua diligência há de ser reconhecida e merece todo o elogio que lhe cabe, mas pense comigo: se não houvesse dom, haveria o que ser trabalhado? Se não houvesse diligência, haveria aperfeiçoamento? Você pode pensar: “Ah, mas a diligência não é bem um dom, mas algo que se aprende...”. Tudo bem, a diligência e a disciplina são práticas que aprendemos no decorrer da vida. Se aprendemos com alguém, é porque esse alguém também aprendeu com outro, certo? Se voltarmos no tempo e perguntarmos ao primeiro homem que foi diligente: “Com quem você aprendeu a ser assim?”, o que você acha que ele responderia? Quem poderia ter inventado a diligência e a disciplina ou ensinou o primeiro homem a ser assim? Ou será que o primeiro homem diligente da terra inventou tudo de sua cabeça, do nada? Ainda que admitamos que fosse assim, se a própria vida é um dom que recebemos, visto que não temos a capacidade de gerá-la ou sustentá-la, tudo o que decorre dela, incluindo o pensamento, o sentimento, as virtudes e as ideias, vem, em última instância, de quem a criou. Não há como escapar. Se olhamos para os céus e agradecemos humildes a oportunidade de ter a

habilidade que temos e sentir tanto prazer em fazer o que fazemos, não estamos fazendo nada além de reconhecer o óbvio.

O verdadeiro “Eu”

Para encerrar este tema, quero compartilhar um dos maiores segredos que você pode descobrir acerca do propósito de Deus para cada um de nós. Quando tive contato com este conceito nos escritos de Lewis, tive certeza de que ter um relacionamento íntimo com meu Criador era imprescindível para que eu pudesse de fato conhecer o meu propósito de vida. Veja o que ele escreve sobre isso:

Foi ele que os fez a todos. Ele inventou — como um escritor inventa os personagens de um romance — todos os homens diferentes que vocês e eu devemos ser. Nesse sentido, nossos verdadeiros seres estão todos nele, esperando por nós. De nada vale procurar “ser eu mesmo” sem ele. Quanto mais resisto a ele e tento viver sozinho, tanto mais me deixo dominar por minha hereditariedade, minha criação, meus desejos naturais e o meio em que vivo. Na verdade, aquilo que chamo com tanto orgulho de “eu mesmo” é simplesmente o ponto de encontro de miríades de cadeias de acontecimentos que não foram iniciadas por mim e não poderão ser encerradas por mim.²¹

Ao longo da nossa vida, vamos fazendo muitas imagens daquilo que gostaríamos de ser, não é mesmo? Quando somos crianças, criamos um eu ideal, e essa imagem pode se alterar conforme vamos crescendo e nos tornando adultos. Isso acontece porque temos, ao longo da nossa história, a oportunidade de entrar em contato com muitas realidades que podem influenciar diretamente nossa decisão acerca de como vamos encarar nossa vida e estabelecer nossos objetivos — vamos construindo nosso propósito de vida.

Não é difícil perceber a infinidade de influências que nos envolvem e interferem de forma decisiva na construção de quem somos. Em um primeiro nível — o mais fácil de percebermos — estão nossos pais, familiares, amigos, professores etc. Olhamos para trás e vemos o quanto deles existe em nós: suas ideias e ensinamentos, visão de mundo e até seus traços... Mas existe uma influência que acontece em um nível de menor

percepção que vem da cultura na qual estamos inseridos. Se vivemos no Ocidente, teremos sobre nós um tipo de influência, mas, se vivemos no Oriente, outra completamente diferente. Se somos pessoas nascidas no século XXI, estamos sob influências completamente diferentes do que estavam nossos antepassados do século V. Os fatores externos que atuam sobre nós e nos bombardeiam diariamente desde que nascemos acabam por construir ideais dentro de nós que, de repente, podem nem corresponder àquilo que nós mesmos desejamos.

Pode parecer um pouco confuso à primeira vista, mas podemos dispor de um fator cultural que mostra bem essa realidade para elucidar a questão: a moda. Você já percebeu que determinado produto pode alcançar uma popularidade incrível de um dia para o outro? Uma calça que fulano vestiu no filme tal, uns óculos que cicrano usou na novela tal. Se tal atriz está usando determinado batom, já se vê uma multidão ensandecida em busca dele nas lojas. Se tal ator comprou determinado carro, não é difícil vê-lo aumentar nas ruas. A moda agora é usar barba — você vê barbudos aos montes no shopping. A moda agora é cabelo chapado — dá-lhe chapinha nas lojas de varejo. Dependendo da eficácia das propagandas e das mais sofisticadas técnicas de sedução marqueteira, as pessoas estarão desejando ser e ter inúmeras coisas que nem sequer imaginavam que existiam.

Olhando para isso de uma forma macro, vamos perceber que o nosso mundo está inteiramente mergulhado em projetos de grandes corporações a fim de inculcar nas pessoas desejos de consumo que se traduzem na conquista, não apenas de objetos, mas também de colocações. Não ouvimos apenas: “Tenha isso e você se dará bem”, mas também: “Seja isso ou aquilo e você se dará bem”. Tenha tal carro, tenha tal celular, tenha roupa de tal marca... Seja um megaempresário, seja um superatleta, seja um top model... Muitos de nós acabamos vendendo nossos verdadeiros desejos, propósitos e objetivos a fim de conseguirmos alcançar tudo aquilo que essas propagandas prometem tanto explícita como implicitamente.

Em uma sociedade de consumo e globalizada como a nossa, a promessa de fama, poder, dinheiro e sucesso seduz a muitos ao custo do verdadeiro propósito que cada um tem. Essa é apenas uma pequena parte e uma aplicação contemporânea do que o C. S. Lewis chamou de “ponto de encontro de miríades de cadeias de acontecimentos”, que não foram iniciadas por nós e nem serão encerradas por nós, mas que passa longe de ser o projeto original pensado pelo Criador quando nos criou.

Neste contexto, podemos perceber que os projetos e sonhos que idealizamos para nós podem não ter sido fruto dos desejos que realmente partem do nosso coração, mas das diversas vontades de várias pessoas e do próprio contexto em que estamos inseridos. Pode acontecer de basearmos nossas metas de vida de uma determinada maneira simplesmente porque queremos desesperadamente a aceitação de alguém ou de determinados grupos sociais. Quantas pessoas você já conheceu que se decidiram por uma carreira e não outra porque queriam agradar à família? “Seu pai, avô, bisavô, tataravô foi advogado e é isso que você será!” Às vezes, nem existe uma pressão por parte deles, mas você mesmo se sente pressionado por causa da história ou tradição.

Com tantas influências vindas de tantos lados sobre nós e que podem acabar nos distraíndo do propósito para o qual fomos criados, precisamos nos concentrar e discernir do nosso Criador qual é a nossa vocação e, mais do que isso, quem realmente nós somos. O psicanalista suíço C. G. Jung traz um conceito interessante a esse respeito — o processo de individuação. Ele acreditava que o ser humano deveria buscar compreender e andar na direção do *Self* — o si mesmo. À medida que cada pessoa consegue se aproximar do seu *Self*, mais ela se aproxima de sua originalidade e integralidade, conseguindo, assim, obter o equilíbrio emocional e intelectual.

Pensando que exista esse “ser original” dentro de nós envolvido por tantos desejos, pensamentos e sonhos que podem nem ser nossos e que o descobrir nos revelará nossa habilidade, nosso prazer e nosso propósito, Lewis nos conta um segredo: *“nossos verdadeiros seres estão todos nele, esperando por nós. De nada vale procurar ‘ser eu mesmo’ sem ele”*. Pensar que Deus pode revelar nossa real identidade não é pensar que devemos jogar fora toda a boa influência que foi exercida sobre nós ao longo da nossa vida temendo que ela nos afaste do nosso verdadeiro “eu”, apenas ter o entendimento de que esse emaranhado não é tudo o que somos. Somos mais do que nossa hereditariedade, criação, desejos naturais e meio em que vivemos. Fomos criados por Deus com um propósito que, acima de tudo, só pode ser encontrado Nele, e é por isso que, quanto mais nos aproximamos Dele, mais nos aproximamos de quem realmente somos.

Relacionamento com Deus – Conhecer Seu caminho para nós

Ainda há um ponto interessante a ser destacado a respeito deste tema. Vimos que um relacionamento com Deus é a resposta para nossa desesperada busca por um sentido de vida, já que nos perdemos desse sentido quando voltamos as costas para o relacionamento com Ele e que essa relação se dá pelo conhecimento de quem Ele é e do Seu propósito para nós. Ora, se temos um propósito a ser alcançado, precisamos refletir sobre o caminho que nos levará a ele.

Imagine que você quer tirar férias no próximo mês e já decidiu que o seu grande objetivo é separar alguns dias para visitar uma bela cidade que fica do outro lado do país. Você precisa pensar em alguns problemas de logística, certo? À parte de toda a análise que deve ser feita a respeito do clima da cidade que vai determinar as roupas que você vai levar e da pesquisa das atrações turísticas que você vai querer ver e exigem um preparo financeiro para tal, você deve pensar seriamente sobre como vai chegar lá. Se você for como minha esposa e eu, vai fazer uma pesquisa minuciosa da relação custo

vs. benefício de cada possibilidade. Se for de carro, quanto tempo vai levar, quanto vai custar e quanto vai cansar... Se for de ônibus, o custo pode não ser tão alto, mas pode não haver tanto conforto e independência para parar e tirar fotos das paisagens ao longo do caminho... Se for de avião, provavelmente o custo é mais alto, mas se chega em menos tempo e bem menos cansado para aproveitar a cidade... São muitas possibilidades, e a primeira coisa que vem à nossa mente é: “Qual é a mais vantajosa?”

Na nossa cultura fast-food, o caminho escolhido pela maioria para a conquista de qualquer objetivo é baseado na tríade: custo vs. tempo vs. esforço. Temos a tendência de optarmos por alternativas que demandem o mínimo possível de dinheiro, que não demorem muito para se concretizar e que sejam as mais fáceis que pudermos encontrar. Nos acostumamos com esse esquema de resolução para enfrentarmos todo o dinamismo e velocidade tão característicos do nosso mundo atual.

Quando pensamos nos propósitos de Deus para nós, não podemos usar o mesmo raciocínio. A característica mais evidente desse tipo de processo mental é a tentativa de controlar as variáveis. Se escolho um meio de transporte que chega ao destino mais rápido, estou tentando controlar o tempo. Se opto pela alternativa mais barata, tento controlar o custo. Se decido por uma opção menos cansativa, estou tentando controlar o esforço. Se pararmos para pensar, toda nossa maneira de viver revela e exterioriza uma necessidade de controle sobre tudo à nossa volta.

Abrindo mão do controle

Pensar que podemos transportar a forma como nos relacionamos com as coisas para o relacionamento com Deus é um grande erro. Se já é um erro pensar que podemos controlar tudo à nossa volta, quanto mais pensar que se pode controlar um ser que, além de ser infinitamente maior do que nós, criou tudo o que há. É por isso que, se entendemos que o nosso sentido de vida só pode ser encontrado no nosso Criador, precisamos entender que o

caminho para se chegar a esse propósito também precisa ser mostrado por Ele. Esse entendimento é importante, porque Deus está enxergando tudo o que acontece de um lugar diferente de onde nós enxergamos. Seu entendimento e soberania excedem em muito nossa mísera percepção acerca do que está à nossa volta. Ele vê caminhos que não vemos e intenções que não percebemos. Não há nada que possa ser escondido do Seu conhecimento, mas a nós quase tudo está oculto. Se nossa vida se resume a um tatear no escuro ávido por respostas, nosso Criador não se curva a nenhuma dúvida, pois habita na mais perfeita luz e nada Lhe escapa.

Você desconfia de onde pode vir toda essa necessidade de controle? Tenho um palpite: necessidade de segurança. Quando estamos no controle das situações, nos sentimos mais seguros porque pensamos conseguir prever o que vai acontecer de forma que elas não determinem nosso futuro e nos coloquem em uma situação de risco. O medo de estar vulnerável e dependente acaba nos empurrando para uma ensandecida cultura de controle. Entretanto, por mais que essa cultura esteja impregnada no nosso comportamento, tudo o que conseguimos fazer é obter um controle parcial sobre as situações que nos cercam baseado mais em uma previsão do que pode acontecer do que em uma certeza absoluta, já que tudo está à mercê do dinamismo e da indefinição tão característicos à nossa realidade.

Percebe que aquilo que chamamos de controle está mais para uma sensação do que para uma realidade concreta? O exemplo clássico é a previsão do tempo. Todos os instrumentos apontaram uma previsão de chuva de zero por cento para aquele dia. Você marca uma bela churrasqueira ao ar livre confiando nessa previsão. Chama toda a parentada e gasta uma nota em carnes deliciosas. Na parte da manhã, você fica todo animado com o calor e a ausência de nuvens — “Com certeza não chove!”. No começo da tarde, o céu começa a ficar lentamente encoberto e as pessoas vão chegando. O churrasco já está a todo vapor e você confiante que não cairá uma gota-d’água. A carne começa a ser servida e algumas gotas começam a ser

sentidas — “Não é possível, a previsão deu zero por cento de chuva!”. Dali a pouco já está todo mundo desesperado recolhendo toda a comida e correndo para dentro de casa por conta da tempestade... Qualquer semelhança é mera coincidência... A incerteza acerca do que vai acontecer não é privilégio das condições climáticas. Olhamos à nossa volta procurando certezas e acabamos tendo apenas a certeza de que não podemos contar com ela.

É importante perceber o tanto de influência que a necessidade de controle exerce sobre nós, porque essa influência pode ser uma âncora a nos impedir de seguir livremente pelo oceano rumo ao propósito de Deus para nós. Por causa desse comportamento arraigado em nós, resistimos a tudo aquilo que não podemos controlar, ou melhor, tudo o que não nos dá uma sensação de controle. Se não temos essa sensação, nos sentimos inseguros, e o fato de não podermos suportar esse sentimento nos faz querer o tempo todo controlar tudo à nossa volta.

Houve um tempo em que, como raça, estávamos seguros no cuidado do nosso Criador. Quando voltamos às costas para Ele e resolvemos que podíamos cuidar da nossa própria vida, perdemos o sentimento de segurança e passamos a nos sentir desamparados. Lembra-se da parábola do rei bondoso? Aquele povo decidiu deixar um reino de paz e acolhimento por um lugar desconhecido que acabou se revelando completamente inóspito. Não tiveram alternativa a não ser se acostumarem com as incertezas e a falta de segurança daquele novo lugar. Estamos da mesma forma! Quando nos perdemos do relacionamento com o nosso Criador, também nos perdemos do Seu amparo e acolhimento que nos davam a segurança que tanto buscamos hoje. Se queremos segurança, só há um lugar onde encontrá-la: Nele.

Se queremos usufruir do Seu acolhimento e amparo, precisamos admitir que não temos e nunca tivemos o real controle sobre a nossa vida, soltar as

rédeas e entregar o controle nas Suas mãos. Não há como viver Seus propósitos se não nos dispusermos a andar no caminho que Ele preparou para chegarmos lá e é impossível andarmos nesse caminho se não renunciarmos a essa tentativa de controlar tudo o que nos cerca.

Renunciar ao controle pode parecer, à primeira vista, um tanto doloroso, já que vai contra algo que temos aprendido desde crianças: eu estou no controle da minha própria vida! É difícil acreditar que uma empreitada dessa pode ser prazerosa, não é mesmo? Tenho provado na minha vida que estar à mercê do caminho proposto por Ele rumo ao Seu propósito pode ser uma grande aventura! É como caminhar rumo a uma cidade desconhecida por um caminho repleto de paisagens magníficas. Você sobe um morro e se depara com uma cadeia de montanhas de tirar o fôlego, depois desce ao vale e dá de cara com rios e lagos impressionantes. Você nunca sabe o que vai te impressionar mais! Cada passo que você dá nesse caminho preparado por Deus reserva um novo momento cheio de novidades e ar fresco!

Conhecer o Seu caminho para nós é conhecê-Lo também! É relacionar-se com Ele! E não há nada mais empolgante e cheio de vida do que isso. Mesmo que em muitas ocasiões você não entenda por que determinadas situações estão ocorrendo, a certeza de que o controle da sua vida está nas mãos de quem nunca deveria ter saído te dá segurança para prosseguir, e, ao passo que você vai percebendo que Deus tem caminhos infinitamente melhores do que os seus, você consegue gradativamente se confiar ao Seu maravilhoso acolhimento e amparo.

Além disso, quando nos confiamos a Ele, recebemos uma grande dádiva: o descanso. Quem quer controlar tudo nunca consegue descansar! Está sempre correndo atrás de alguma coisa ou preocupado se tudo está correndo conforme imaginou. Mas, como praticamente nada acontece como se imagina, sempre haverá correria e preocupação. Olhe à sua volta! A maioria das pessoas está correndo ou preocupada com alguma coisa. Não é à toa que

os especialistas dizem que o estresse é um dos grandes males do nosso século. Quando você abre mão do controle, você descansa. À medida que você aprende a entregar seus caminhos a Ele, o seguinte pensamento fica cada vez mais frequente: “Vou fazer a minha parte, mas sei que tem alguém cuidando da minha vida, posso descansar!”.

Não quero dizer com isso que, quando você entrega o controle na mão de Deus, tudo vai acontecer do jeito que você quer. Pelo contrário, muitas situações que não queremos continuarão vindo contra nós. O que passamos a ter é a certeza de que nossa vida está confiada às Suas mãos e que tudo vai cooperar para que o Seu propósito se cumpra em nós. Quando permitimos que Ele dirija a nossa vida, podemos ter a convicção de que o fará no sentido que sempre sonhou para nós: que vivamos para Ele! Assim, se Ele dirige a nossa vida na direção do Seu propósito, temos a certeza de que, seguindo nessa direção, finalmente encontraremos o sentido para o qual fomos criados.

⁵⁶ PASCAL, 2002, p. 17.

⁵⁷ AQUINO, 2003, p. 87.

⁵⁸ AQUINO, 2003, p. 88.

⁵⁹ AQUINO, 2003, p. 99.

⁶⁰ AQUINO, 1996, p. 419.

⁶¹ AQUINO, 1996, p. 420.

⁶² Edwards apud Piper, 2008, p. 137.

⁶³ AQUINO, 1996, p. 422.

⁶⁴ AQUINO, 1996, p. 436.

⁶⁵ Edwards apud Piper, 2008, p. 139.

⁶⁶ COLLINS, 2007, p. 81.

⁶⁷ COLLINS, 2007, p. 80.

⁶⁸ COLLINS, 2007, p. 81.

⁶⁹ COLLINS, 2007, p. 82.

⁷⁰ COLLINS, 2007, p. 82.

⁷¹ LEWIS, 2005, p. 77.

SEÇÃO V
DESFUTANDO DO SENTIDO E DA
FELICIDADE EM DEUS

CAPÍTULO 15

Caindo na real: só temos uma chance

Entendemos até aqui que a sensação de falta que lateja no peito do ser humano faz com que ele procure um sentido em sua existência. Alguns pensadores nos ajudaram a ver que, na busca desse sentido, a humanidade procura experimentar a felicidade em tudo o que faz, mas a felicidade disponível para os homens aqui nesta vida não passa de uma ilusão ou de alguns poucos momentos felizes. Vimos que a fome por sentido e por felicidade no coração humano não pode ser satisfeita por ilusões e por poucos momentos felizes, uma vez que tanto a ilusão quanto os momentos felizes pressionam os homens a continuar procurando pela completude em um círculo vicioso que apenas troca de objeto de desejo, mas nunca consegue saciar a alma de forma completa.

Dentro desse contexto, percebemos que, se temos fome e sentimos necessidade de um sentido e de uma felicidade capazes de saciar verdadeiramente nossa alma, é porque eles existem, e se existem e os temos procurado por toda a vida sem êxito é porque, provavelmente, estamos procurando no lugar errado. Então, se queremos encontrar algo duradouro como é o sentido de vida e a felicidade que procuramos, jamais teremos êxito em achá-los em um mundo finito como o nosso ou em seres efêmeros como todos nós somos, mas só poderemos encontrá-los em algo que seja tão duradouro e absoluto como aquilo que procuramos.

Nossa resposta não poderia estar em outro lugar senão naquele que criou tudo o que existe, em quem não há a menor sombra de variação ou finitude e, sendo Ele a primeira causa e fim último de tudo o que há, todo o nosso sentido de existência só pode estar Nele, já que tudo foi criado por Ele e para cumprir um propósito Seu. Percebemos, assim, que nos perdemos desse sentido quando nos perdemos do relacionamento com Ele e que esse

relacionamento é imprescindível para que tenhamos um real sentido de existência e é o único meio capaz de nos trazer felicidade e completude.

Um primeiro passo no sentido do resgate desse relacionamento com o nosso Criador foi dado quando descobrimos que não existe sentido de vida à parte dessa relação e que tudo o que fazemos que foge do propósito para o qual fomos criados acaba se tornando desperdício de vida e energia. Se entendemos que a restauração do nosso sentido de vida e da nossa real felicidade depende do resgate desse relacionamento, precisamos nos aprofundar no entendimento de como isso pode acontecer. Para isso, precisaremos voltar à história do rei bondoso, pois ela pode nos revelar um grande segredo para que essa restauração seja possível e possamos, finalmente, desfrutar do sentido de vida e da felicidade preparados para nós em Deus.

Vamos lembrar um pouco da história. Um povo se perdeu do relacionamento que tinham com seu rei bondoso quando resolveram deixar seu reino em busca de uma ilusão que lhes foi prometida. Quando perceberam que haviam sido enganados e que a causa de terem partido foi sua própria ambição, já não podiam mais voltar, uma vez que aqueles que procuravam fazê-lo ou morriam tentando ou voltavam frustrados por saber que era impossível encontrar seu antigo lar sem conhecer o caminho. Quando a certeza de que não mais voltariam ao reino do rei bondoso estava arraigada em seus corações, acabaram se acostumando com seu novo lar de forma que a distância de seu amado rei, a má influência de seu algoz e o tempo se encarregaram de torná-los irreconhecíveis — agora eram pessoas fúteis e arrogantes que só tinham atenção para si mesmas.

O tempo passou e o que restou daquele maravilhoso reino para o povo foram apenas as histórias contadas de pais para filhos. Se por um lado eles viviam suas vidas completamente alienados dos princípios e da realidade do seu antigo lar, por outro o príncipe herdeiro daquele bondoso rei assume o

trono e tem em mente a incumbência que seu pai lhe deixou: procurar pelo povo e lhes oferecer a anistia e um retorno seguro ao lar. O príncipe não descansa e os procura por todas as terras até que, finalmente, os encontra. Seu exército, em muito superior ao de seu inimigo, não tem problemas para mostrar autoridade e abre caminho para que o príncipe se pronuncie àquele povo. O herdeiro do trono faz saber a todos que eles terão anistia e poderão voltar ao lar se tão somente deixarem tudo para trás e o seguirem. Como era de se esperar, a grande maioria rejeita o convite, ou porque já estava acostumada com aquele jeito de viver ou porque não acreditavam que o príncipe era de fato quem dizia ser, afinal só lhes interessava prosperar e enriquecer naquela terra. Apenas alguns, em quem restava uma fagulha de esperança e puderam ver no príncipe sua única chance de redenção, se renderam à oferta e voltaram com seu novo soberano — o príncipe herdeiro do rei bondoso.

Em algumas páginas atrás, usamos parte da história para explicar como o senso de sentido e felicidade acabou sendo distorcido pela humanidade. Se conseguíamos encontrar felicidade e sentido no relacionamento com o Criador, a partir do momento em que nos afastamos Dele para ir atrás de uma ilusão, fomos perdendo a noção do que realmente nos faz feliz. Se na história a ilusão perseguida pelo povo era a de viver em um lugar ainda melhor do que aquele que eles viviam, no nosso caso a ilusão foi a de que podíamos governar nossa própria vida de forma que não precisássemos mais de Deus — pensávamos que podíamos ser autossuficientes. Nos dois casos houve o sacrifício da relação — o povo deixou seu relacionamento com o rei em troca da ilusão de uma terra melhor e nós deixamos nosso relacionamento com Deus em troca da ilusão da autossuficiência. Quando perdemos a relação íntima com o nosso Criador, um vazio terrível se abriu dentro de nós e por isso tentamos preenchê-lo com muitos objetos de desejo, mas nenhum deles pode ocupar o lugar desse relacionamento, uma vez que fomos criados para desfrutar dele.

Depois dessa inestimável perda, os seres humanos acostumaram-se a ignorar o fato de que precisavam de Deus para encontrar algum sentido na vida e sua real felicidade e, desde então, têm vivido uma vida alienada do seu Criador, vida essa cuja característica mais evidente é o egocentrismo. Como já frisamos todas as más qualidades — arrogância, orgulho, rebeldia, mentira, maldade, injustiça — que podemos enxergar na humanidade, de uma forma geral, e em cada um de nós, individualmente, é consequência dessa distância que ficamos do nosso Criador. Tal qual aquele povo, viemos parar em um lugar árido e de difícil plantio: buscando colher significado e felicidade em tudo o que fazemos, não conseguimos mais do que poucos momentos felizes, uma pálida noção do que queremos fazer com as nossas vidas e um tatear no escuro quando tentamos explicar a existência. Mas nem tudo é notícia ruim. Assim como o rei bondoso não deixou o assunto de lado, nosso Criador não nos deixou permanecer nessa condição sem fazer algo a respeito, pois, da mesma maneira que aquele rei amava o seu povo, nosso Criador nunca deixou de nos amar, mesmo que tenhamos, como raça, abandonado o relacionamento com Ele. A respeito dessa boa nova é que podemos compreender o final da história.

Precisamos entender que, a exemplo daquele povo, não temos condições de, por nossa própria decisão, resgatar o relacionamento com nosso Criador. Da mesma forma que eles, não sabemos o caminho de volta, e nossa mente e coração ficaram completamente obscurecidos a respeito de quem Ele é e de que nossa real felicidade e sentido estão Nele somente. Se o resgate desse relacionamento é crucial para que haja uma restauração do nosso sentido de vida, só há uma maneira de isso acontecer, e certamente não pode partir de um povo de mente obscurecida e que perdeu completamente o sentido de sua existência.

CAPÍTULO 16

A demonstração do amor de Deus

Pense em uma operação de resgate. Qual é a possibilidade de que alguém que tenha caído em um buraco de 5 metros de profundidade possa salvar-se a si mesmo? O que lhe resta é apenas gritar por socorro e esperar que alguém que esteja passando o ouça e acione o resgate que terá equipamento e condições de retirá-lo de lá. A condição da humanidade é parecida, mas com a diferença de que a maioria não percebe que está em um buraco e que precisa de socorro. Meu desejo é que você já tenha percebido essa realidade e enxergado que nossa única chance de resgate está nas mãos do Criador.

Vimos que reaver o relacionamento com Ele é ter o privilégio de conhecer quem Ele é, descobrir Seu propósito para nós e o caminho preparado por Ele para que possamos chegar a esse propósito. Nada disso é possível sem que nossa relação seja restaurada, e essa restauração não pode acontecer a não ser que Ele faça alguma coisa, uma vez que não estamos em condições de reavê-la por nós mesmos. O fim da nossa história revela exatamente o que o nosso Criador fez a respeito da nossa condição e como Ele demonstrou o Seu amor. Antes de prosseguir com a explicação de como essa figura se aplica ao resgate da humanidade, preciso admitir que essa parte final da nossa jornada se torna mais um compartilhar da minha experiência acerca de como encontrei o sentido de vida em Deus do que um debate sobre o assunto. Aliás, um compartilhar não apenas da minha, mas de tantos outros. Porém, não é assim que vamos construindo nossos saberes? Estudamos, debatemos e nos inspiramos nas experiências de outras pessoas para decidir no que vamos acreditar e como vamos levar nossas vidas.

Alguns que tenham um senso de interpretação mais aguçado e são mais experimentados na arte de ler nas entrelinhas já perceberam que a história

do rei bondoso e, mais especificamente, seu final nada mais são do que uma forma de entender a fé bem característica de um determinado grupo de pessoas. Essas pessoas são conhecidas por acreditarem que Deus, após o rompimento da relação com a humanidade, preparou em amor uma maneira para que isso não permanecesse assim. Mesmo que ninguém pudesse forçá-Lo a fazer algo a respeito, Sua própria essência — o amor — se manifestou de forma tão grandiosa, que O moveu a prover para nós um caminho de volta.

Essas pessoas acreditam que Deus deixou sinais ao longo da nossa história evidenciando que Ele mandaria alguém para nos resgatar. Alguns enxergam esse resgatador como um grande mestre. Outros O enxergam como uma pessoa iluminada. Outros apenas como um lunático. Mas esse grupo de quem falamos O enxerga como o próprio filho de Deus, único capaz de resolver nosso problema de relacionamento com o Criador. Acho que você já sabe a quem me refiro. Essas pessoas são os cristãos, e o resgatador em quem depositam toda a sua esperança de salvação é Jesus Cristo — o filho de Deus.

Posso até ver alguns narizes torcidos após a última declaração — “Pronto, agora vai virar um debate religioso!”. Minha intenção não é, de maneira alguma, debater religião. Como vimos, a maioria delas se tornou um sistema de ensino rígido que fomenta no coração humano o desejo de barganhar com Deus a fim de obter alguma recompensa egoísta. Dizer que a experiência de encontro com o sentido de vida que tive foi meramente religiosa seria minimizá-la sobremaneira. Seria o mesmo que dizer: “A religião me levou ao entendimento do meu sentido de vida”, mas não foi o que aconteceu. Quando me vi sem entender a minha razão de existência e percebi que a escuridão a respeito do meu propósito de vida era tão densa, que drenava toda a minha esperança e alegria, o sistema religioso não foi capaz de me iluminar os passos e o coração. Não foram regras religiosas e um conhecimento profundo dos ritos que me devolveram o sentido de vida,

mas a ação do próprio Criador, que, através do Seu grande amor, me cativou e me resgatou da escuridão — foi assim que me tornei cristão.

Com “me tornei cristão”, quero dizer que vivi uma experiência de resgate que aconteceu quando o amor de Deus que se manifestou em Jesus Cristo me tirou do buraco que é a condição humana — lugar onde nada se pode fazer, a não ser gritar por socorro. Isso é muito mais do que pertencer ao cristianismo entendido como sistema religioso. É uma experiência genuína e transformadora de vida. Ninguém pode ser o mesmo depois de um encontro desses.

É importante você entender a diferença entre o cristão que viveu uma experiência de resgate através de Cristo e o cristão que apenas aderiu a um sistema religioso, porque apenas um deles pode te contar como encontrou o caminho de volta. Faço questão de frisar esse ponto, porque existe um tipo de cristianismo que distorceu os ensinamentos de Cristo, tornando-os ritos religiosos na intenção de fazer seus fiéis entenderem que é possível barganhar com Deus se esses ritos forem meticulosamente praticados. De repente, o nome que deveria representar a inigualável regeneração do homem em Cristo — cristianismo — se tornou um sinônimo para “sistema rígido de regras” e “manipulação das massas”. Como já afirmei, essa prática religiosa não passa de uma tentativa ilusória de colocar o homem no centro da existência e busca usar a divindade para o cumprimento dos seus desejos ególatras. O cristão que teve uma real experiência de resgate nem sequer pode conceber uma coisa dessas. Ele sente que, se Deus não o tivesse resgatado, como o fez através de Seu Filho, a vida continuaria sem sentido e vazia, já que, sem Cristo, permaneceria alienado do relacionamento com o Criador para o qual foi criado e em quem encontra sua real felicidade.

Por que, então, nós vemos em Cristo nossa única chance de resgate do relacionamento com Deus? Vamos ver uma sequência de fatos que tornam evidente a necessidade que temos de um resgatador.

A insurreição

Vamos entender melhor alguns pontos da história do rei bondoso. Quando aquele povo deixou seu soberano por uma ilusão, vimos que, *sem que o rei soubesse*, se reuniram e decidiram ir embora pensando encontrar em outro lugar uma felicidade maior do que aquela que eles tinham. Saíram de lá na calada da noite, fugidos, sem comunicar seu rei. O que isso quer dizer? Por que não sentaram com seu monarca e discutiram a situação, já que as portas da sala real nunca estavam fechadas para o povo? Eles não fizeram isso porque sabiam que o rei os amava e desaprovava tal decisão. Enxergando-se agora mais sábios do que o próprio rei, decidiram virar as costas para ele e tomar um outro rumo. Em qualquer reino que você conheça, que nome receberia uma atitude como essa? Insurreição. Portanto, o povo de nossa história se voltou contra seu rei para tomar as rédeas da própria vida, mesmo podendo desfrutar de todas as suas terras e de um relacionamento íntimo com ele. Como você acha que toda a realeza enxergaria, agora, aquele povo? Inimigos do rei. O fato de o rei ter pranteado a partida do seu povo, já que os amava, não torna o ato deles menos grave.

Nós vemos o rompimento da humanidade com seu Criador da mesma forma. A partir do momento em que o ser humano se enxergou mais sábio do que o próprio Deus a ponto de poder se comportar como soberano de sua própria existência, ele virou as costas para o seu Criador em um ato de insurreição e foi buscar, a partir de seu próprio entendimento, o que é melhor para si. As consequências desse ato, assim como aconteceu com o povo da história, não poderiam ser mais catastróficas para a humanidade. Perdemos tudo, e isso inclui nosso sentido de vida, nossa felicidade e o principal: nosso relacionamento com o Criador. No princípio, quando, como raça, voltamos as costas contra Ele, ferimos Seu coração e, mais do que isso, Sua autoridade soberana. Enquanto todo o universo criado estava em harmonia com a vontade daquele que o criou, o homem se volta contra

essa vontade e passa a ficar em desarmonia com ele. Esse comportamento ficou impregnado nas gerações que se seguiram de forma que o homem não sabe fazer outra coisa senão ir contra a vontade daquele que o criou e o fez para si. Não é difícil perceber isso quando se liga a televisão depois de um dia cansativo de trabalho para ouvir o noticiário. É inacreditável a capacidade que temos para fazer o mal.

A justiça de Deus

Os atributos usados para descrever o rei de nossa história também podem e devem ser enxergados no nosso Criador — amor, bondade, justiça e misericórdia. De todos esses, um coloca a humanidade em uma situação muito difícil diante de Deus. Você consegue enxergar qual? Quando falamos em amor, não é difícil levantarmos as mãos para os céus e clamarmos por amor. Todos os que procuram por um Deus desejam ver amor em Seus olhos, e essa, de fato, não só é uma característica marcante do nosso Criador, como também é a Sua própria essência. Seu amor nos atrai para Si, portanto não nos coloca em uma situação difícil. Quando falamos em bondade, não há quem não queira receber de alguém um ato bondoso. Se esperamos das pessoas que sejam assim, quanto mais de Deus, e Ele, certamente, é o único ser capaz de praticar a bondade em toda a sua plenitude, já que é a própria definição do que é o bem. Sua bondade nos traz para Si, sendo assim não nos coloca em uma situação difícil. Quando falamos em misericórdia, não há dificuldades em desejá-la, uma vez que, se todos estamos passíveis de cometer erros, o mínimo que se espera é que haja a possibilidade do perdão. Se a esperamos das pessoas, quanto mais de Deus, e Ele, sem dúvida, é rico em perdoar. Sua misericórdia nos chama de volta para Si, logo não nos coloca em uma situação difícil, pelo contrário. E quanto à justiça? Esperamos justiça das pessoas. Esperamos justiça do sistema. Não podemos suportar que um juiz perdoe um assassino em série. Não podemos conceber o holocausto. Não conseguimos aceitar a desigualdade social que grita em

vários países africanos e no sertão nordestino. Sem dúvida, resta em nós alguma sombra mínima daquilo que reflete a justiça perfeita de Deus. Não fosse assim, poderíamos entregar de uma vez o mundo ao caos, já que tudo seria resultado de mera interpretação relativista. Esperamos justiça divina quando alguém nos faz o mal, e sabemos que a justiça humana vai tardar ou não vai acontecer.

O nosso problema com esse atributo de Deus é que essa característica, ao contrário das outras, não nos atrai para Si, antes nos repele. Você consegue perceber o porquê? Entendemos até aqui que nossa atitude deliberada nos levou para longe do nosso Criador, mas essa atitude, mesmo que a princípio possa não parecer, nos coloca diariamente em oposição ao nosso soberano. Esse afastamento nos deixou completamente irreconhecíveis ao nos compararmos com aquilo que deveríamos ser quando fomos criados. Longe Dele, temos a capacidade, e mais, o prazer, em fazer o que é mal. Não percebemos que, da mesma forma que nos sentimos injustiçados quando alguém pratica o mal contra nós, cometemos a mesma injustiça contra Deus ao vivermos uma vida completamente alienada Dele, dos Seus princípios, do Seu plano e da Sua vontade. Sei que é difícil perceber isso, porque aprendemos a ver tudo do nosso ponto de vista e de forma egocêntrica. Estamos completamente alienados do ponto de vista de Deus a esse respeito. Não se esqueça de que, quando nos afastamos do nosso Criador, perdemos a noção exata daquilo que é verdadeiramente bom e decidimos estabelecer para nós um novo parâmetro de bondade e justiça. Nem preciso te lembrar no que deu.

Assim, se clamarmos por Sua justiça, o que acha que deveríamos receber? Como um soberano rei deveria se comportar diante de um povo tomado pela insurreição e visto por toda a realeza como inimigos do Rei? Devo confessar que essa foi uma das descobertas mais difíceis que tive de fazer, porém uma das mais libertadoras. Sabe por quê? Devemos entender o desejo que temos — de sermos nossos próprios deuses — como uma

poderosa infecção capaz de destruir todo o nosso corpo. Quanto antes tomarmos ciência dela, maior será a nossa possibilidade de cura. A verdadeira libertação vem de percebermos que estamos seriamente doentes e buscarmos a cura. A sensação de falta ou a infelicidade que talvez tenham feito você parar e ler este livro são apenas um sintoma que mostra descaradamente que essa infecção está pronta para te derrubar de vez. Um escritor cristão chamado Paul Washer usa uma figura de linguagem muito interessante a esse respeito para mostrar a importância de percebermos o buraco em que fomos parar: *“Você não pode ver a beleza das estrelas no céu do meio dia porque a luz do sol as ofusca. Entretanto, após o por do sol, quando o céu se torna escuro como breu, você pode ver as estrelas no pleno vigor do seu esplendor”*⁷². Vamos conseguir enxergar claramente e perceber a intensidade do brilho do amor e da misericórdia de Deus quando nos resgatou através de Seu Filho, se antes pudermos enxergar a profunda escuridão que estamos sem esse resgate. Esse entendimento é um remédio amargo, mas curador, capaz de sarar nossa infecção.

A substituição

Assim, recebemos o amor, a bondade, a misericórdia e a justiça de Deus sobre nós porque são atributos de Sua natureza, dos quais, obviamente, não poderia abrir mão, já que fazem parte do que Ele é. Se Sua justiça exige que Ele não deixe passar em branco nossos atos, como então Ele pode nos chamar de volta ao relacionamento com Ele e nos restaurar o sentido de vida e a verdadeira felicidade? É aí que, finalmente, entendemos como Seu Filho entra na história.

Na nossa história, o filho do rei recebeu a incumbência de procurar aquele povo e trazê-los de volta oferecendo-lhes o perdão. A revelação que tem revolucionado a vida de cada cristão é que Jesus aparece na história humana como esse filho enviado por Deus para nos levar de volta ao relacionamento com Ele e nos oferecer o perdão. Só que a maneira como o

Filho de Deus oferece o perdão à humanidade é muito mais profunda na realidade do que foi na história que contamos. Isso porque não há possibilidade de voltarmos sem que a nossa relação com o Criador seja apaziguada. Se isso não acontecer de alguma forma, permanecemos na condição de inimizade e merecedores da justiça divina sobre nós.

Os cristãos exaltam o fato de que Cristo morreu pela humanidade porque essa morte é capaz de apaziguar a relação de Deus com o homem e fazer por Ele aquilo que seria incapaz de fazer por si mesmo. Quando Jesus entrega a Sua vida por nós, Ele recebe em Si a condenação que deveria ser nossa por causa da insurreição. Muitos podem se perguntar neste ponto: “Se Deus quer perdoar, por que não deixa tudo isso pra lá? E o que tem a ver um inocente morrer pelos culpados?”. Lewis pode nos ajudar mais uma vez nesta questão:

Se pensarmos o castigo na acepção policial e judicial da palavra, isso não tem sentido nenhum. Por outro lado, se pensarmos numa dívida, é muito natural que uma pessoa, possuindo bens, salde os compromissos daquela que não os possui. Ou se tomarmos a expressão “cumprir a pena” não no sentido de ser punido, mas sim no de “aguentar as consequências” e “pagar a conta” — ora todos sabem que, quando uma pessoa cai num buraco, o problema de tirá-la de lá recai sobre os ombros de um bom amigo.²³

Não é difícil entender por que é impossível deixar essa questão de lado. Se Deus assim o fizesse, de forma alguma poderia ser considerado um Deus justo. Imagine que você tenha ido viajar e depois de uma semana chega em casa e toma um susto: invadiram sua casa e levaram tudo. Aquela TV caríssima que você levou cinco anos para pagar... aquela máquina de lavar que ainda tem prestações em aberto... notebook... tablet... Você faz um boletim de ocorrência e espera um milagre. Meses depois, você é comunicado que o ladrão foi achado e que foi liberado em audiência — o juiz perdoou a sua dívida, não exigindo nem que ele ressarcisse os bens. Como você se sentiria? O que você pensaria daquele juiz? E se, na calada da noite, alguém entrasse em sua casa e assassinasse algum familiar seu e, sendo preso e julgado, fosse liberado pelo juiz? A única palavra que viria à

sua mente seria: INJUSTIÇA! Você entende por que Deus, sendo justo, não pode simplesmente deixar para lá cada ato de maldade e insurreição? Seria como negar-se a Si mesmo, e isso não é possível.

Diante disso, o Criador precisava encontrar um meio de não ferir a Sua justiça e, ainda assim, nos dar a possibilidade de voltar para os Seus braços — Ele propõe uma substituição. Entendemos que Cristo, quando morre por nós naquela cruz, recebe em Si mesmo a justiça divina e paga nossa dívida. Como Lewis bem colocou, Ele “aguenta as consequências em nosso lugar” e “paga a conta”, uma vez que nenhum homem tem a capacidade de aguentar essa justiça sobre si e viver para contar a história. “Espera aí, se nenhum homem tem capacidade para carregar sobre si essa condenação, por que Jesus tem? Ele não foi um homem?” A resposta para essa pergunta nos revela a profundidade do amor de Deus em Cristo. Quando olhamos para Cristo, não vemos um homem qualquer que foi muito sábio ou um grande mestre iluminado, vemos o próprio Deus em carne. Se Ele é o filho de Deus, só pode ter a mesma natureza que Deus tem — a natureza divina —, assim como o filho de um ser humano tem a mesma natureza de seu pai — a natureza humana. Enxergamos Nele o próprio Deus, que, mergulhando na história dos homens, se fez homem e veio na pessoa de Seu Filho para nos resgatar do buraco em que nos enfiámos. Muitos não conseguem conceber que um ser divino possa se “misturar” a seres inferiores e falhos como nós, mas, para os cristãos, conceber e receber essa verdade implica olhar nos olhos de Deus e ser absorvido por um oceano de amor. Como não compartilhar essa descoberta? A revelação que temos desse grandioso ato nos deixa completamente estarecidos de gratidão. “Como um Deus perfeito e suficiente em Si mesmo se dá dessa forma a pessoas que O desprezaram e viraram as costas para Ele?” É uma bela demonstração de amor, não acha? O pagamento dessa dívida por Cristo, na concepção de que Ele é homem, mas também é Deus, faz todo o sentido, afinal qual seria o único ser capaz de suportar a justiça divina e sobreviver para contar a história? O próprio Deus.

Trocando em miúdos, significa dizer que Deus nos olhou, viu o grande buraco em que nos metemos e disse: “Eu mesmo vou lá, vou tirá-los do buraco, colocá-los em meus ombros e os trazer de volta”. Assim, em Cristo somos capazes de nos relacionar com Deus novamente, e essa maravilhosa verdade nos traz novas realidades, e uma delas é o restabelecimento do nosso sentido de vida.

²² WASHER, 2013, p. 90.

²³ LEWIS, 2005, p. 25.

CAPÍTULO 17

Testemunhas de um resgate Parte 1 – Mártires

Talvez você já tenha percebido que uma das coisas que mais gosto de fazer é viajar. Imagine que estamos conversando sobre lugares maravilhosos para se conhecer e começamos a trocar dicas de viagens. Sem perder tempo e já pensando nas suas férias marcadas para o próximo mês, você me pergunta:

— Com tantos lugares para se visitar, que lugar você me indicaria para a próxima viagem?

— Cataratas do Iguaçu — respondo, enfático. — Sem dúvidas é um dos mais belos lugares para ir.

— É mesmo? Por quê?

— Lá é considerada uma das grandes maravilhas naturais do mundo e patrimônio da humanidade. É um lugar incrível, com incontáveis quedas-d'água e um cenário de tirar o fôlego!

— Que legal! E quando você foi lá? — você me pergunta, já empolgado com a ideia.

— Bom... na verdade... — digo, meio sem jeito. — Nunca... mas vi em sites de viagens e nas fotos que o lugar é um espetáculo!

É bem provável que, já meio desanimado, você pensasse: “Se eu quisesse informações assim, eu mesmo tinha entrado na *web*...”.

Talvez você reagisse de outra forma se minha resposta fosse a seguinte:

— Quando fui lá, no ano passado, minha experiência foi incrível! Primeiro, fizemos uma caminhada beirando a Foz. As primeiras quedas-d'água que você consegue ver são menores, mas, ainda assim, mais imponentes do que você poderia imaginar antes de conhecê-las. À medida que você vai

seguindo rumo à queda principal, elas vão aumentando em número e volume de água. O som das muitas águas que penetram seus ouvidos vai te proporcionando, a cada passo, um sentimento inigualável de paz e tranquilidade. A qualquer tempo você consegue enxergar as quedas argentinas se está do lado brasileiro e vice-versa, a cena é deslumbrante. Em alguns pontos você consegue chegar bem perto de penhascos que proporcionam uma visão da queda-d'água capaz de dar um “frio na barriga” de qualquer um. Mas, se você quiser sentir adrenalina de verdade, vai andar por um caminho beirando a famosa “garganta do diabo”, a queda-d'água mais impressionante das cataratas. Nela você tem a impressão de que, a qualquer hora, mesmo com toda a segurança do lugar, um fluxo de água pode te levar embora, principalmente se as cataratas estiverem em seus dias mais volumosos. A experiência é inesquecível!

É interessante como nós temos mais facilidade para validar a informação que alguém passa a respeito de algo quando essa pessoa realmente viveu uma experiência. Se queremos saber sobre o sabor de uma comida que desejamos provar, vamos procurar uma pessoa que realmente a provou, e não alguém que apenas ouviu falar a respeito. Obviamente, alguém que nunca experimentou um delicioso bolo prestígio poderá me descrever seu sabor. Quando queremos formar uma opinião ou ideia acerca de algo, um dos recursos mais usados por nós é recorrer ao testemunho de alguém. Essa prática parece estar entranhada em nós. Você pergunta, ouve o que a testemunha tem a dizer, elabora uma ideia a respeito e toma uma decisão. Esse comportamento é tão comum e válido na nossa sociedade, que, mesmo quando precisamos decidir uma questão judicial, uma das ferramentas mais importantes para um veredicto final é a acareação das testemunhas. O juiz e o júri ouvem o que elas têm a dizer, fazem um juízo acerca do que foi dito, para então tomar uma decisão.

Não é da mesma forma que vamos construindo todo o conhecimento da nossa civilização? A história humana é registrada a partir de relatos e

escritos de pessoas que viram os fatos acontecerem e compartilharam a informação com as gerações seguintes. Como você pode saber que realmente houve grandes guerras mundiais no século passado? Você esteve lá? Não, mas são incontáveis os registros históricos que validam essa informação, sem mencionar as pessoas ainda vivas que passaram por elas e podem testemunhar pessoalmente o que é viver um momento tão perturbador e sombrio como esse. O que dizer a respeito de tudo o que aprendemos na escola percorrendo a linha do tempo e encontrando as chamadas Idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea? Como sabemos de tudo isso? Cada cultura, guerra, revolução, avanço tecnológico e construção de reinos, povoados e cidades? Estivemos lá? Não. Sabemos porque testemunhas da história humana nos disseram em seus escritos e registros, os quais foram sendo perpetuados e validados a cada geração. Como essa informação passada e recebida de geração em geração ganha espaço dentro de você, vai depender da validade que você dá ao testemunho, mas no fim você decide se as informações, de alguma forma, irão compor algum tipo de parâmetro para as suas decisões.

Não foi de outra forma que as boas novas do resgate operado pelo Filho chegaram até nós. Através dos históricos escritos bíblicos, ficamos sabendo que a situação difícil da humanidade não permaneceria assim. Primeiramente, os relatos deixados por algumas pessoas que viveram antes de Cristo nos deram indícios de que Deus nos mandaria alguém que pudesse resolver o sério problema de relacionamento que criamos com o Criador, quando deliberadamente nos afastamos Dele. O nascimento, a vida, a morte e a ressurreição do Filho de Deus foram registrados por Seus discípulos (não só por eles) e atestam, para quem quiser saber, a veracidade e a seriedade de que um resgate aconteceu quando Cristo entregou Sua vida à morte e, recebendo uma condenação que deveria recair sobre nós, a reassumiu, cumprindo tudo o que foi dito por aqueles que prenunciavam a Sua vinda.

De onde os discípulos de Cristo tiraram a ideia de que Sua grande missão aqui era promover o resgate da humanidade? Ele mesmo disse isso: “*como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*”⁷⁴ — declaração registrada por Mateus e Marcos. Em Seus anos aqui na terra, Jesus proclamou essa verdade e ensinou os caminhos de Seu Pai a quem quisesse aprender. As reações a essa mensagem foram e ainda são variadas. Muitos creram Nele. Outros se ofenderam ferozmente. Outros apenas O consideraram um louco qualquer que realmente acreditava ser o que dizia ser. O fato é que algo intrigante fez com que a mensagem de Cristo e Sua cruz — o resgate da humanidade — conseguissem suportar a pressão do tempo e rasgassem os séculos que se seguiram até chegar a nós: o testemunho. Como saber se Jesus realmente cumpre na vida das pessoas a missão de resgate que veio operar? Perguntando a elas. Se perguntarmos aos discípulos que viveram diretamente com Cristo, vamos começar a entender como essa verdade se realizou na prática da vida deles e como eles foram transformados por ela. Veja o que Pedro compartilha com os judeus, logo após a ressurreição de Cristo:

Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem. Este homem lhes foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse. ⁷⁵Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato.⁷⁶

Agora, palavras de Pedro e João, já sofrendo ameaças por causa da mensagem que levavam, quando questionados pelos judeus:

Este Jesus é “a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular”. Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos. ⁷⁷Julguem os senhores mesmos se é justo aos olhos de Deus obedecer aos senhores e não a Deus. Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos.⁷⁸

Palavras de João, acerca de Cristo, em sua carta dirigida a outros discípulos:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam — isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada.⁷⁹

A que mais me impressiona é a história de Paulo. Você sabia que este, hoje considerado um dos mais dedicados discípulos de Cristo, foi um perseguidor da mensagem cristã? Antes de tornar-se cristão, Paulo era um fervoroso participante da religião judaica, que reprovava com grande fúria os atos de Jesus e Seus ensinamentos. Ele não conseguia enxergar em Jesus ninguém além de um grande blasfemo que tentava destruir sua religião, e por isso passou a perseguir todos aqueles que difundissem a mensagem do resgate. Mal sabia ele que se tornaria também uma testemunha do mesmo resgate que antes repudiava. Mas nada melhor do que uma boa experiência para mudar radicalmente a opinião do mais cético dos homens. Veja o que ele diz, quando questionado pelo rei romano:

Eu também estava convencido de que deveria fazer todo o possível para me opor ao nome de Jesus, o Nazareno. E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos sacerdotes lancei muitos santos na prisão, e quando eles eram condenados à morte eu dava o meu voto contra eles.⁸⁰ Numa dessas viagens eu estava indo para Damasco, com autorização e permissão dos chefes dos sacerdotes. Por volta do meio-dia, ó rei, estando eu a caminho, vi uma luz do céu, mais resplandecente que o sol, brilhando ao meu redor e ao redor dos que iam comigo. Todos caímos por terra. Então ouvi uma voz que me dizia em aramaico: “Saulo, Saulo, por que você está me perseguindo? Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!”. Então perguntei: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: “Sou Jesus, a quem você está perseguindo”.⁸¹

Paulo continua contando ao rei como, depois da experiência em Damasco, começa a disseminar a mesma mensagem passando de perseguidor a perseguido, e prossegue:

Mas tenho contado com a ajuda de Deus até o dia de hoje, e, por este motivo, estou aqui e dou testemunho tanto a gente simples como a gente importante. Não estou dizendo nada além do que os profetas e Moisés disseram que haveria de acontecer: que o Cristo haveria de sofrer e, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, proclamaria luz para o seu próprio povo e para os gentios.⁸²

Não me impressiona apenas o fato de que um perseguidor ferrenho dessa mensagem passe a ser perseguido por causa dela, mas, principalmente, a disposição ao sofrimento a que ele se submetia e a extrema importância que ele dava à sua experiência de resgate em Cristo. Sua vida, depois dessa experiência, exalava em tudo o que fazia uma resposta de amor ao Filho de Deus tão intensa, que fez com que ele passasse a considerar a missão de compartilhá-la com a humanidade muito mais importante do que sua própria vida:

“Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus.⁸³(...) Estou pronto não apenas para ser amarrado, mas também para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.⁸⁴”

O que poderia fazer com que alguém seja capaz de entregar sua vida por uma missão dessas? O que há de tão importante nessa mensagem que faz com que pessoas paguem um preço tão alto a fim de disseminá-la? Começamos a entender quando checamos o que esses discípulos diziam acerca do que Cristo fez por Suas próprias vidas:

- Pedro compartilha conosco como sentia a manifestação da misericórdia de Deus no fato de ter sido regenerado para uma nova vida através de Cristo:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês.⁸⁵

- João conta como conseguia sentir a manifestação do amor de Deus no fato de poder viver por meio de Cristo:

Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele.⁸⁶E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho.⁸⁷

- Paulo testemunha como sentiu o grande amor e a misericórdia de Deus através da vida que recebeu de Cristo:

Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.⁸⁸Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor

com que nos amou, deu-nos vida com Cristo.⁸⁹

Existem alguns pontos em comum nesses testemunhos. Os três nos contam como é a experiência do encontro com Cristo e os efeitos que ela traz. Se prestarmos atenção, veremos que o encontro que tiveram com Jesus trouxe a eles a certeza de que eram grandemente amados por Deus e a convicção de que essa experiência de amor foi derramada sobre eles em decorrência da imensa misericórdia do Criador. Não é difícil entender esse sentimento. Se um Deus que deveria se afastar de pessoas que O abandonaram envia Seu Filho para tê-las de volta, demonstrando, assim, Seu amor, fica claro que o amor derramado por Ele sobre essas pessoas decorre de um grande ato de misericórdia. Então, se fôssemos pedir a eles que resumissem o que sentiram de mais forte na experiência que tiveram quando foram resgatados, provavelmente diriam: “Amor e Misericórdia”. Ainda há uma impressionante verdade a respeito da manifestação do amor de Deus através de Cristo da qual falaremos mais tarde e que bombeia nos corações das pessoas que têm essa experiência de resgate um desejo ardente de contá-la a outras e que realça o que os discípulos chamaram de grande amor e misericórdia de Deus.

Em alguns filmes e livros, existem cenas e fatos que nos emocionam de forma irresistível. Muitos autores gostam de construir o *grand finale* de suas histórias escrevendo uma cena na qual uma pessoa se vê obrigada a escolher entre viver e entregar a sua própria vida para que alguém que ela ama possa continuar vivendo. Isso te é familiar? Não foram poucos os romances em que uma história assim aconteceu. Se te perguntassem o porquê de uma mãe entregar sua vida para que o filho viva, o que você responderia? O que você acha que faz com que um pai corra risco de morrer para proteger seus filhos? Ou o marido prefira dar a sua vida para preservar a vida da esposa? Por que uma mulher seria capaz de se entregar no lugar de seu amado? Apenas um amor colossal parece ser capaz de fazer com que alguém tenha uma atitude assim para com o próximo.

Ao vasculharmos as histórias de algumas pessoas que viveram intensamente a experiência de terem sido resgatadas por Cristo, vamos perceber uma assustadora disposição delas em entregar suas vidas para que a mensagem de que há um verdadeiro resgate acontecendo prossiga. Todas as vezes em que esses discípulos, sofrendo ameaças de morte, foram intimados a renunciarem a Cristo e à Sua mensagem, escolheram o martírio em vez de preservarem suas próprias vidas. Lembra-se de Pedro, João e Paulo? A tradição cristã nos mostra o preço que pagaram por não renunciarem a Cristo. Pedro, sendo condenado em Roma, foi crucificado de cabeça para baixo por se achar indigno de morrer exatamente como seu Senhor. Paulo, após anos trabalhando arduamente na disseminação da mensagem de Jesus, foi decapitado a mando de Nero. João, tendo sido lançado em um caldeirão de óleo fervente em Roma e saído ileso, foi desterrado para Ilha de Patmos⁹⁰.

A história conta que a grande maioria dos primeiros discípulos diretos de Cristo foi perseguida por defenderem a mensagem de boas novas e acabou sendo martirizada por não negarem aquele que os resgatou. Você pode pensar: “É natural que os primeiros discípulos defendam a mensagem do seu mestre com tanta paixão, já que Suas palavras e a convivência com Ele estavam frescas em suas memórias”. Entretanto, vemos que o martírio se tornou uma marca daqueles que foram resgatados por Cristo ao longo de toda a história. Nos primeiros séculos após a morte e a ressurreição de Jesus, constatamos que, diante da perseguição, a história que acabamos de ver se repetiu inúmeras vezes.

Segundo o “Livro dos Mártires”, de John Fox, o império romano não se poupou em inventar maneiras de castigar de forma cruel aqueles que não renunciassem seu amor a Jesus. No segundo século, sob a égide do imperador romano Trajano, temos a incrível história de Inácio de Antioquia. Inácio foi um líder cristão que tinha o costume de fortalecer os discípulos de Cristo que encontrava por onde passava. Seu serviço à mensagem do resgate

não passaria impune pelo Império. Diz-se que, tendo sido enviado da Síria para Roma por disseminar as novas de Cristo, teve como condenação ser lançado às feras. Todavia, por mais doloroso que o sofrimento por levar essa mensagem pudesse ser, Inácio deixa claro que esse sofrer não se compara com o fato de ter a Cristo:

Agora começo a ser um discípulo. Nada me importa das coisas visíveis ou invisíveis, para poder somente ganhar a Cristo. Que o fogo e a cruz, que manadas de bestas selvagens, que a ruptura dos ossos e a dilaceração de todo o corpo, e que toda a malícia do diabo venham sobre mim; assim seja, se só puder ganhar a Cristo Jesus!²¹

Ainda no século II, quando Roma estava sob o comando de Marco Aurélio, nos deparamos com a história de Policarpo de Esmirna. Sendo condenado por sua fé, sua sentença foi a fogueira. A tradição conta que, ao ser amarrado na estaca, o fogo ateadado não foi capaz de lhe queimar e por isso o tiveram que traspassar com uma espada. Apesar da terrível sentença, Policarpo nem sequer conseguiu blasfemar contra Cristo:

O pró-cônsul o pressionou, dizendo: “Jura, e dar-te-ei a liberdade: blasfema contra Cristo”. Policarpo respondeu-lhe: “Durante oitenta e seis anos tenho servido Ele, e nunca me fez mal algum: Como iria eu a blasfemar contra meu Rei, que me salvou?”²²

No século IV, sob as ordens do imperador Diocleciano, encontramos o martírio de Quirino de Siscia. Roma tentou convencer Quirino a renunciar a sua fé primeiramente lançando-o na masmorra acorrentado e depois fazendo com que carregasse correntes pelas ruas da cidade a fim de humilhá-lo diante das pessoas, mas nada disso pôde dissuadi-lo de sua posição. Então, diante da resistência, os romanos o sentenciaram a ser lançado no rio com uma pedra amarrada ao pescoço:

Ao executar-se esta sentença, Quirino flutuou durante certo tempo, exortando o povo nos termos mais piedosos, e concluindo suas admoestações com esta oração: “Não é nada novo para ti, oh, Todo Poderoso Jesus, deter os cursos dos rios, nem fazer que alguém caminhe sobre as águas, como fizeste com teu servo Pedro; o povo já tem visto uma prova de teu poder em mim; concede-me agora que dê minha vida por tua causa, oh, meu Deus”.²³

Você pensa que martírios assim aconteceram apenas nos primeiros séculos? A história conta que muitas foram as perseguições contra aqueles que anunciavam a genuína mensagem de Cristo. Não importa a época ou a

cultura, desde que Cristo se deu em nosso lugar nunca faltou testemunho acerca da nossa redenção. Mesmo que fosse necessário sacrificar o conforto, a segurança e a própria vida, pessoas pagavam esse preço para que a mensagem fosse proclamada a fim de que muitos pudessem saber a respeito dessa maravilhosa operação de resgate que o filho de Deus operou e ainda opera. Os testemunhos são tantos, que muitos livros poderiam ser escritos sobre o tema e ainda assim não poderiam dar conta de todos eles. Trouxe para vocês apenas alguns, para que não fique dúvida sobre a realidade do que pode ser vivido em Cristo. Para fechar essa exposição, quero compartilhar ainda o testemunho de dois discípulos de Cristo cujas experiências de vida demonstram uma impressionante resposta de amor ao Filho de Deus e à transformação realizada por Ele.

O primeiro é Richard Wurmbrand. Este cristão foi um ministro romeno que esteve sob tortura comunista por 14 anos nos tempos da Guerra Fria por levar a mensagem do resgate que há em Jesus. Em seu livro “Torturado por amor a Cristo”, ele conta como foram esses anos de intenso terror e indizíveis maravilhas. Parece contraditório? Pois é. A forte ambiguidade revelada no “sofrimento alegre” em seu testemunho nos deixa meio desorientados quando lemos. A perseguição à mensagem de Cristo em terras comunistas era implacável. Richard relata torturas tão perturbadoras, que seriam capazes de tirar o sono dos mais destemidos dos homens. Entretanto, a ênfase não está no sofrimento apenas, mas principalmente na incomparável alegria experimentada pelos perseguidos em decorrência do seu encontro com Cristo, ainda que essa experiência significasse uma felicidade indescritível por um lado e um sofrimento certo por outro.

Não são poucas as passagens nesse livro que revelam um profundo amor a Cristo, apesar das torturas sofridas. Quanto mais aqueles cristãos eram perseguidos por causa da mensagem e do testemunho, tanto mais a disseminavam e ficavam maravilhados com a manifestação do amor de Cristo sobre eles:

Muitas vezes, quando atormentados, sentíamos os tormentos, mas nos pareciam algo distantes e afastados do espírito que estava embevecido na Glória de Cristo e com Sua presença em nós.²⁴

É realmente impressionante que aquelas pessoas sob forte tortura pudessem, de alguma maneira, não apenas sentir um intenso amor de Cristo por elas, mas, inclusive, derramar sobre seus algozes o mesmo amor que recebiam. Em uma circunstância dessas, tudo o que se espera de alguém que esteja vivendo tão feroz castigo, tanto físico quanto mental, é que essa pessoa, naturalmente, passe a odiar seu carrasco. Não era o que acontecia. Aqueles cristãos, por mais que apanhassem, queriam compartilhar de Cristo com seus flageladores e oravam por eles. O próprio Richard nos conta que uma de suas intenções ao escrever o livro era divulgar o que estava acontecendo naqueles países a fim de que houvesse um movimento ainda maior por parte dos cristãos de todo o mundo no sentido de disseminar a mensagem do resgate para aquelas pessoas que os perseguiram. De alguma forma, o amor de Cristo cobria o sofrimento e transbordava aqueles corações:

Já vi nas prisões comunistas crenças com 25 quilos de correntes presas aos seus pés, flagelados com ferro em brasa, na garganta dos quais, várias colheres de sal eram colocadas, sendo deixados depois sem água, com fome, recebendo chicotadas, tiritantes, a orar com fervor pelos comunistas. Era isto humanamente inexplicável, senão que o amor de Cristo fora derramado naqueles corações.²⁵

Normalmente, pessoas que estão sofrendo por alguma razão, seja por doença, falta de dinheiro, depressão, estresse, só conseguem dar atenção aos seus sofrimentos, e é notável como é difícil para elas, em dias assim, olharem para as necessidades dos outros. Esses cristãos foram tomados pelo amor de Cristo de tal forma, que, diante de sofrimento tão agudo, ainda conseguiam se importar com aqueles que eram os causadores das suas dores. De fato, é um amor inexplicável. Aliás, é uma experiência inexplicável que só pode contar quem realmente se banhava no oceano de amor dispensado pelo filho de Deus. O que viveram foi algo tão indescritível, que, na ausência de

palavras para relatar, usavam metáforas para tentar retratar o que acontecia quando Cristo vinha a eles nos momentos mais duros:

Nas horas mais escuras de tormentos o Filho do Homem vinha a nós, fazendo as paredes da prisão brilhar como diamantes e enchendo as celas de esplendor.⁹⁶

A conclusão a que Richard chega e compartilha com seus leitores é que não existe nada que possa preencher o vazio humano senão o amor de Deus revelado em Cristo:

O coração humano, por sua própria natureza, busca a Deus. Existe um vácuo espiritual em cada pessoa, enquanto não é preenchido por Cristo.⁹⁷

Foi o fato de terem encontrado aquilo que realmente poderia preencher os buracos dos seus corações — a sensação de falta — que fazia com que tivessem condições de suportar sofrimentos humanamente insuportáveis enquanto uma alegria contagiante tomava conta de suas vidas.

Se cristãos corajosos sofreram no mundo comunista por amarem e propagarem as boas novas do resgate em Cristo, no mundo islâmico não foi e não é diferente. Infelizmente, não é difícil vermos notícias vindas do Oriente a respeito de cristãos sendo martirizados por não negarem a sua fé. Dentre essas histórias, temos o testemunho de uma aguerrida cristã chamada Helen Berhane. Dizer que ela passou por maus bocados em defesa de sua fé seria desrespeitar o que aconteceu com ela na Eritreia. No seu livro “Canção da Liberdade”, ela nos descreve como foram os dias que teve que passar trancafiada e sob castigo intenso em um container que era uma espécie de cadeia para aqueles que o governo considerava rebeldes. Tudo o que eles queriam é que Helen renunciasse sua fé em Cristo. Se fizesse isso, toda a dor, tortura e sofrimento acabariam. Mas Helen jamais considerou a hipótese de fazê-lo. A cada castigo, a guerreira se tornava mais forte em seu espírito ainda que seu corpo desfalecesse em muitas ocasiões. O mais impressionante é que toda essa situação se tornou para ela uma grande oportunidade de contar as boas novas do resgate.

Diariamente, Helen entregava cartas para os outros presos e conversava com tantos quanto podia para revelar o amor de Deus em Cristo. Em um dos vários momentos em que foi pressionada a assinar um documento renunciando a sua fé, a intrépida lutadora compartilha com seus leitores o que sentiu após se recusar a assinar mais uma vez: *“Eu sabia que, ao me recusar a assinar o documento, estava me condenando a permanecer presa por um longo tempo, talvez até a morte, mas não podia desistir do meu Deus”*⁹⁸.

Em meio a tanta dor, sua capacidade de perceber o amor de Deus permite que escreva uma oração na forma de canção que vale a pena transcrevermos:

Eu te amo; é por isso que sou atraída para mais perto de ti.
Sei que vale a pena seguir-te.
Eu estou pronta para ser presa e confiarei em ti até a morte.
Mesmo em um lugar fechado ou em um buraco, não me renderei aos espíritos malignos,
Mesmo que eu esteja amarrada, acorrentada ou passando frio,
Eu cantarei e não me cansarei de cantar. Não desistirei.
Meu coração queima com teu amor,
E meu coração declara que nunca deixarei de te respeitar e engrandecer.
Cantarei sem parar,
Cantarei uma melodia,
Minha alma se alegra em cantar para ti.⁹⁹

O que pensar de palavras e histórias assim? Para mim, fica claro que a resposta de amor dessas pessoas pelo resgate que viveram os fez entregar suas próprias vidas pela mensagem daquele que se entregou por elas em amor. Ação e reação. Um amor avassalador provoca uma resposta de amor avassaladora. Temos a clara impressão de que a vida para eles não faria mais sentido se não pudessem vivê-la para o propósito que o Filho de Deus tinha colocado em seus corações.

⁷⁴ Mateus 20:28 e Marcos 10:45.

⁷⁵ Atos 2:32.

⁷⁶ Atos 2:22-24.

⁷⁷ Atos 4:19-20.

⁷⁸ Atos 4:11-12.

⁷⁹ I João 1:1-2.

⁸⁰ Atos 26: 12-15.

⁸¹ Atos 26: 9-10.

⁸² Atos 26: 22-23.

⁸³ Atos 21:13.

⁸⁴ Atos 20: 24.

⁸⁵ I Pedro 1: 3-4.

⁸⁶ I João 5:11.

⁸⁷ I João 4:9.

⁸⁸ Efésios 2: 4-5.

⁸⁹ Romanos 5:8.

⁹⁰ FOX, 2008, p. 12-14

⁹¹ FOX, 2008, p. 17.

⁹² FOX, 2008, p. 18.

⁹³ FOX, 2008, p. 41.

⁹⁴ WURMBRAND, 1976, p. 27.

⁹⁵ WURMBRAND, 1976, p. 35.

⁹⁶ WURMBRAND, 1976, p. 44.

⁹⁷ WURMBRAND, 1976, p. 42.

⁹⁸ BERHANE; NEWRICK, 2011, p. 63.

⁹⁹ BERHANE; NEWRICK, 2011, p. 75.

CAPÍTULO 18

Testemunhas de um resgate Parte 2 – Pensadores

Já que temos tomado até aqui a impressão de muitos pensadores acerca dos mais variados temas relacionados ao sentido da vida, por que não vasculharmos se alguns deles têm algo a dizer a respeito dessa operação de resgate que nos restaura o relacionamento com Deus e nos devolve o propósito? Como será que a razão, essa faculdade tão evidente nessas pessoas, se comporta diante de uma experiência tão inexplicável?

Agostinho

Vamos começar com algumas declarações realmente impactantes de Agostinho. A busca por respostas é uma forte marca naqueles que, como Agostinho, desejam se aprofundar no sentido das coisas. Como vimos, esse filósofo chegou à conclusão de que a felicidade completa só poderia residir em algo que não fosse efêmero, portanto só Deus, que é o único impassível de mudança, poderia proporcionar tal condição. Sendo assim, como usufruir dessa felicidade que está no Criador? Ele responde o que encontrou nessa busca:

Buscava um meio que me desse força necessária para gozar de ti, e não a encontrei enquanto não me abracei ao Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que está sobre todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos.¹⁰⁰

Uma frase dessas proferida por um pensador deve parecer um tanto sem sentido, não acha? Isso porque ela tem elementos que dão muito mais ênfase a uma experiência do que a um raciocínio. Agostinho não disse: “Pensei muito a respeito de Cristo, e depois de muito calcular e raciocinar encontrei um meio de gozar a felicidade que há em Deus”, mas: “enquanto não me abracei ao Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, não consegui encontrar forças para gozar da felicidade em Deus”. Ele disse: “Abraça”, e não: “Pensei a respeito, raciocinei”. Quando você abraça alguém,

o que acontece? Se estamos falando de um abraço daqueles bem calorosos, sabemos que há uma troca impressionante de afeto. Pense em um amigo ou parente muito querido que não vê há muito tempo e você o encontra repentinamente. Qual é o primeiro desejo que você tem? Dar-lhe aquele abraço capaz de matar uma saudade há muito represada. Se por um lado um abraço expressa afeto, por outro pode expressar dependência. Imagine que você está prestes a cair em um buraco e se agarra a uma pessoa mais forte do que você a fim de se salvar. Você o abraça firmemente para não cair. Podemos entender o abraço de Agostinho em Cristo, o mediador, dessas duas maneiras. Fica claro que seu relacionamento com Deus se dava através de uma íntima e afetuosa experiência com Cristo, e não em uma teorização a respeito dele. Não há dúvidas de que Agostinho tinha vivido um resgate. Como ele se salvou? Abraçando-se ao Mediador entre Deus e os homens e que está acima de todas as coisas.

Sua experiência com Cristo está para além da compreensão. Imaginamos que, para um pensador, um dos bens mais preciosos que ele preza é o livre-arbítrio — liberdade de escolha e pensamento. Mas, quando um amor tão intenso e satisfatório como o de Cristo vem sobre alguém, nem mesmo um bem tão valioso consegue sobrepujá-lo:

Mas, onde esteve meu livre arbítrio durante tantos anos? De que profundo e misterioso abismo foi ele chamado num instante, para que eu inclinasse a cerviz a teu jugo suave e o ombro a teu leve fardo, ó Cristo Jesus, meu auxílio e redenção?¹⁰¹

Mais do que ver o seu coração incendiado por um desejo de abrir mão do próprio livre-arbítrio apenas para abraçar completamente ao seu “auxílio e redenção”, o filósofo vê uma inversão de valores muito interessante acontecer e que confirma nossa tese. Não vimos que os objetos finitos que se nos oferecem nesta terra não têm qualidade para satisfazer uma alma humana sedenta por um sentido mais completo de existência, já que foi criada para se satisfazer em Deus? Compare essa tese com a experiência de Agostinho a esse respeito:

Quão suave foi para mim a privação de doçuras fúteis! Temia então perdê-las, como agora sentia prazer em deixá-las! Porque tu se afastavas de mim, e entravas em seu lugar, mais doce que qualquer prazer, mas não para a carne e o sangue; mais claro que toda luz, mais oculto que qualquer segredo; mais sublime que todas as honras, mas não para os que exaltam a si mesmos. Minha alma já estava livre dos devoradores cuidados da ambição, do ganho, e do prurido dos apetites carnis; e falava muito comigo, ó Deus e Senhor meu, minha luz, minha riqueza, minha salvação!¹⁰²

O amor de Deus em Cristo inundou sua vida de tal forma, que já não temia perder os antigos objetos passageiros de felicidade, mas agora tinha prazer em deixá-los! Quando fazemos uma troca, procuramos deixar as coisas de menor valor por aquelas de maior valor, certo? Não pense que Agostinho estava deixando o que para ele tinha muito valor para estar com Cristo. Pelo contrário. O amor de Cristo havia subvertido seu coração e, agora, valia muito mais do que qualquer outro objeto. O prazer encontrado na intimidade com seu resgatador era tão grande, que ele tinha grande satisfação em deixar para trás todo o resto. Ele considerava que a felicidade ilusória e passageira proporcionada por todas as outras coisas — as doçuras fúteis — devorava a sua alma, mas, ao se abraçar a um tipo de prazer insuperável, já não podia mais ser consumido por elas. E por quê? Porque ele havia encontrado o único que podia lhe restaurar o sentido de vida e a felicidade. Se por um lado as doçuras fúteis não podiam mais distrair seu coração do amor de Deus em Cristo que agora cobria qualquer outro prazer que essas coisas podiam proporcionar, por outro podemos imaginar que a ausência delas também não podia mais roubar-lhe a alegria. Ou seja, se as doçuras fúteis não podiam mais derrubá-lo do prazer que há em Cristo, as *amarguras fúteis* também não! O amor de Deus em Cristo tem a capacidade de nos libertar tanto do prazer efêmero trazido pelos objetos de desejo que possuímos quanto do desprazer passageiro causado pela ausência deles. Não é uma boa notícia? Se encontramos em Cristo nosso maior prazer, nada pode nos roubar a alegria!

Agostinho sabia que a entrega do Filho de Deus por nosso resgate foi o fator que nos proporcionou uma qualidade de alegria que já não podia ser

tragada por circunstâncias tão triviais como as que enfrentamos diariamente. As ondas do amor de Deus revelado em Cristo tomavam-lhe os pensamentos e as palavras:

Como nos amaste, Pai bondoso! Não poupando teu Filho único, o entregaste por nós pecadores! Oh! Como nos amaste! Foi por amor a nós que teu Filho, que não considerava rapina o ser igual a ti, submeteu-se até a morte de cruz. Ele era o único livre entre os mortos, tendo o poder de dar sua vida e de novamente retomá-la.¹⁰³

Mais do que uma linha de pensamento elaborada e complexa, cheia de argumentações e convencimentos, o filósofo abre seu coração e nos conta que fora inundado pela manifestação irresistível do amor de alguém que não considerou sua perfeita condição, mas se deu a homens não merecedores de tal graça. Experimentar esse tipo de amor é insubstituível. Assim, Agostinho não consegue chegar à outra conclusão senão a de que só há um lugar de descanso para uma alma que, inquieta, deseja ardentemente o deleite:

Todavia, o homem, partícula de tua criação, deseja louvar-te. Tu mesmo que incitas ao deleite no teu louvor, porque nos fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso.¹⁰⁴

Pascal

O filósofo francês Blaise Pascal nos ajudou até aqui a entender que a raça humana está, invariavelmente, correndo atrás da felicidade, visto que há um vazio enorme em seu coração que só pode ser preenchido por Deus. Como será que o pensador resolveu esse vazio? Como foi sua experiência de resgate? Primeiramente, precisamos entender que o vazio que sentia e que atribuiu a toda humanidade o fez perceber que sem Deus sua alma estava em uma condição deplorável: “(...) e tudo o que nos importa conhecer é que somos miseráveis, corruptos, separados de Deus, mas religados por Jesus Cristo; e é disso que temos provas admiráveis sobre a terra”¹⁰⁵. Por que somos miseráveis? Por que somos corruptos? Porque estamos separados de Deus. A condição de miséria da alma humana é efeito imediato dessa separação. Você já ouviu alguém dizer a respeito de um morador de rua: “Coitado desse pobre e miserável!”? Por que essa pessoa é considerada por uma sociedade

baseada no valor monetário como alguém miserável? Porque não tem dinheiro, certo? O tipo de miséria a que Pascal se refere tem a ver com a carência de outro tipo de valor, incomparavelmente mais nobre e precioso do que o dinheiro: Deus — em quem reside toda a verdadeira vida e riqueza. Ele compartilha conosco que se sentia vazio, miserável e corrupto enquanto afastado de Deus porque tudo isso é consequência da ausência de Deus no homem, mas que, ao ser religado por Jesus Cristo, teve essa condição de miséria completamente transformada:

Sem Jesus Cristo, é preciso que o homem esteja no vício e na miséria; com Jesus Cristo, o homem fica isento de vício e de miséria. Nele estão toda a nossa virtude e toda a nossa felicidade; fora dele, só há vício, miséria, erros, trevas, desespero, e só vemos obscuridade e confusão na natureza de Deus e em nossa própria natureza.¹⁰⁶

Como você acha que o filósofo chegou a essa conclusão? O que o fez perceber que, à parte de Cristo, estamos completamente deformados e perdidos, ao passo que em Cristo encontramos toda a nossa virtude e felicidade? Vamos conseguir perceber claramente como esse processo se deu em seu coração através da próxima declaração:

O conhecimento de Deus sem o da nossa miséria faz o orgulho. O conhecimento da nossa miséria sem o de Jesus Cristo faz o desespero. Mas, o conhecimento de Jesus Cristo nos isenta não só do orgulho como do desespero, porque encontramos nele Deus, a nossa miséria e a via única de a reparar.¹⁰⁷

Primeiramente, percebemos que ele obteve um conhecimento de Deus capaz apenas de produzir orgulho em seu coração, até que ele conhecesse, ou melhor, reconhecesse sua condição de miséria. Não devemos ficar espantados com o fato de que o conhecimento de Deus o deixou orgulhoso. Não é comum vermos em nossos dias pessoas se encherem de orgulho e superioridade por terem alcançado determinado tipo de conhecimento? Pessoas que se especializaram em certas áreas — como um historiador em Egito Antigo ou um cientista em células-tronco — têm o costume de se gabar por deter um conhecimento que outros não têm. O alerta que o pensador faz é que, se alguém se torna um “especialista em Deus” sem que consiga perceber a condição miserável de sua alma, vai alcançar apenas o

orgulho e a prepotência. Isso acontece porque o conhecimento teórico de Deus não resolve o problema da alma vazia, apenas o disfarça. As pessoas podem até olhar para alguém que possua tal conhecimento e pensar que esta pessoa realmente conhece a Deus, mas o vazio permanecerá enquanto não se reconhecer pelo menos duas coisas: que o vazio está ali e que é a verdadeira causa da miséria da alma. Quando o especialista em Egito Antigo discorre sobre aquela civilização, pode apenas explicar teoricamente a respeito de como aquele povo viveu, o que comiam, quais eram suas relações de trabalho. Entretanto, jamais poderá afirmar que tudo o que conhece a respeito desse povo se deu porque ele mesmo esteve com aquelas pessoas, se relacionou com elas e testemunhou como viviam. Percebe a diferença? Quando temos um conhecimento teórico a respeito de alguém, podemos tão somente falar sobre a pessoa o que ouvimos a seu respeito por terceiros — não é uma percepção nossa, mas uma interpretação daquilo que disseram para nós. Mas, quando temos um conhecimento prático, falamos do que sentimos, tocamos e vimos por nós mesmos ao nos relacionarmos com essa pessoa. O que dizemos vem da nossa própria experiência, e não da experiência dos outros. A experiência de outros até pode bastar para que se escrevam livros e registros acerca da história humana, mas para o preenchimento do vazio da alma há uma imprescindível necessidade de uma real experiência pessoal com Deus. Portanto, perceber-se miserável é sentir extrema necessidade de que Deus venha, preencha esse vazio e restaure o sentido de tudo.

Mas vimos que Pascal não teve apenas um conhecimento de Deus, mas também o da sua própria condição de miséria — a ausência de Deus e da maravilhosa manifestação da sua vida e virtude. A percepção da miséria da alma humana não pode levar a outro sentimento senão o de desespero. Por quê? Quando se percebe o buraco em que nos encontramos e não se consegue enxergar uma solução a respeito, fica claro que, sublinhando o assunto da nossa temática, a felicidade e o sentido da vida jamais poderão

ser alcançados. Se a tese de Pascal é a de que todo ser humano busca a felicidade, imagine a aterradora sensação de desespero que sentiu quando descobriu que ninguém a pode encontrar por causa dessa condição miserável. Foi a descoberta de que a felicidade é impossível a seres como nós. Só que ele não parou por aí, e essa é a diferença entre Pascal e os filósofos que viram a felicidade como algo passageiro ou ilusório.

Se esse vazio ou miséria da alma humana — a carência de Deus — é que a impedem de encontrar a felicidade e o sentido, o que poderia resolver tal desespero?

Já sabemos a resposta, e Pascal nos dá seu teste-munho:

(...)o conhecimento de Jesus Cristo nos isenta não só do orgulho como do desespero, porque encontramos nele Deus, a nossa miséria e a via única de a reparar” (...) Mas, não podemos conhecer Jesus Cristo sem conhecer ao mesmo tempo Deus e as nossas misérias, assim como o remédio das nossas misérias; porque Jesus Cristo não é simplesmente Deus, mas um Deus reparador das nossas misérias.¹⁰⁸

O filósofo descobriu em Cristo a única via de reparação da miséria porque Nele encontramos Deus, Nele conseguimos enxergar nossa miséria e Ele é o único que pode repará-la porque é o único que pode nos levar de volta ao Criador e a todo o sentido e felicidade que estão Nele. Sua experiência com Cristo foi tão intensa, que ele pôde enxergar claramente o sentido de sua vida, depois que a miséria da alma havia sido resolvida:

Jesus Cristo é o objeto de tudo e o centro para o qual tudo tende. Quem o conhece, conhece a razão de todas as coisas. ¹⁰⁹É preciso, pois, tender unicamente a conhecer Jesus Cristo, uma vez que é só por ele que podemos pretender conhecer Deus de maneira que nos seja útil. Ele é que é o verdadeiro Deus dos homens, isto é, dos miseráveis e dos pecadores. É o centro de tudo e o objeto de tudo: e quem não o conhece não conhece nada na ordem do mundo, nem em si mesmo. Com efeito, além de só conhecermos Deus por Jesus Cristo, só nos conhecemos a nós mesmos por Jesus Cristo.¹¹⁰

Quem poderia falar assim de Cristo se não tivesse tido uma real experiência de resgate? Talvez você pense: “Como um filósofo pode falar assim acerca de um homem? Nenhum homem pode ser o centro e a razão de existência de tudo o que há!”. Realmente nenhum homem pode, a não ser que esse homem seja o próprio Deus encarnado por quem e para quem

todas as coisas foram criadas. Ele vai mais fundo, afirmando que quem não O conhece, além de não conhecer nada na ordem do mundo, não pode nem mesmo conhecer a si mesmo. O amor de Deus em Cristo tem este efeito deslumbrante: quem o recebe, recebe não somente o sentido de sua vida, mas também uma revelação fresca do porquê da existência do mundo.

Edwards

Jonathan Edwards nos ajudou a compreender que o fim supremo para o qual Deus nos criou abarca não apenas o conhecimento de quem Ele é, mas também uma intensa comunicação de um amor e uma alegria plena que ele desfruta em si mesmo desde toda a eternidade. Esse conhecimento progressivo do Criador acaba tornando a criatura cada vez mais parecida com Ele e faz dela uma das mais fortes evidências de que Deus não apenas tem um propósito para nós, mas também deseja proporcionar em Si mesmo uma alegria que não pode ser experimentada em nenhum outro lugar.

Esse renomado filósofo se formou cedo na universidade de Yale, onde foi tutor, e logo se destacou pelo brilhantismo intelectual. Não é de se esperar que alguém que se torna, desde cedo, notável por sua inteligência e alcança destaque no mundo acadêmico pautado toda a sua vida nos aspectos racionais? Entretanto, esse pensador, que também é considerado um dos maiores teólogos da história, é conhecido por pregar uma experimentação do relacionamento com Deus não apenas racional, mas também emocional. O que o teria levado a entender a relação com Deus dessa maneira? Como foi sua experiência de resgate? Confira:

O primeiro momento que eu me lembro daquele tipo de deleite interior em Deus e nas coisas divinas, e, desde então tenho experimentado isso, foi na leitura daquelas palavras de 1Timóteo 1:17. “Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém.” Na medida em que eu lia as palavras, veio em minha alma, como se estivesse derramado por toda ela, um senso da glória do Ser Divino; um novo senso, muito diferente de qualquer coisa que eu tenha experimentado antes.¹¹¹

O pensador nos traz pelo menos duas lições com seu testemunho. A primeira confirma o que temos defendido até aqui: a relação com Deus em Cristo deve se dar através de uma experiência prática, e não de um acúmulo de conhecimento teórico acerca do divino. A segunda escancara aos nossos olhos uma das mais fantásticas consequências dessa experiência: a revelação divina.

Você consegue sentir como esse testemunho está carregado de afeto? Expressões como “deleite interior”, “experimentado”, “veio em minha alma”, “senso de glória” não deixam dúvidas de que, seja lá o que for que Jonathan Edwards tenha vivido com Deus, certamente foi algo carregado de sentimentos produzidos por uma experiência concreta e prática. Essas expressões também nos mostram que a verdadeira experiência com Deus parte do próprio Deus que deseja se revelar a nós. Essa revelação vai nos atraindo para um senso da glória do ser divino que nos leva a experimentar um deleite Nele que não pode ser superado por qualquer outra coisa que conheçamos:

Eu pensei comigo mesmo, quão excelente aquele Ser era e quão feliz eu deveria ser se eu pudesse desfrutar daquele Deus e ser levado para Deus no Céu e ser de fato envolvido por Ele. Eu continuei dizendo e, de fato, cantando estas palavras da Bíblia para mim mesmo; e fui orar, orar a Deus para que eu pudesse desfrutá-Lo, e orei de uma maneira realmente diferente daquela que costumava fazer, com um novo tipo de afeição.¹¹²

A experiência de Edwards nos mostra que a revelação que Deus quer nos dar é a de que a verdadeira felicidade e propósito estão em desfrutar Dele porque o ser humano foi feito exatamente para isso. E por que é necessária uma revelação acerca disso? Porque as pessoas não conseguem enxergar essa verdade. As pessoas correm atrás de uma felicidade inalcançável nos objetos passageiros desta terra porque não conseguem enxergar que a felicidade está em desfrutar de Deus como temos argumentado até aqui. A revelação serve para descortinar os olhos daquele que não consegue ver isso. O detalhe é que ela não pode ser obtida pelo esforço intelectual. A busca intelectual por essa verdade pode até preparar o coração do homem para recebê-la, mas a

revelação divina vem de fora para dentro, ou seja, Dele para nós, e não de nós para nós mesmos. Por isso Jonathan Edwards descreve a revelação que recebeu como um senso da glória divina que “veio a ele”. Vimos que ele pediu a Deus que pudesse desfrutá-Lo porque o próprio Deus o atraía para Si, pois desejava revelar o que de fato aconteceu. Essa experiência nos mostra que permaneceremos cegos e alienados se não houver revelação da excelência deste ser e da felicidade que há Nele e que essa revelação não virá se não partir do próprio Deus. A boa notícia é que o nosso Criador já nos mostrou Sua disposição quanto a esse assunto quando enviou Seu Filho para nos resgatar. Ele quer se revelar! O que nós queremos? Qual será nossa resposta a esse chamado?

Quando alguém é absorvido pela revelação divina, assim como aconteceu com Agostinho e Pascal, um amor por Cristo começa a inflamar seu coração, porque o resgate salvador que Ele operou fica cada vez mais claro:

A partir daquele tempo, eu comecei a ter um novo tipo de compreensão e idéias a respeito de Cristo, e da obra da redenção e do glorioso caminho da salvação através Dele. Eu tinha um doce senso interior destas coisas, que, às vezes, vinham ao meu coração; e a minha alma era conduzida em agradáveis vistas e contemplações delas.¹¹³

Percebe que o filósofo relata como foi conduzido a agradáveis vistas e contemplações da verdade do resgate em Cristo? Isso quer dizer que, sem uma revelação acerca dessa tão grande salvação que Deus realizou em Cristo, nós jamais conseguiremos saborear o “doce senso interior” que a graça que vem do resgate de Cristo pode trazer. Edwards deixa muito claro em seu testemunho que a experiência com Deus em Cristo não tem nada de entediante ou desprazerosa. A partir do momento em que essa revelação é derramada no coração humano, que, antes de Cristo estava obscurecida, um indescritível prazer começa a surgir na relação com Deus, e isso faz com que a pessoa resgatada deseje trocar qualquer outro deleite ou objetivo que possa ter apenas para se deixar conduzir a “agradáveis vistas e contemplações” dessas coisas. A agenda muda. As prioridades mudam. Tudo muda, porque o prazer mudou. Agora uma mente que andava engajada com outros

assuntos passa a desejar gastar tempo em entender como conviver com Cristo e se deleitar em tudo o que o resgate que Ele operou trouxe:

E a minha mente estava grandemente engajada em gastar meu tempo em ler e meditar sobre Cristo; e a beleza e a excelência de Sua pessoa, e o amável caminho da salvação, pela livre graça Nele... Este senso que eu tinha das coisas divinas freqüentemente e repentinamente se inflamava, como uma doce chama em meu coração; um ardor de alma, que eu não sei como expressar.¹¹⁴

Edwards nos conta que essa revelação progressiva do deleite em Deus liberta nosso coração para desfrutar frequentemente de um prazer jamais concebido. Não é à toa que ele usou as palavras: “um ardor de alma que eu não sei como expressar”.

É assim que a experiência de resgate subjuga toda e qualquer tentativa racional de entender a felicidade e o sentido das coisas. Diante de uma experiência como essa, ou melhor, diante das muitas, frequentes e crescentes experiências com o amor de Deus em Cristo, o intelecto humano se rende e se curva finalmente ao seu propósito e, vencido, se entrega à alegria e ao descanso sem comparação que estão no nosso Criador e Redentor. Esse inflamar do coração, essa doce chama que queima a alma humana quando recebe e passa a andar no amável caminho da salvação vem da revelação divina de que, agora, em Cristo, temos paz, estamos seguros, somos amados por Deus e sabemos para onde estamos indo. Não estamos mais perdidos, infelizes e sem propósito.

Confusão ou plena convicção?

Você acha que as pessoas, como os mártires e os pensadores, que dedicaram as suas vidas à proclamação da mensagem do resgate em Cristo estavam confusas em relação à realidade ou estavam plenamente convictas em relação à sua razão de existência?

Os mártires abriram mão de algo muito forte para o ser humano — o instinto de sobrevivência — quando trocaram a vida pela morte consequente da perseguição. Os pensadores abriram mão de algo muito

importante para os filósofos da época — sua imagem diante da sociedade — quando trocaram uma posição de respeito por uma de desprezo, já que muitos os consideraram loucos por proclamarem essa mensagem. O que poderia fazer com que essas pessoas se expusessem dessa forma senão a convicção e a certeza dos efeitos estrondosos que esse resgate produziu em suas vidas, transformando-as para sempre? A experiência com Cristo foi tão forte, que eles não conseguiram fazer outra coisa senão compartilhar o que aconteceu com outras pessoas. Não é difícil de entender o que os impeliu a fazer isso. Suponha que você e mais algumas pessoas sofreram um acidente de carro. O carro de vocês perdeu o controle e caiu em um grande buraco. Vocês sobreviveram, mas já estão há alguns dias sem comer e sem beber porque não encontraram um jeito de escapar de lá e ninguém passou por ali para resgatá-los. Olhando o lugar mais uma vez para ver se encontra uma saída, você percebe uma pequena abertura e descobre que ela, na verdade, é a entrada de um túnel que leva para fora do buraco. O que você faria? Compartilharia com muita alegria o meio de salvação que encontrou ou os deixaria para morrer?

A transformação e, principalmente, a restauração do sentido de vida tocaram a vida dessas pessoas de tal forma e com tal intensidade, que não lhes interessava o sofrimento ou serem tomados por muitos como loucos se pudessem, ao menos, contar como o amor de Deus os resgatou através de Cristo. Para eles, seria como guardarem para si o segredo da salvação, deixando as pessoas para agonizarem na infelicidade e na falta de sentido, para dizer o mínimo. Não foi por outro motivo que resolvi escrever este livro. Eu mesmo tenho vivido essa transformação desde que Ele me resgatou. Progressivamente, tenho aprendido a desfrutar desse propósito e sentido de vida e posso atestar que esses testemunhos excedem as teorias cristãs e os combinados religiosos. A alegria que esse resgate traz vai nos tomando de tal forma, que não conseguimos deixar de compartilhar da graça das boas novas de Cristo. A revelação do amor de Deus na pessoa e na

obra de Cristo vai ganhando cada vez mais espaço dentro dos corações resgatados, de forma que Ele passa a ser para cada um de nós o que Ele é desde a eternidade: o Centro de todas as coisas, em quem reside todo o sentido de vida e a verdadeira felicidade.

¹⁰⁰ AGOSTINHO, 2007, p. 67.

¹⁰¹ AGOSTINHO, 2007, p. 81.

¹⁰² AGOSTINHO, 2007, p. 81.

¹⁰³ AGOSTINHO, 2007, p. 115.

¹⁰⁴ AGOSTINHO, 2007, p. 3.

¹⁰⁵ PASCAL, 2002, p. 20.

¹⁰⁶ PASCAL, 2002, p. 59.

¹⁰⁷ PASCAL, 2002, p. 59.

¹⁰⁸ PASCAL, 2002, p. 59.

¹⁰⁹ PASCAL, 2002, p. 59.

¹¹⁰ PASCAL, 2002, p. 57.

¹¹¹ Trecho extraído do Jornal “Os Puritanos”, Recife, PE, ano 1, n. 3, ago., 1992. p. 13.

¹¹² Trecho extraído do Jornal “Os Puritanos”, Recife, PE, ano 1, n. 3, ago., 1992. p. 13.

¹¹³ Trecho extraído do Jornal “Os Puritanos”, Recife, PE, ano 1, n. 3, ago., 1992. p. 13.

¹¹⁴ Trecho extraído do Jornal “Os Puritanos”, Recife, PE, ano 1, n. 3, ago., 1992. p. 13.

CAPÍTULO 19

Caminhando de volta

Depois de tudo o que vimos até aqui e de todas as histórias chocantes que foram compartilhadas, encontraremos, provavelmente, pelo menos dois tipos de leitores: aqueles que ainda não conseguem enxergar que no relacionamento com o Criador está a solução para a sensação de falta e o vazio da alma e aqueles que já se deixaram maravilhar por essa verdade. Para o segundo grupo, é muito provável que ainda tenha perseverado uma inquietante questão: mas como? Como desfrutar do sentido de vida e da felicidade em Deus?

Temos respondido parte dessa questão em tudo o que tratamos desde o começo desta seção até aqui. Vimos que, para que a humanidade pudesse ter a oportunidade de voltar ao propósito inicial para o qual foi criada, o próprio Criador precisava fazer algo, uma vez que Sua criação se extraviou e estava completamente distante Dele e sem a menor condição de voltar sozinha. Desenvolvemos a ideia de que, por amor, Deus a resgata do buraco em que caiu enviando o Seu próprio Filho, que dá a Sua vida para que tudo seja restaurado. Contamos com o testemunho de muitas pessoas acerca desse resgate, confirmando que uma experiência como essa é capaz, sim, de fazer com que alguém encontre novamente seu propósito de vida.

Se pensarmos na história do Rei Bondoso, toda essa primeira parte se relaciona com o aparecimento do Príncipe para reaver o povo que se foi dando-lhes uma oportunidade de voltar com Ele. Da mesma forma, Deus nos dá essa oportunidade através do resgate da humanidade operado por Cristo. Mas não é tudo. A oportunidade existe, mas, assim como aconteceu na história, Cristo espera uma resposta daqueles que são alvo do Seu resgate. Portanto, há um outro lado nessa história. Se Deus em Cristo prova o Seu amor e o desejo que tem de não nos ver condenados para sempre ao buraco

no qual nos enfiados, nós precisamos dar uma resposta a esse amor e mostrar o que queremos: vamos permanecer alienados desse amor ou vamos nos render a ele? Obviamente, se não nos fosse oferecida nenhuma oportunidade de voltar, jamais poderíamos fazê-lo. Entretanto, já que essa graça nos foi oferecida, precisamos nos posicionar.

Você se lembra de que a condição colocada pelo príncipe foi a de que todos aqueles que quisessem voltar com ele para o reino de seu pai deveriam deixar tudo para trás e segui-lo? Pois bem, aí está nossa resposta: caminhar de volta. Não pense que essa oferta surtirá algum efeito sem que tomemos alguma posição. Os cristãos têm um nome muito peculiar para essa decisão que cada um de nós precisa tomar: arrependimento. Sei que essa palavra não é lá muito popular nos nossos dias. O que se ouve por aí das pessoas mais “resolutas” é — “Eu não me arrependo de nada do que fiz, e digo mais: Faria tudo de novo!!!”. Muitos veem pessoas que falam dessa forma como gente muito confiante, decidida e arrojada. Sabe por que pensam assim? Porque arrependimento pressupõe um erro cometido. Alguém se arrepende do que fez porque percebeu que estava errado a respeito de algo, e pessoas tão “seguras” assim jamais podem admitir que erraram alguma vez. O orgulho está impregnado em seus corações e não há espaço para o que consideram “fraquezas”. Mas nós, que queremos encontrar nosso real sentido e satisfação em Deus, não podemos pensar assim. Se até aqui você conseguiu compreender que a felicidade e o propósito da vida não estão em nada que se possa conseguir neste mundo, mas tão somente naquele que é o fim último e a primeira causa de tudo o que há, sabe que vai precisar mudar de posição, uma vez que este mundo está completamente carente do que necessitamos — Deus.

Já que essa é uma palavra que pode causar calafrios em alguns, talvez surjam algumas questões: por que preciso me arrepender e de quê? Ora, se arrependimento é a maneira como caminhamos de volta, será impossível

voltarmos para o Criador e para tudo o que pode ser desfrutado Nele sem arrependimento, concorda?

Sei que essa resposta pode ser insuficiente para alguns. Então, para compreendermos melhor a necessidade do arrependimento, vamos entendê-lo em pelo menos dois sentidos, e ambos podem nos ajudar a caminhar de volta.

Podemos partir de um entendimento mais raso para um mais profundo. Em um primeiro nível, o arrependimento pode ser entendido de forma muito prática. Sabemos que se arrepende de algo alguém que percebe que, de alguma maneira, falhou ou cometeu um erro. Talvez você possa imaginar ou, até mesmo, se lembrar de alguma decisão importante que precisou tomar quando tinha duas alternativas a escolher. Ao optar por uma delas, você percebeu depois de um tempo que havia tomado a decisão errada e se arrependeu amargamente de tê-la feito. Como quando você está entre duas oportunidades de emprego e escolhe o que, na hora, te parece mais vantajoso, e depois no decorrer do tempo percebe que não poderia ter escolhido pior. Ou quando opta por uma faculdade entre as várias opções e lá para o segundo ou terceiro ano percebe que não era bem o que você esperava e se arrepende de ter desperdiçado aquele tempo e dinheiro. Investimentos equivocados, escolha errada de lugares para se morar, parcerias e sociedades mal avaliadas... Não faltam exemplos de decisões erradas que podemos tomar e que podem desencadear uma avalanche de frustrações que, muitas vezes, ficam na memória para o resto da vida. Afirmo que esse tipo de arrependimento tem um aspecto muito prático porque diz respeito às consequências das decisões que tomamos. Em todos esses exemplos, o que nos traz a sensação de ter cometido um grande erro é o fato de que nada aconteceu como esperávamos. Tomamos uma decisão importante esperando um resultado, e ele não veio. É um sentimento que nos faz pensar: “Se pudesse decidir de novo, não escolheria essa alternativa”. O sentimento de frustração que perdura em nós por conta dessas decisões

vem do fato de que a maioria delas é irremediável. Como recuperar o tempo, o dinheiro e os relacionamentos perdidos? Em casos assim, é muito difícil que se possa fazer algo que mude tudo o que aconteceu. O que fazemos, então, é lidar com o sentimento da melhor forma e continuar caminhando tentando melhorar.

Mas será que a decisão que a humanidade tomou em se afastar do seu Criador é irremediável? Por causa de Cristo, vimos que não. Se estamos em uma caminhada na direção do grande propósito do Criador para nós, mas temos, até aqui, andado na direção errada porque toda a raça está andando nesse rumo desde tempos remotos, podemos, por causa do resgate, mudar de direção e caminhar de volta para esse propósito.

Assim, o arrependimento em um primeiro aspecto é admitir ao menos um erro: ter procurado a felicidade e o sentido de vida em lugares e coisas incapazes de proporcioná-los. Não temos tratado disso em vários momentos no decorrer deste livro? As pessoas vivem correndo atrás de objetos que pensam poder dar-lhes a tão sonhada felicidade e, quando o conseguem, logo a sensação se vai e tudo o que lhes resta fazer é correr atrás de outro. Passam a vida assim pensando que essa situação é irremediável. Pensam: “A vida é assim mesmo”. Mas o próprio Deus veio nos mostrar na pessoa de Seu Filho que estamos enganados. Recebemos a oportunidade de não permanecer para sempre no caminho errado. Não precisamos mais, por causa da oferta do Príncipe, continuar bebendo de uma fonte rasa de água suja e que não mata a nossa sede por felicidade e sentido. Diante disso, o que você pensa em fazer? Vai continuar caminhando na direção de propósitos fúteis que não podem te trazer o verdadeiro sentido ou vai caminhar de volta com o Filho e aprender a desfrutar da verdadeira felicidade que só Ele pode proporcionar?

Em um segundo e mais profundo nível, podemos entender o arrependimento não apenas como a percepção de não estarmos

conseguindo alcançar o sentido de vida por estarmos procurando em coisas erradas. Se você parar para pensar, o fato de não conseguirmos encontrar a felicidade nesses objetos é consequência de outro problema. Já vimos que fomos criados para encontrá-la em apenas um: nosso Criador. Ele nos fez para Ele mesmo e, enquanto não conseguirmos completar nosso coração com Seu amor, não descansaremos. Sendo assim, nosso desejo de mudança e transformação precisa ser construído sobre um fundamento mais sólido do que a frustração de não estarmos conseguindo o que queremos para ser felizes. É mais uma questão de essência do que de existência. Tem mais a ver com o que somos do que com o que temos. Se a razão para existirmos pode ser encontrada apenas nos propósitos do nosso Criador e, por consequência, nossa real felicidade, precisamos nos arrepender de não estarmos, até aqui, andando de acordo com esse propósito. Precisamos admitir que não temos condições de dirigir nossa própria vida, já que nossa percepção acerca do sentido das coisas está distorcida porque estamos longe Dele, e a única maneira de reparar esse erro é voltar com o Príncipe e aprender com Ele sobre a verdadeira vida.

Esse nível de entendimento acerca do arrependimento é mais profundo porque mostra onde está a raiz de todos os problemas: depois que nossa raça se distanciou do amor do Criador, ficamos completamente desalinhados com o que pode preencher nosso coração. Perdemos a percepção de que tudo o que existe, existe para cumprir um propósito Dele, e não nosso, e isso inclui nossa própria vida. Não conseguimos enxergar que tudo o que há é sustentado por esse amor e só terá uma existência útil em responder e refleti-lo de alguma forma. Percebe como uma mudança de paradigma assim pode transtornar completamente a forma como vemos a vida? Foi exatamente o que aconteceu com aqueles que foram alcançados pelo resgate de Cristo. Essas pessoas perceberam que precisavam caminhar de volta com o Filho para voltar a viver com o Pai. Enxergaram que seus corações permaneceriam vazios e carentes se não caminhassem de volta com o

Príncipe. Viram que não se trata de uma questão material. A necessidade de um relacionamento íntimo com o Rei supera a necessidade de desfrutar de suas terras. O próprio Deus se torna muito mais importante do que tudo o que Ele pode dar. Conhecê-Lo, falar com Ele, ouvir a Sua voz e entender os Seus propósitos passa a ser o maior tesouro que essas pessoas possuem. Elas descobriram que o maior prazer que se pode alcançar é viver para o prazer de quem os criou. Assim, nada é mais importante para elas do que desfrutar da presença de Deus diariamente e, enchendo-se do Seu amor, compartilhá-lo com o maior número de pessoas possível.

Espero mesmo que você tenha percebido que é impossível para alguém que está procurando o sentido da vida encontrá-lo sem voltar para o Criador. É natural que haja forte resistência de nossa parte a essa decisão que precisa ser tomada. Como aquele povo da nossa história que havia se acostumado com seu novo lar, a humanidade se acostumou com essa vida desajustada e desalinhada do que está no coração de Deus. Acomodou-se a uma felicidade rasa e ilusória como os pensadores expuseram no início do livro, e essa condição maquia nossa real situação em relação à verdadeira felicidade.

Mas pense comigo: quem decide não receber a oferta de paz oferecida pelo Filho de Deus se assemelha a uma pessoa que, tendo caído no buraco e recebido uma oferta de ajuda — como alguém estendendo uma corda ou providenciando um meio de saída para ela —, resiste ao resgate se recusando a subir para a superfície ou parece com uma pessoa que, tomada pela infecção e prestes a morrer, se recusa a receber o remédio e ser curada pelo médico. Não há outra saída ou consequência para essa pessoa senão permanecer na condição em que está: no buraco sem perspectiva de salvação ou doente, ambos prestes a morrer. Como uma pessoa assim pode enxergar o seu sentido de vida ou razão de existência? Portanto, não permitir que o arrependimento nos conduza de volta com o Filho significa de fato tomar a decisão de abrir mão de tudo aquilo que Ele está oferecendo:

a restauração do sentido, da felicidade e da vida — resumindo: do relacionamento com Ele.

Mais do que força de vontade

Se surgiu no seu coração um desejo ardente de caminhar de volta, mas se sente completamente incapaz de fazê-lo, tenho mais algumas boas notícias para você. Já vimos que o grande problema que podia nos impedir de voltar para o Criador foi resolvido por Ele mesmo quando, por meio de Cristo, fomos resgatados do buraco em que nos enfiamos. A resolução desse problema estava muito além das nossas forças, e por isso, se Deus não tivesse intervindo, nada disso seria possível. Outro problema surge quando nos vemos em uma posição de ter que decidir se vamos querer continuar em uma condição alienada da felicidade que há em Deus ou vamos atender ao Seu chamado e caminhar de volta com Seu Filho. Esse último problema é resolvido quando conseguimos perceber a real necessidade de voltar para o Criador e então tomamos uma firme decisão: deixamos tudo para trás e caminhamos de volta com o Príncipe. Tomada essa importante decisão, surge outro problema quando a distância entre o desejo e sua realização se torna enorme. Percebemos o quanto precisamos voltar para o Criador se quisermos desfrutar de uma verdadeira felicidade e sentido de vida, mas nos sentimos completamente incapazes para tal. Por mais que possamos desejar uma nova vida, ainda nos sentimos arraigados no modo antigo de viver, de forma que essa mudança nos parece impossível. Trago mais uma vez as palavras refrescantes de Lewis para nos ajudar:

Pois muito bem, temos de nos arrepender. Entretanto, a maldade que nos faz precisar disso nos impede de fazê-lo. Será que podemos arrepender-nos se Deus nos ajudar? Sim, mas o que significa essa ajuda? Significa que Deus, por assim dizer, coloca um pouco de si mesmo em nós. Empréstamos um pouco de sua razão e assim nos tornamos capazes de pensar; nos dá um pouco do seu amor e, dessa maneira, amamos uns aos outros. Quando ensinamos uma criança a escrever, seguramos-lhe a mão ajudando-a a desenhar as letras. Ou seja, ela só pode formar as letras porque nós as formamos. Nós amamos e raciocinamos porque Deus ama e raciocina e, enquanto isso, segura a nossa mão.¹¹⁵

Não posso descrever como essas palavras mexeram comigo. Mesmo já andando há algum tempo nessa caminhada de volta aos propósitos do Criador e da felicidade que está Nele, eu não tinha conseguido perceber que Deus não nos chama de volta sem nos dar condições para isso. Pensando que você pode dar conta do recado e seguir sozinho o caminho de volta, você acaba carregando um fardo desnecessário que só traz frustração e dor. Isso acontece porque algumas pessoas de forma equivocada pregam que a responsabilidade por voltar e o peso que isso acarreta são todos seus e Deus já não tem mais nada a ver com isso, uma vez que Ele já pagou pelo nosso resgate. São pessoas que pensam que apenas a força de vontade humana dá conta do recado. Entretanto, esse pensamento minimiza a bondade do Senhor. Ele sabe que não temos condições de fazer essa caminhada de volta sem a Sua ajuda. Lembra que na história do Rei bondoso o Príncipe levaria de volta todos aqueles que manifestassem a vontade de voltar? A decisão por deixar aquela terra que estava distante do Reino do rei bondoso era de cada um deles, mas, em decidindo voltar, o Príncipe os guiaria por todo o caminho. Não é à toa que o Príncipe profere as palavras mais consoladoras que podíamos ouvir, sabendo que a missão de fazer esse caminho de volta não é nada fácil:

Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.¹¹⁶

Lewis nos dá a perspectiva de que Deus nos chama de volta e ainda nos dá condições de voltar. Ele não joga toda essa responsabilidade sobre nós como quem diz: “Agora se vira!”. Antes, com Seu terno amor, Ele se faz carne e habita entre nós na pessoa de Seu Filho e nos acompanha a cada passo do caminho. Assim, se nossa decisão é de voltar com Ele para o reino de Seu Pai, precisamos aprender Dele e, sem dúvida, encontraremos descanso para as nossas almas. Durante a minha jornada com o Filho de Deus rumo aos propósitos de Seu Pai, tenho enfrentado momentos em que penso: “Será que

consigo?”. Não foram poucas as vezes em que me senti fraco e incapaz de me voltar para Deus e para os sonhos que tem para mim. Nesses momentos, sinto Sua gloriosa presença me sustentando e me empurrando a seguir pelo caminho. Não foram raras as situações em que pude desfrutar de um renovar sobrenatural de forças vindo de Deus. Nas ocasiões em que olhamos à nossa volta e só podemos contar com o sustento Dele, temos a oportunidade de provar que Ele é realmente bom e cheio de amor. Como um Pai que acompanha os primeiros passos de um filho, nosso Amado nos levanta quando caímos e nos ensina a continuar tentando até aprendermos a caminhar. Nos momentos em que as forças se vão e as lágrimas de tristeza e frustração querem nos vencer, Ele nos toma e nos empresta da Sua divina capacidade de forma que conseguimos sobrepujar todo o medo e continuamos caminhando. Nas horas em que nossa fé esmorece, Ele nos dá da Sua certeza e nos ajuda a perseverar. É uma aventura diária caminhar de volta com o Príncipe!

Pensando no exemplo de Lewis, imaginamos uma criança tentando com muita dificuldade escrever sua primeira palavra e, então, o pai, vendo a dificuldade de seu filho, coloca sua mão sobre a dele e o ajuda a escrever, “emprestando” a ele toda a sua capacidade de escrita. Da mesma forma, vendo toda a nossa debilidade, nosso Pai coloca sobre nós uma capacidade divina que nos empurra para esta nova vida. Ele não nos deixa sós nessa caminhada, afinal de contas como saberíamos o caminho se o Príncipe não nos guiasse? Espero de coração que essa perspectiva tenha te enchido de expectativa por aquilo que Deus quer fazer em você. Uma pergunta pode ter surgido diante de tudo o que acabamos de expor: como essa capacitação acontece? Como o Pai coloca Sua mão sobre a nossa e nos ajuda a formar nossas primeiras palavras?

¹¹⁵ LEWIS, 2005, p. 26.

¹¹⁶ [Mateus 11: 28-30.](#)

CAPÍTULO 20

Um maravilhoso Presente

Você já reparou como um pai ou uma mãe ficam ansiosos para ver um filho seu dando o primeiro passo ou falando a primeira palavra? Na vontade de vê-lo se desenvolvendo e crescendo, os pais fazem de tudo para que, de alguma forma, ele consiga vencer as limitações naturais da primeira infância e comece a desfrutar um pouco do mundo dos adultos. Para isso, não poupam esforços: o tomam pelos bracinhos e vão andando com ele de um lado para o outro da sala, esperando que, repentinamente, comece a caminhar sozinho; ficam repetindo exaustivamente as palavras na expectativa de que, em algum momento, saia um: “papa...” ou “mama...” que os fará arrepiar dos pés à cabeça; quando suas mãozinhas já estão mais firmes, o ajudam a segurar a colher da papinha para que comece a aprender a se alimentar sozinho. Vencidas as primeiras limitações, agora o pai anseia por ver seu filho lendo e escrevendo, andando de bicicleta, fazendo amigos na escolinha... “Como será que ele vai se sair? Será que vai se adaptar? Será que vai aprender rápido?” Os anseios paternos e maternos jamais acabam. Logo estão pensando se sua eterna criança conseguirá terminar bem o ensino médio e saberá tomar a decisão certa sobre a faculdade: “Será que a carreira que escolheu é a certa? Será que ele vai achar espaço neste mercado tão voraz e terá como se sustentar?”. Quando os namoros de juventude começam a se tornar sérios e logo o filho ou filha encontram o parceiro que será aquele com quem dividirão suas vidas, os desejos de que tudo dê certo na nova família que vai se formar apertam o coração dos corujas: “Será que é a pessoa certa? Será que vão conseguir uma vida estável? Casa própria? Conforto?”.

Todas essas inquietações fazem com que o amor que os pais têm para com seus filhos os empurrem para um desejo ensandecido de ensinar-lhes tudo sobre a vida. O fato de já terem passado por todas essas fases e

adquirido experiência e habilidade para vencê-las faz com que, em todas elas, eles queiram auxiliar, acompanhar, instruir... É aquela velha frase: “Eu sei como é, filho, já passei por isso...”. Alguns têm esse sentimento tão forte, que acabam agindo de forma desequilibrada e correm risco até mesmo de sufocar o desenvolvimento do filho, que precisa de espaço para aprender por si mesmo. Tenho certeza de que muitos pais se sentem frustrados quando ensinam a forma correta de agir, porque já passaram por determinada experiência, mas o filho não quer ouvir e, lá na frente, acaba sofrendo por não ter dado importância às palavras dos pais. Devem pensar: “Se eu pudesse transferir num piscar de olhos toda a minha experiência! Se fosse possível, colocaria minha mão sobre ele e lhe daria toda a capacidade que adquiri para que ele pudesse se desenvolver saudavelmente e não cometesse os mesmos erros que eu! Se fosse possível, colocaria um pouco de mim nele!”.

Entre os seres humanos, a maneira encontrada para que as habilidades, a experiência e a capacidade sejam, de certa forma, transferidas de um para o outro, a fim de que todas possam se desenvolver, é o ensino, a influência, o compartilhar. É assim que crescemos. Vamos aprendendo com as pessoas, com as circunstâncias — com a vida.

Assim como olhamos para nossos filhos, nosso Pai Celeste olha para nós e, vendo nossas dificuldades em viver para os Seus propósitos — e isso inclui desfrutar da felicidade e do sentido que há Nele —, deseja nos ajudar a viver essa nova vida que o Filho proporciona àqueles que desejam voltar com Ele para o Reino de Seu Pai. Tem um salmo que explica bem essa realidade: *“Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o Senhor tem compaixão dos que o temem”*¹¹⁷. Quando alguém decide voltar com o Filho, está se dispondo a uma nova vida que não conhece e por isso se assemelha a um bebê que está no começo de uma jornada. Como acontece com toda caminhada, esse processo de crescimento é gradual e exige tempo e esforço para que se possa colher os frutos da maturidade. Assim como levantamos

nossos filhos quando caem ao darem os primeiros passos, nosso Pai está sempre ao nosso lado para nos ajudar em cada tropeço nessa empreitada.

Deixamos uma pergunta pendente há algumas folhas: como Ele faz isso? Como essa ajuda e capacidade vêm?

Se entendemos que a forma como os humanos amadurecem e se desenvolvem é através do ensino e da influência e Deus é o Criador de tudo o que há, inclusive dos seres humanos e da maneira como eles progridem, precisamos enxergar que foi o próprio Deus quem colocou no ser humano a capacidade de desenvolvimento através do ensino. Se conseguimos aprender e ensinar, é porque o Pai nos fez assim. Como temos visto ao longo do livro, a partir do momento em que os seres humanos se afastaram do Criador, tudo o que é verdadeiramente bom também se afastou de nós, de forma que acabamos reproduzindo maus ensinamentos uns aos outros, e isso inclui uma noção completamente errada e distorcida do que é felicidade e sentido de vida. Olhando para nós com compaixão ao ver o nosso estado, Deus Pai coloca em Seu Filho nossa única chance de restauração. Como, então, você acha que Ele nos ajuda nessa restauração?

Em primeiro lugar, usando aquilo que nos foi dado de mais natural para o nosso desenvolvimento: o ensino. Se Seu povo se extraviou de Seus bons caminhos, o próprio Deus, na pessoa de Seu Filho, vem a nós e nos ensina a respeito da verdadeira vida. Por que você acha que Cristo dividiu a história e é tido por muitos como o mestre dos mestres? Seus ensinamentos restauram no ser humano o sentido e o norte da vida divina e a maneira como os homens deveriam viver — para Deus. Sua influência sobre a história humana é tão grande, que muitas religiões não consideradas cristãs usam seus ensinamentos e o tem por grande mestre. O problema é que certamente Ele é muito mais do que um grande mestre dentre muitos iluminados. Sua influência assombrosa decorre do fato de que Ele é o próprio Deus encarnado ensinando aos homens a respeito de Sua vontade e Seus propósitos. Nesse ponto, as pessoas

se dividem em dois grupos: aquelas que veem Cristo como uma pessoa muito importante dentre muitas que colaboraram para o desenvolvimento espiritual da humanidade e aquelas que veem em Cristo sua única chance de restauração. Para estas últimas, Ele não é apenas um grande mestre, mas o ser eterno que criou tudo o que há e por isso pode ensinar sobre o verdadeiro sentido de tudo. É importante entender essa diferença, porque ensinar aos homens a respeito da vontade do Pai foi uma das coisas que o Filho veio fazer, mas, como vimos, há muito mais riqueza a ser encontrada no Príncipe.

Não fosse o fato de Cristo estar ensinando a respeito do que Ele mesmo criou, alguns poderiam confundi-Lo (como o fazem) com uma grande personalidade que viveu intensamente e morreu deixando um legado principiológico magistral. Mas Seu amor se revela para muito além dos incomparáveis ensinamentos que veio trazer. Naquela cruz, o Deus eterno, como vimos, pagou nossa dívida e colocou sobre nós um crédito que não tínhamos para que pudéssemos voltar ao relacionamento com o Pai. Não se contentando com o fato de nos levar de volta, Deus olha nossa situação e, vendo que não sabemos o caminho de volta, ensina através do Filho sobre a verdadeira vida de Deus para os homens. Mas todos sabemos que aprender sobre algo não é o mesmo que viver esse algo. Você precisa aprender sobre como é pilotar um avião e ser capacitado para isso. Imagine o que pode acontecer se você decide pilotar pela primeira vez um Airbus levando 200 pessoas só com o conhecimento de sala de aula?

Se o grande desejo de um pai é ensinar boas coisas aos seus filhos a ponto de querer que suas próprias habilidades sejam dadas a eles, quanto mais nosso Pai Celeste? Aliás, o Deus encarnado disse o seguinte a respeito disso — registro feito por Mateus: *“Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”*¹¹⁸. Lucas registra a mesma expressão de outra maneira: *“Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos*

*seus filhos, quanto mais o Pai que está no céu dará o Espírito Santo a quem o pedir!*¹¹⁹ (grifo meu). Aqui temos um dos grandes mistérios da nossa existência. Nesse momento, pago a dívida de algumas páginas atrás e compartilho mais uma impressionante verdade a respeito do amor e misericórdia do nosso Criador: o maravilhoso presente que recebemos quando decidimos voltar com o Filho de Deus é que Seu Espírito vem habitar dentro de nós. Se os pais gostariam de poder fazer algo além de ensinar — como “emprestar” suas habilidades —, para que seus filhos possam progredir, mas estão limitados a isso, nosso Pai Celestial não está: Ele não apenas nos empresta Suas habilidades, mas vem morar dentro de nós a fim de que nosso progresso, que mira uma vida a ser vivida para Ele, seja fundamentado não somente em Seus ensinamentos sobre ela, mas em uma capacidade divina para tal.

Afirmar que essa vida divina dentro de nós é um presente pode dar a impressão errada de que esse processo é algo do qual podemos abrir mão, afinal de contas um presente pode ser recebido ou não. Não é o caso. A vida divina dentro de nós é essencial para que possamos viver uma vida com Deus, e já justificamos antes o porquê: não temos condições naturais para viver essa vida. Nossa natureza foi corrompida quando viramos as costas para o Criador e perdemos a noção do que é verdadeiramente bom. Dessa forma, o único jeito de restaurar nosso coração é restaurando nossa natureza e recuperando em nós um tipo de vida há muito perdida. Não me peça para explicar como isso acontece, pois existem algumas coisas impossíveis de serem explicadas, e muito da beleza dessas coisas vem desse fato. O que podemos testemunhar é que tudo realmente começa a mudar dentro de nós. Se o ensino sobre essa nova vida seduz nosso coração, a capacidade dada pelo Espírito do próprio Deus dentro de nós torna essa nova vida uma realidade prática no nosso dia a dia.

A impressão de Lewis a respeito desse milagre que acontece conosco é a seguinte:

Não existe outra maneira de se alcançar e usufruir a felicidade para a qual fomos criados. Saiba você que não só as coisas más, mas também as boas, são contraídas como uma espécie de infecção. Se você quer se aquecer, tem de se aproximar do fogo; se quer se molhar, tem de entrar debaixo d'água. Se quer a alegria, o poder, a paz e a vida eterna, tem de se aproximar ou mesmo penetrar naquilo que as contém. Essas coisas não são prêmios que Deus poderia, se quisesse, simplesmente conceder a qualquer pessoa. São uma grande fonte de energia e de beleza que jorra a partir do próprio centro da realidade. Se você estiver próximo a fonte, as rajadas de água o molharão; se se mantiver afastado, continuará seco. Quando um homem está unido a Deus, como poderia não viver para sempre? Quando está separado de Deus, o que pode fazer senão definhar e morrer?¹²⁰

Quando voltamos para o Criador a partir do chamado de Cristo, nos aproximamos da vida divina como alguém gélido se aproxima de uma lareira em uma noite fria de inverno. Tudo começa a se aquecer dentro de nós. Nos sentimos finalmente vivos! A sensação de falta e vazio que habita o coração humano nada mais é, como já dissemos, do que a consequência desse afastamento daquele que é a fonte do sentido e da felicidade. Lewis usa a figura de uma boa infecção para nos ajudar a entender como a vida divina entra em nós e vai tomando tudo dentro de cada um. Mas poderíamos entender também como um processo de desinfecção se pensarmos que a maldade que passou a habitar em nós e nos mantém longe do Pai começa a ser expurgada quando o próprio Deus passa a viver em nós. De fato, o que testemunhamos é que essa fonte de vida vai gradativamente levando embora tudo o que está morto. Muito se poderia dizer a respeito do que Deus realmente faz quando vem habitar em nós. Até diria que muitos livros poderiam ser escritos para descrever essa fantástica transformação operada pelo Filho, não fosse o fato de que eles já têm sido escritos desde os tempos de Cristo. Já vimos que muitos testemunharam e ainda o fazem a respeito disso. Mas, como o foco do livro é encontrar um sentido para tudo aqui, basta que entendamos que a única maneira de nos esvaziarmos do vazio é permitirmos que sejamos preenchidos com essa vida divina que jorra sobre aquele que se aproxima do Pai Celestial. Nesse processo, a obscuridade da falta de sentido vai dando lugar à luz da vida divina. O tatear no escuro dá lugar à visão cada vez mais clara da beleza insondável de Deus na pessoa de Cristo que extravasa nossa percepção para ver um caminho sobre-excelente

que nos leva à verdadeira fonte de sentido e felicidade que se inicia aqui e se completa na eternidade.

¹¹⁷ Salmos 103: 13.

¹¹⁸ Mateus 7: 11.

¹¹⁹ Lucas 11: 13.

¹²⁰ LEWIS, 2005, p. 62.

CAPÍTULO 21

A felicidade, o sofrimento e a transitoriedade

Entendo que essa última frase deva ter provocado algum desconforto, pois sugere que o sentido e a felicidade de que temos tratado sejam de alguma maneira ou em certo grau incompletos. Por isso, talvez tenham restado ainda dois pontos a serem vencidos e que podem ter martelado sua cabeça ao longo dos temas abordados até aqui: o sofrimento e a transitoriedade. Questões como: “Será que uma felicidade duradoura é possível em um mundo tão instável e com tanto sofrimento?”, ou “Que sentido há em tanto sofrimento se tudo é tão passageiro?”, vistas ao longo do livro podem ter perseverado até então mesmo depois de tudo o que exploramos, e por isso é interessante abordar esses temas uma última vez.

Para entendermos como o sentido e a felicidade a serem desfrutados em Deus se relacionam com nosso fatídico contexto de sofrimento e instabilidade, precisamos retomar a ideia de que o mundo como o conhecemos é apenas uma sombra do que deveria ter sido e do que ainda será. Portanto, se o Filho de Deus vem não somente para nos resgatar, mas também para restaurar todas as coisas, significa que tudo está passando por um processo de restauração, e isso inclui a cada um de nós. Nada do que vemos ficará completamente livre do sofrimento e da transitoriedade até que essa restauração aconteça. Aliás, essa é uma das grandes esperanças que o cristão tem: haverá um tempo em que a morte será revestida de imortalidade e o que está corrompido se revestirá em Cristo de incorruptibilidade. Assim, para desfrutarmos do sentido e da felicidade em Deus aqui, precisamos entender o momento em que nos encontramos hoje, e esse momento não é a fase final dessa restauração. Esse processo se iniciou de forma ampla quando Cristo se deu naquela cruz e se inicia em nós de forma específica quando somos resgatados por Ele, mas só se completa em um momento posterior. Será, então, que tudo o que afirmamos em relação à

felicidade e ao sentido a serem desfrutados em Deus está limitado à efemeridade ou não passa de uma ilusão como afirmaram os filósofos? Rodamos e rodamos para chegar à mesma conclusão?

Precisamos tomar cuidado para não cairmos em nenhum dos dois extremos acerca do tema. Se por um lado não podemos pensar que ao encontrar a felicidade e o sentido em Cristo tomaremos uma única dose de alegria extrema (como se fosse um elixir mágico) com efeito para o resto da vida que nos livrará de qualquer sofrimento ou tristeza, por outro lado não podemos pensar que nosso momento de transição põe termo à possibilidade de que há, sim, um sentido e uma felicidade reais a serem desfrutados em Deus. Parece confuso? Vou tentar explicar.

Muitos podem pensar que, no momento em que somos resgatados por Deus através de Seu Filho e voltamos a nos relacionar com Ele, nossa fome acaba para sempre e passamos a viver no País das Maravilhas. Seria um grave erro pensar assim. Quando encontramos a verdadeira satisfação em Deus, estamos encontrando a única fonte de satisfação. O que se descobre aqui é que aquilo que se pensava ser a fonte de saciedade não é. Estávamos comendo um punhado de areia desértica pensando ser água fresca. Assim, quando você come um punhado de areia, você não consegue matar a sua sede — sede se mata com água, e não com areia! Entretanto, isso não significa que a partir daquele momento você não terá mais sede, mas sim que você está bebendo algo que verdadeiramente mata a sua sede (te satisfaz). Por conta de um corpo que perece e precisa se hidratar, dali a pouco você precisa tomar água de novo. Nossa relação com Deus é bem parecida. Nossa vida espiritual precisa ser saciada a todo o momento na única fonte capaz disso — Deus e o relacionamento com Ele. Como queremos matar nossa sede de Deus em outras coisas, ela perdura ainda que consigamos esses objetos. Uma vez que o objeto não sacia nossa alma, corremos atrás de outro e de outro, ou seja, estamos sempre atrás da verdadeira fonte de saciedade, como temos afirmado repetidas vezes.

Entretanto, quando a encontramos, nossa sede poderá sempre ser saciada, dia após dia, momento após momento. Essa é a fase do relacionamento com Deus em que estamos e é maravilhosa! Qual é a sensação que você tem quando toma aquele copo de água fresca em um dia de verão escaldante? Poucos prazeres são comparáveis. Saciar-se em Deus, vez após vez, é ter a oportunidade de experimentar na relação diária com Ele um prazer indescritível. Por que corremos atrás de objetos incapazes disso quando podemos desfrutar de uma saciedade que constante e progressivamente pode ser satisfeita em Deus? Quanto mais nos saciamos, mais aumenta nosso desejo por Ele e, quando isso acontece, mais penetramos em Sua essência e somos penetrados por ela.

Quanto ao sofrimento que se impõe a nós de variadas formas, podemos aprender que é possível manter nosso coração concentrado no sentido e na felicidade que estão nessa fonte eterna quando conseguimos olhar para o sofrimento e ver para além da dor e da frustração sentidas no momento em que ele ocorre. Não entenda o que vou afirmar como uma espécie de fuga da realidade, pois nesse momento de transição em que estamos o sofrimento nos é real e arrebenta o nosso coração por tantas vezes. Mesmo assim, é possível lidar com ele de uma maneira construtiva de forma a cooperar para o desenvolvimento da vida divina em nós. Sei que para alguns é difícil acreditar, mas as muitas experiências nas vidas de muitos cristãos testemunham que o sofrimento, quando experimentado sob essa ótica e na capacidade do Espírito de Deus em nós, acaba por produzir progresso e sentido. Vemos essa realidade bem patente em dois momentos: nos sofrimentos das pessoas à nossa volta e no nosso próprio sofrimento.

Quando estamos frente ao sofrimento de alguém, podemos fazer mais do que lamentar ou nos alienar, podemos nos comover e ajudar. Certamente, a vida divina em nós nos empresta da sua compaixão e nos empurra a fazermos algo a respeito daqueles que sofrem. De repente, uma situação de calamidade e dor pode se tornar uma oportunidade para que quem esteja

passando por isso experimente através de nós um amor divino jamais percebido. Assim, essas pessoas experimentam a satisfação de poderem ser consoladas por pessoas inspiradas por Deus, e aquele que é instrumento desse amor pode experimentar a satisfação de ser útil nas mãos do Pai para o consolo dos que choram.

Quando estamos frente ao nosso próprio sofrimento, temos mais dificuldade de enxergar como ele pode de alguma maneira nos ajudar, já que a dor que sentimos é intensa e parece não acabar, não é mesmo? Mas, a partir do momento em que confiamos nossas vidas às mãos do Criador, vamos aprendendo que o sofrimento pode nos ajudar de muitas formas. Através dele, percebemos que Deus nos faz mais fortes do que pensávamos ser à medida que vamos aprendendo a suportá-lo mais a cada vez que o vencemos. Aliás, o fato de o suplantarmos por tantas vezes nos dá experiência para ajudarmos futuramente os que passarem por situações parecidas. Ele é uma oportunidade para experimentarmos o amor de Deus à medida que somos consolados pelo Seu Espírito nos momentos mais duros e sentimos que não estamos sós nas nossas lutas. Seu amor e compaixão são derramados sobre nós e nos ajudam a perseverar. Aprendemos nesses momentos que a dependência de Deus não é uma opção, mas uma realidade à qual vamos nos render ou não.

O sofrimento nos ajuda a olhar para a eternidade. Mas o que isso quer dizer? Nada melhor do que uma boa dose de sofrimento para enxergarmos como este mundo é realmente passageiro e está esperando por um desfecho eterno. Quando sofremos aquelas dores agudas, seja na alma ou no corpo, pensamos que esse momento de angústia jamais terá fim, mas quando menos esperamos aquela situação já se foi e nós a superamos. Veio e se foi, como uma onda no mar, como diria o compositor. O que fica depois disso é o quanto conseguimos aprender com esses sofrimentos. Aliás, o que os torna úteis para nós é exatamente o quanto deles nos aproveitamos. Muitas vezes, eles nos ajudam a nos desarraigarmos daquilo que é passageiro. Sofremos

quando perdemos algumas coisas que considerávamos importantes, como bens materiais, e no fim percebemos que aquelas coisas não tinham toda essa importância. Sofremos com a perda de conforto, status, poder, e de repente percebemos que essas coisas nada eram, porque existe um sentido maior na vida e uma felicidade incomparavelmente superior em Deus. Se permitirmos, o sofrimento acaba se tornando para Deus uma espécie de poda em nós. Quando o jardineiro poda uma árvore, ele o faz para que ela possa crescer e se desenvolver melhor. Para isso, corta um galho aqui e outro ali e, em alguns casos, a árvore está quase toda sem galhos! Uma forma um tanto dolorosa de crescer, não acha? Mas, dali a pouco, após esse processo, você a vê com galhos novos, florescendo e frutificando. Dessa forma, o sofrimento que vem sobre nós nas diversas fases das nossas vidas pode cooperar para que possamos florescer e frutificar, dando ao nosso Criador os frutos e as flores que Ele espera de nós. Ele é o Grande Jardineiro, e nós somos para Ele como um Jardim Fechado.

Enfim, vimos que o ser humano, de forma geral, tem um vazio em si que procura preencher com vários objetos ao longo da vida. Por trás desses objetos de desejo, percebemos que o que ele realmente espera encontrar é uma felicidade que possa satisfazê-lo. Já entendemos que a razão pela qual o homem precisa trocar de objeto o tempo todo se deve ao fato de que esses objetos não têm em si a qualidade necessária para satisfazer uma alma criada para se satisfazer em Deus. Neste sentido, gostaria de fechar este apanhado de reflexões com uma última que pode esclarecer alguma dúvida que possa surgir em relação ao fim último do homem e ao sentido de sua existência: “Se o ser humano está correndo atrás da felicidade o tempo todo e esta felicidade está em Deus, ele encontrará seu fim último na felicidade proporcionada por Deus ou no próprio Deus? Será que para nós a felicidade que está em Deus deve ser mais importante do que o próprio Deus? Se Deus é o fim último como vimos, não seria errado mirar a felicidade e o sentido que estão Nele em vez Dele mesmo?”. Não teremos o menor problema em

procurar nosso sentido de vida e nossa felicidade em Deus se entendermos que Deus e a Felicidade não estão em oposição. Aliás, não seria de se estranhar se percebêssemos que nem sequer existe uma relação de causalidade entre os dois. Não estamos procurando Deus para que Ele nos dê felicidade. Poderíamos dizer até mesmo que a felicidade nem sequer é um efeito da busca de Deus, porque, na verdade, a felicidade é o próprio Deus, e fora Dele não há qualquer tipo real de satisfação. Se a alma humana procura de forma natural por um sentido ou pela felicidade, o que ela realmente quer é Deus! Verdadeira razão de tudo o que há e fonte eterna de alegria, satisfação, sentido e amor. A Felicidade tem um nome, e o seu nome é Jesus.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Alfredo Bosi. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Versão eletrônica. Digitação: Lucia Maria Csernik. 2007. Disponível em: <www.monergismo.com>. Acesso em: 07 mar. 2017.
- AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios: A vida feliz*. Revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Posfácio Eucanaã Ferraz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Posfácio Maria Esther Maciel. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios – Livros 3º e 4º*. Tradução: D. Odilão Moura O. S. B. Porto Alegre: EDIPUCRS em coedição com Edições EST., 1996.
- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica – vol. III*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, 552 p.
- ARISTÓTELES. *Metafísica* (Livro I e II), *Ética a Nicômaco*, *Poética*. São Paulo, Abril S.A. Cultural, 1984, 329 p.
- BERHANE, Helen; NEWRICK, Emma. *Canção da Liberdade: A história real de fé e perseguição de uma cantora gospel*. São Paulo: Ed. Vida, 2011, 144 p.
- BLAISE, Pascal. *Pensamentos*. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.ngarcia.org). 2002. 143 p.

- COLLINS, Francis. *A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Ed. Gente, 2007, 280 p.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Ed. Unesp, 2002, 51 p.
- FARIA, Abenides Afonso de. *A pergunta de Aristóteles*. São Paulo: Ed. Baraúna, 2011.
- FOX, John. *Livro dos Mártires* (1559). Edição eletrônica. Tradução: Daniela Raffo (2008). Versão disponível em: <www.semeadoresdapalavra.net>. Acesso em: 07 mar. 2017.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e Outros trabalhos* (1927-1931). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Ed. Imago. 157 p.
- GERMER, Guilherme Marconi. *A busca da felicidade: Nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer*. Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer. 2º semestre 2011, Vol. 2, Nº 2 — ISSN: 2179-3786, pp. 113-127.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução e Prefácio: Afonso Bertagnoli. São Paulo: Digitalização da edição em papel da Edições e Publicações Brasil Editora S.A., 1959 (2004).
- LEWIS, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 77 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A FELICIDADE PARADOXAL: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência* (1882). Tradução: Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. Editora Escala. 284 p.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro* (1886). Tradução: Márcio Pugliesi, Universidade de São Paulo. Ed. Hemus S.A., 2001. 230 p.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano — Um livro para espíritos livres* (1878, 1886). Tradução: Paulo César Lima de Souza. Ed. Companhia de Bolso, 2000. 215 p.
- PIPER, John. *Não jogue sua vida fora*. Tradução: Neuza Batista da Silva. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2006. 160 p.
- PIPER, John. *A Paixão de Deus por Sua Glória*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2008. 256 p.
- PIPER, John. *Plena Satisfação em Deus — Deus glorificado e a alma satisfeita*. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2009.
- PLATÃO. Eutidemo. *Texto estabelecido e anotado por JOHN BURNET*. Tradução, apresentação e notas MAURA IGLESIAS. Ed. PUC Rio, Edições Loyola.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Julia da Rosa Simões. Volume 743 da Coleção L&PM POCKET. Porto Alegre: L&PM, 2010, 144 p.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *The World as Will and Representation – Volume II*. Trad. E. F. J. Payne. New York: Dover Publications, 1958.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Versão eletrônica do livro quatro (4) da obra “O Mundo como Vontade e Representação”* (1819). Tradução: Heraldo Barbuy. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- SILVA, Luís Valério da. *Jonathan Edwards, o piedoso teólogo do coração e do intelecto*. Monografia apresentada para obtenção do título de Bacharel no

Curso de Teologia com ênfase em Missiologia na FATEV (Faculdade de Teologia Evangélica). Curitiba, 2001. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/edwards_monografia.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2017.

WASHER, Paul. *O poder do Evangelho e sua mensagem*. Série: Recuperando o Evangelho. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2013. 304 p.

WURMBRAND, Richard. *Torturado por amor a Cristo*. Tradução Rev. Israel Gueiros Filho. Publicação da “VOZ DOS MÁRTIRES”, 1976. Digitalizado por: Dimas Silva.

* Todos os textos bíblicos foram extraídos da Bíblia Sagrada — Nova Versão Internacional (NVI).

